

associação fóruns do campo lacaniano

stylus



revista de psicanálise
nº 16 maio 2008

Família e inconsciente II

associação fóruns do campo lacaniano

stylus

revista de psicanálise

Stylus	Rio de Janeiro	nº 16	p. 1-152	maio 2008
--------	----------------	-------	----------	-----------

© 2008, Associação Fóruns do campo Lacaniano (AFCL)
Todos os direitos reservados, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Stylus

Revista de Psicanálise

é uma publicação semestral da ASSOCIAÇÃO FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO
Rua Goethe, 66 - 2º Andar - Botafogo - CEP 22281-020 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
fclrj@fclrio.org.br

COMISSÃO DE GESTÃO DA AFCL

Diretor: Antonio Quinet

Secretário: Rosane Melo

Tesoureiro: Elisabeth Rocha Miranda

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO DE STYLUS

Andréa Hortélio Fernandes

Alba Abreu Lima

Andréa Brunetto (coordenadora)

Daniela Scheinkman-Chatelard

Maria Helena Martinho

ASSESSORIA DE EDIÇÃO

Vera Pollo

INDEXAÇÃO

INDEX Psi Periódicos (BVS-Psi)

www.bvs.psi.org.br

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

André da S. Cerqueira

IMAGEM CAPA

Composição

FOTOLITOS

Cromoarte Fotolito Digital

IMPRESSÃO

Editora UFMS

CONSELHO EDITORIAL

Ana Laura Prates Pacheco (EPFCL)

Andréa Fernandes (EPFCL/UFBA)

Ângela Diniz Costa (EPFCL)

Ângela Mucida (EPFCL/Newton Paiva)

Angélia Teixeira (EPFCL/UFBA)

Bernard Nominé (EPFCL-França)

Clarice Gatto (EPFCL/Fiocruz)

Christian Ingo Lenz Dunker (EPFCL/USP)

Daniela Scheinkman-Chatelard (EPFCL-UnB)

Edson Saggese (IPUB/UFRJ)

Eliane Z. Schermann (EPFCL)

Elisabete Thamer (Doutoranda da Sorbonne-Paris)

Eugênia Correia Krutzen (Psicanalista/Natal-RN)

Gabriel Lombardi (EPFCL/U. Buenos Aires)

Graça Pamplona (EPFCL)

Helena Bicalho (EPFCL/USP)

Henry Krutzen (Psicanalista/Natal-RN)

Kátia Botelho (EPFCL/PUC-Minas)

Luiz Andrade (AFCL/UFPB)

Marie-Jean Sauret (U. Toulouse le Mirail)

Nina Araújo Leite (UNICAMP)

Raul Albino Pacheco Filho (PUC-SP)

Sônia Alberti (EPFCL-UERJ)

Vera Pollo (EPFCL-PUC/RJ, UVA)

FICHA CATALOGRÁFICA

STYLUS : revista de psicanálise, n. 16, maio de 2008

Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

17 x 24 cm.

Resumos em português e em inglês em todos os artigos.

Periodicidade semestral.

ISSN 1676-157X

1. Psicanálise. 2. Psicanalistas - Formação. 3. Psiquiatria social. 4. Psicanálise lacaniana. Psicanálise e arte. Psicanálise e literatura. Psicanálise e política.

CDD : 50.195

sumário

- 7 *Editorial: Andréa Brunetto*

ensaios

- 13 Joan Salinas-Rosés: *Psicanálise e psicoterapia. O desejo do analista?*
23 Gabriel Lombardi: *Nomeação e tipo clínico*
31 Vera Pollo: *Vozes de família*

trabalho crítico com os conceitos

- 45 Colette Soler: *Nomeação e contingência*
53 Zilda Machado: *A família está viva!*
67 Bárbara Guatimosim: *Da filiação à nobre bastardia: linhagem real do desejo*

direção do tratamento

- 77 Bernard Nominé: *Amor e sintoma: os laços do amor e o nó do sintoma*
89 Lenita Pacheco Lemos Duarte: *O “guardião” dos filhos nas separações conjugais e divórcios: de quem é a escolha?*

entrevista

- 105 Andréa Brunetto entrevista Manel Rebollo: *O Campo Lacaniano na Espanha*

resenhas

- 125 Didier Castanet: *Le Séminaire, livre XXIII: le sinthome*, de Jacques Lacan
131 Andréa Brunetto: *O inconsciente a céu aberto na psicose*, de Colette Soler
135 Vera Pollo: *A subjetividade por vir – ensaios críticos sobre a voz obscena*, de Slavoj Žižec

contents

- 7 Editorial: Andréa Brunetto

essays

- 13 Joan Salinas-Rosés: *Psychoanalysis and psychotherapy. The analyst's desire?*
23 Gabriel Lombardi: *Naming and clinical type*
31 Vera Pollo: *Family voices*

critical paper with the concepts

- 45 Colette Soler: *Nomination and contingency*
53 Zilda Machado: *The family still alive!*
67 Bárbara Guatimosim: *From the filiation to the noble bastardy: real lineage of the desire.*

the direction of the treatment

- 77 Bernard Nominé: *Love and symptom. The bows of love and the knot of the symptom*
89 Lenita Pacheco Lemos Duarte: *The guardian in the separations and divorces: who makes the choice?*

interview

- 105 Andréa Brunetto interviews Manel Rebollo: *The Lacanian Field in Spain*

reviews

- 125 Didier Castanet: *Le Séminaire, livre XXIII: le sinthome* by Jacques Lacan
131 Andréa Brunetto: *O inconsciente a céu aberto na psicose* by Colette Soler
135 Vera Pollo: *A subjetividade por vir – ensaios críticos sobre a voz obscena* by Slavoj Žižek

Editorial

Neste número continuamos falando da família e do inconsciente e nossa revista está bastante internacional, com autores de vários países, mas que mantêm uma só vertente teórica-clínica: a de não se furtarem ao ato e de tomarem o desejo do analista como um “ponto absoluto que não têm de ser adiado para amanhã”. Assim Lacan se refere no “Discurso na Escola Freudiana de Paris”.

Referimo-nos ao ato e ao desejo do analista por dois motivos. O primeiro, para lembrar que estamos às vésperas do V Encontro Internacional do Campo Lacaniano, em julho próximo, na cidade de São Paulo, cuja temática é o tempo. E o segundo, para apresentar o primeiro artigo desta revista: Joan Salinas-Rosés trabalha esse “ponto absoluto” que é o desejo do analista para diferenciar as psicoterapias e a psicanálise. Toma de *O Seminário, livro 11*, a afirmação lacaniana de que a transferência é o fechamento do inconsciente, para mostrar como o amor “é um bom terreno para possíveis enganos” e o desejo do analista o que permite ao analisante circunscrever sua relação com a pulsão.

As transformações sociais têm seus efeitos na organização da família – monoparentais, homoparentais, filhos de diversas uniões, a reprodução assistida etc – mas será que isso significa o fim da família como muitos autores, inclusive psicanalistas, têm vaticinado? O artigo de Zilda Machado, retomando os principais escritos de Freud e Lacan sobre a família, responde que não: a família está bem viva.

O direito pode acompanhar as mudanças sociais e com isso ser influenciado para normatizar a família. O artigo de Lenita Pacheco Duarte sobre a guarda dos filhos nos litígios vem a calhar exatamente neste momento em que a lei da guarda compartilhada, chegou atrasadamente a nosso país.

A nomeação é o tema de vários artigos. Para começar, o de Gabriel Lombardi reafirma a importância da clínica estrutural contra o estabelecimento de *borderlines* psicanalíticos. Com isso, ele trabalha o nome próprio e o patronímico na obra de Lacan relacionando-os com os tipos clínicos. Em contraposição ao anonimato do neurótico, a construção de uma obra com o nome próprio.

A nomeação que faz laço social é o tema do artigo de Colette Soler. A autora nos mostra essa função como disjunta da família e do sexo: não é a família que nomeia e sim a nomeação que "mantêm juntos, e sem passar necessariamente pelo estado civil, o anel no dedo, a coabitação..."

Vera Pollo e Bárbara Guatimosim apelam, respectivamente, à literatura e à filosofia para trabalhar a função do pai e a nomeação. Pollo, a partir de sua análise da obra, e de alguns fatos da vida do escritor japonês Yukio Mishima, apresenta-nos a relação dele com o "crime e castigo". Relaciona as vozes de família com o *seppuku* cometido por ele em nome da tradição e do imperador. A passagem teórica de Lacan do Nome-do-Pai ao pai de "o Nome do Nome do Nome" (Lacan, 1974) é trabalhada por Bárbara Guatimosim.

Em Amor e sintoma, Bernard Nominé compara o laço do amor com o nó do sintoma e pergunta-se qual o efeito sobre o imaginário ao final de uma análise. Os significantes copulam na desordem da família, sustenta o autor. E nos mostra isso na clínica.

Na seção de resenhas, Didier Castanet apresenta-nos O seminário, livro 23: o *sinthoma*, de Lacan. Usamos o verbo apresenta e não resenha, pois seu texto é bem mais: nele, apresenta-nos o seminário 23, o contexto em que Lacan o deu e explica aos leitores de Stylus as aulas de Lacan sobre a nomeação. Desse modo, podemos afirmar que sua resenha é mais um artigo sobre a nomeação. Vera Pollo resenha a coletânea de artigos de Slavoj Žizek, lançada em Lisboa. E eu mesma, o livro de Colette Soler, *O inconsciente a céu aberto na psicose*.

Por ocasião do Encontro Nacional dos Colégios Clínicos da Espanha e da AePCL, entrevistei Manel Rebollo. Nessa entrevista ele conta aos leitores brasileiros um pouco da história da psicanálise na Espanha e da situação atual do Campo Lacaniano no país. Também expõe a situação atual dos serviços de Saúde Pública e a expansão da terapia cognitiva na Espanha. O panorama sobre as psicoterapias apresentado por ele não é diferente do que vivemos aqui no Brasil. Nesse sentido, é muito importante a entrevista porque nos mostra que essa expansão – tão preocupante para os psicanalistas de todos os lugares – evidencia um capitalismo globalizado que quer tudo rápido, que tem avidez de tratamentos rápidos, mesmo à custa de não se solucionar nada e

tudo continuar do jeito que está. Desse modo, a psicanálise acaba ficando excluída dos ambulatórios de saúde estatal – pelo menos é assim na Espanha, não sei precisar exatamente como estamos no Brasil. E em decorrência disso temos de nos perguntar qual o papel da psicanálise em nosso tempo. O que podemos ou devemos fazer frente a isso? E como? Terminamos com a pergunta, apostando que poderemos discutir a psicanálise e o tempo no encontro próximo, em São Paulo.

Andréa Brunetto

ensaios



Psicanálise e psicoterapia. O desejo do analista?

JOAN SALINAS-ROSÉS

Seja em uma análise ou em uma psicoterapia, existe o que denominamos “direção do tratamento”. Que ela seja distinta em um ou outro tipo de *práxis*, parece-me evidente. Como também é evidente que o suporte de ambas encontra-se na *Übertragung* freudiana, que se traduz por transferência. Ainda me parece óbvio que, dependendo do manejo e uso que se faça da transferência, encontremos não somente a dualidade psicanálise/psicoterapia mas, dentro do campo próprio de cada uma, um leque amplo de como considerar e fazer “com” a transferência.

Deliberadamente não vou entrar no campo diferencial entre as distinções psicanálise/psicoterapia; porém considero, que dependendo da direção do tratamento e da posição ocupada pelo analista - sublinho analista - fica clara boa parte da questão ora aberta ao debate. Assim, pretendo deixar claro o seguinte ponto de partida: se tomo o analista como referência, e sua *práxis* como os efeitos de sua formação e orientação, podem dar-se uma *práxis* e feitos analíticos à margem daquilo que espera o sujeito que os recebe, ou mesmo do social. Em outros termos, se o analista ocupa seu lugar e atua a partir dele, o resultado é um efeito analítico. Atuar como analista é privilegiar o inconsciente discurso do Outro.

Sabe-se que esse campo da análise ao qual nos referimos hoje, diversos autores o teorizam distintamente, e inclusive encontramos nas obras, tanto de Freud, como de Lacan, concepções variadas e, às vezes, dessimétricas. Tal situação obriga o leitor, e muito mais o praticante, a tentar encontrar uma resolução interna no texto, ou ao menos, a encontrar suas próprias respostas.

A referência ao mítico Jano, o deus de duas caras, parece-me útil para ilustrar não só a dualidade análise/psicoterapia, mas também para aplicá-la às pressuposições internas de um mesmo autor. Requerem-se esclarecimentos e eles devem passar por uma

certa “interpretação” do que o autor quis dizer.

Para entrar no tema de hoje e em meu título, podemos caracterizar a própria transferência como tendo ao menos duas caras: uma formada pela dimensão amor/ideal/sugestão, outra formada pela pulsão e a sexualidade como realidade do inconsciente. Aplicando-se ao título, as caras se redobram: as duas caras da transferência se aplicam a Jano, com suas duras caras, por sua vez....

À propósito da transferência, Freud nos dá excelentes exemplos. Pegu um: considera a transferência como a condição necessária para toda cura e, ao mesmo tempo, como “a arma mais forte a serviço da resistência”.

Em que Freud sustenta sua segunda afirmação? Em uma de suas teses *princeps*: a transferência é amor, “autêntico amor” nos dirá, para deduzir que, sendo assim, todo amor tem uma dupla face. Por uma parte, uma dimensão erótica e, por outra, a dimensão narcísica e de idealização do objeto amado, tendendo então à sua idealização e identificação. A exaltação do objeto amado, o analista, no caso – *Freud dixit* – leva a uma demanda de correspondência e a um desinteresse pela análise, e à espera de obter a satisfação da solicitação amorosa.

Além, claro, da recomendação ao analista de que, sabendo tudo isso e levando-o em conta em sua prática, não ceda às demandas, etc... não encontrei em Freud respostas mais explicativas sobre a ação necessária do analista frente a isso.

Posso complicar um pouco mais. Isto é Freud quem o complica quando escreve a respeito: “confessamos prontamente que os resultados da psicanálise baseiam-se na sugestão (se a entendemos como) influência de um ser humano por meio dos fenômenos transferenciais possíveis com ela”.¹ E, para acrescentar, uma afirmação com a qual todos estaremos de acordo: se algo não deve ser o resultado e os efeitos de uma análise é cair na sugestão efetuada pelo analista, posto que seria cair em uma imitação daquilo com o qual Freud começou. Ou melhor, a hipnose, que ele imediatamente abandonou para inventar a psicanálise.

A problemática freudiana, assim colocada, levou alguns pós-freudianos a diversas direções do tratamento: desde cair na sugestão e, inclusive, pontencializá-la, até teorizar a identificação

¹ Freud. La dinámica de la transferencia (1912/1993, p. 103).

com o analista-persona, ou com o Eu, ou com o supereu, como um final de análise. Isto já é sabido, bem como os resultados que teve.

Quando Lacan passa a ocupar-se do problema, ele o faz escalonadamente e de diferentes modos, criticando o núcleo principal. Assim, à propósito das chamadas resistências, encontramos em seu ensino diversas teorizações.

Direi algumas delas. O que Lacan chama resistência? Respondo textualmente: é tudo aquilo que se opõe ao trabalho analítico. E terminará essa asserção afirmando que temos de situar as resistências do lado do analista. Portanto, é o analista que resiste, não o analisante. E por quê? Para responder, Lacan usa o recurso do “poder descricional do ouvinte” – o analista, neste caso.

Em seus dois primeiros seminários² refere-se à resistência. Se precisa colocá-la em alguma parte – e precisa – há de ser no nível do discurso. Para tanto, é o analista que prioriza, em sua escuta/discriminação, o enunciado do analisante. Nesse discurso, o analista é o único que pode colocar uma possível resistência no analisante, por ser ele, o analista, que não pôde escutar além do enunciado, e, por ter priorizado tais ou quais significações, pode depois cair nelas. É só tomando isso como base que o analista pode pronunciar ou pensar um “Você resiste”, referindo-se ao analisante, seja porque, como digo, não pode ouvir além, seja por um caso pior, que considere uma “resistência” o fato de o analisante não aceitar uma interpretação condensada e plena de sentido. Tanto em um caso como em outro, o “poder descricional do ouvinte-analista”, ou seja, o poder de se deixar levar pela determinação que os significantes privilegiam, está obturado neles. Podemos chamar intervenções efetuadas a partir do eu do analista, exercícios de sua consciência, ditames à base de seus preconceitos. Ou para resumir: colocação em ato de seu narcisismo.

Ao, afirmar literalmente que segue Freud, Lacan alega reiteradamente que “o inconsciente não resiste”. E isso é idêntico à afirmação freudiana de que o inconsciente não aspira senão a chegar à consciência.³ Podemos entender tal afirmação lacaniana quando, em paralelo a Freud, observamos que ele coloca a resistência como um efeito produzido pelo Eu. Quando Lacan fala

² Lacan, “El Seminario, libro 1: Los escritos técnicos de Freud”. E também “El Seminario, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica del psicoanálisis”. Não me parece nada casual que Lacan tenha começado seu ensino referindo-se a pontos delicados da prática analítica. É surpreendente ver, ainda hoje cinquenta anos depois, que o escrito como denúncia da prática então imperante, continua sendo atual em determinadas escolas.

³ Freud, *El Yo y el Ello* (1923/1993).

da resistência do lado do analista, coloca-a igualmente do lado das intervenções de seu próprio Eu, o que o impede de estar no nível da enunciação discursiva do analisante. Como já mencionei: Lacan situa a resistência no nível do discurso.

Se chegamos até aqui, o problema poderia parecer resolvido, mas que dizer da tese de Lacan da transferência como “presentificação do fechamento do inconsciente”?

Com esta citação de “O Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise”, inicio meu traçado conclusivo, apoiando-me, também, em outras citações: “A transferência é o que manifesta na experiência a colocação em ato da realidade do inconsciente, na medida em que ela é sexualidade⁴. Ou seja, estabelece o vínculo entre a transferência sexual e um inconsciente também sexual. Citado assim, temos um tripé lacaniano de difícil equilíbrio: uma transferência sendo a colocação em ato do sexual; um inconsciente também sexual; e, ao mesmo tempo, uma transferência que fecha o inconsciente.

Precisamos colocar em equilíbrio o tripé para chegar ao que Lacan chama “o final da experiência analítica”, definida nessa segunda citação: “levar a experiência do sujeito ao plano no qual pode presentificar-se, da realidade do inconsciente, a pulsão”⁵.

Diante desse tripé, Lacan usa três utensílios. O primeiro é a metáfora do que ele chama “a bela”, em referência a uma mulher bela, que representaria o inconsciente e estaria encerrada em uma casa. O segundo refere-se a um objeto de pesca, a nassa, como contendo também em seu interior o inconsciente. E o terceiro, como recurso da topologia, é chamado de “oito interior”.

A respeito da transferência como presentificação do fechamento do inconsciente, Lacan é explícito. Refere-se muito claramente ao Eu do sujeito que, interessado na transferência, trata de efetuar esse fechamento. Remete, como Freud, à dimensão do amor e suas demandas. A transferência seria assim uma via precária para um suposto acesso ao inconsciente.

A transferência é “essencialmente resistente”⁶, pois é *Übertragungswiderstand*⁷, resistência de transferência, em Freud. Por meio dela interrompe-se a comunicação com o inconsciente, porque ele se fecha novamente. É o contrário de uma transmissão-“transferência de poderes” do inconsciente. É mais sua

4 Lacan. El Seminario, libro 11: Los quatros conceptos fundamentales Del psicoanálisis”. (1964/1987, p. 181).

⁵ Ibid, p. 136.

⁶ Ibid, p. 136.

⁷ Ibid, p. 136.

dificuldade, quando não seu fechamento.

Equiparando o inconsciente à “bela” dentro de uma casa, Lacan nos diz algo como: “é a bela a que há de dirigir-se”⁸. A metáfora continua com o sentido de que, quando nos aproximamos da bela/inconsciente, mais a bela-transferência fecha portas, janelas e postigos, pois ela que não pede outra coisa: que sejam abertos.

⁸ *Ibid*, p. 137.

Recorre então Lacan a suas definições do inconsciente como discurso do Outro, à interpretação e ao manejo do objeto. Como aceder à bela? Responde: “O discurso do Outro que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado de lá do fechamento (não está dentro da casa), está do lado de fora. É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura dos postigos.”⁹

⁹ *Ibid*, p. 137.

Dá, portanto, todo o peso à interpretação, ao que “sai da boca do analista” e ao manejo do objeto. Justamente por isso a “colocação em ato da realidade do inconsciente” é o que mais se trata de evitar em uma análise, pois toma a transferência como objeto – a isso chama-se analisar a transferência.

Porém a que se refere Lacan quando usa a expressão de que “a transferência manifesta a colocação em ato da realidade do inconsciente”? Essa expressão, ele mesmo a qualifica de “palavra-promessa”, ou seja, de algo a esperar e a potencializar, além de permitir. Não se trata de algo que se produza por si, sozinho.

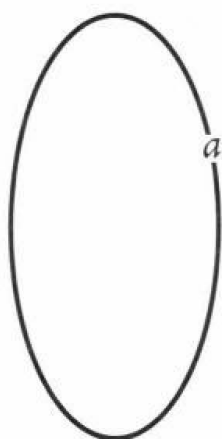
Bem ao contrário. Sem a ação do analista ocorre a permanência do fechamento, a manutenção da identificação. Considero, que na palavra-promessa, Lacan procura dar conta da necessidade não já de uma direção do tratamento, mas de uma forma muito particular de levá-la a cabo.

A respeito dessa “colocação em ato”, distingue entre a colocação em ato de “uma ilusão”, que faria empuxo à idealização identificatória, a uma normalização segundo *standards* e a “colocação em ato” da sexualidade.

A referência à nassa¹⁰ guarda analogias com a “bela” da casa. Em seu desejo do utensílio para pescar, refere-se ao inconsciente dentro dessa nassa. Não se trataria de entrar nela para tirá-lo, e sim simplesmente de permitir sua saída pela única abertura existente. Trata-se do que sai daí e não de entrar nela, do mesmo modo que não se trata de entrar na casa através

¹⁰ *Ibid*, p. 150.

de suas portas/janelas, senão de “chamar de dentro”.



Esquema da *nassa*

Vê-se neste esquema que um objeto, o objeto *a*, está justamente na abertura, tamponando sua saída, como um obturador. A metáfora de Lacan é ilustrativa. A ação do analista deve encaminhar-se para o deslocamento desse objeto para que, em uma “pulsção temporal” – referência ao ato – o objeto se desloque e algo do inconsciente possa sair. Há referência à voz e ao analista como semblante desse objeto e ao inconsciente como esse discurso do Outro. Se, com a *nassa*, trata-se de deslocar o objeto que obtura a saída, com a “bela” em casa, trata-se, Lacan nos diz, de chamar de dentro, via voz – um objeto *a* – ao discurso do Outro. É preciso fixar que aqui esse Outro e seu discurso, referido ao inconsciente, não concerne a dois sujeitos, só a um.

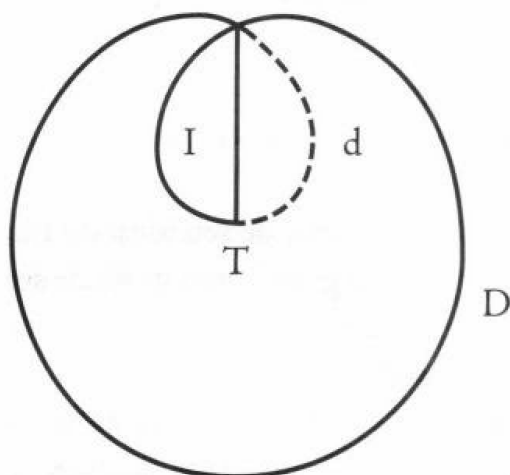
Voltando a essa “manifestação da realidade sexual do inconsciente”, a transferência, podemos vê-la e constatar que, além de sua dimensão amorosa e de engano, via fascinação, há uma presença pulsional escondida, porém presente sob o obstáculo da imagem. Se a imagem do objeto é o “*i(a)*”, o objeto desinvestido deste envoltório, cai como puro objeto *a*, objeto da pulsão/causa do desejo.

Lacan inquire, todavia, um pouco mais. Pergunta-se que quer dizer “o peso da realidade sexual se inscreverá na transferência”.¹¹ Posso responder: se a demanda transferencial está articulada em significantes, deixa um resto metonímico que “corre sob ela”. Um resto não indeterminado, trata-se da condição absoluta e inatingível, necessariamente em impasse e que por tudo é fecundo e se chama desejo.

É a partir do desenvolvimento topológico do *cross-cap*,

¹¹ *Ibid.*, p. 161.

formalizado no chamado “oito interior” que se pode representar o desejo, entre a demanda e a realidade sexual.



D: linha da demanda
I: linha da “identificação”
T: ponto da transferência
d: o desejo

Nessa topologia tudo depende da linha pontuada chamada “d” de desejo, e por ela se presentifica na experiência a incidência do sexual. Tal desejo, por sua função de permitir a saída do curto-circuito da demanda/transferência/identificação a que o analisante, por inércia, tende no tratamento, Lacan chamará desejo do analista. E a saída possível do analisante do curtocircuito, permitirá, por sua vez, abrir a dimensão de seu desejo, alheio às identificações idealizadas sob condições de amor. Se o analisante, recorrendo ao campo da demanda, chega até ao ponto “T” da transferência, de onde a identificação, “I”, volta a relançar a demanda, o curtocircuito pode se etenizar.

Ao falar de amor, Lacan nos indica que é um bom terreno para possíveis enganos. O perigo de um sujeito em análise conseguir enganar o Outro é correlativo à dimensão de engano que o amor tem para cada sujeito.

Nessa manobra do sujeito de “tratar de persuadir ao outro de que tem o que pode completar-nos, asseguramo-nos de poder seguir desconhecendo o que nos falta”.¹² É a manobra encontrada por nós em toda situação de amor, e o amor de transferência é um amor verdadeiro.

Em toda demanda de amor, o sujeito tenta atrair o Outro tratando de convencê-lo de que tem o que lhe falta, em uma reativação das primeiras experiências com seu Outro primordial. O objeto que foi para esse Outro, Outro incompleto, um objeto que procurava completá-lo. Assim, nas sucessivas demandas de amor,

¹² *Ibid.*, p. 139.

o sujeito “faz-se objeto”, tratando de fazer o Outro crer que ele, como objeto, pode dar o que lhe falta.

Este é o perigo que Lacan assinala: o de enganar o Outro na demanda transferencial de amor. Em correlato: se o sujeito na transferência se oferece como “objeto amável”, espera também, especularmente, que o Outro seja amável com ele: demanda de reciprocidade.

Se isso se leva a cabo, o sujeito a partir de seu ideal do Eu, se verá – visto pelo Outro – sob a forma grata como gosta de ser visto: a identificação é idealizada. É o curto-circuito definido por Lacan: uma análise baseada na identificação ao analista.

Por isso, vai se referir ao analista como o “separador”. Separador do ponto “I”, local da identificação idealizada, e do objeto *a*. Deste modo, ele separa o “*a*” e o coloca, manejando-o, na maior distância possível do “I”. O analista tem de declinar desta idealização para poder ser o suporte do “*a*” separador. Se podemos definir a hipnose como a coincidência em um ponto entre o “I” e o “*a*”, o analista se situa no oposto.

Assim, Lacan situa o analista não somente como Outro, mas como semblante de *a*. É um ponto necessário para que a pulsão, presente na transferência, possa encontrar seu caminho e trajeto.

Se antes me referia a uma análise como “levar a experiência do sujeito ao plano no qual pode presentificar-se, da realidade do inconsciente, a pulsão¹³, a demanda transferencial deixa um resto metonímico chamado desejo, expressão dessa pulsão. Concluirei com a frase de Lacan: “se a transferência é aquilo que da pulsão se separa da demanda, o desejo do analista é aquilo que volta a levar à pulsão”¹⁴

¹³ *Ibid*, p. 282.

¹⁴ *Ibid*, p. 281.

Tradução: Andréa Brunetto

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1912) La dinámica de la transferencia. In: *Obras Completas*. Vol. XII. Madrid: Amorrortu, 1993.
- FREUD, Sigmund. (1923) "El Yo y el Ello". In: *Obras Completas*. Vol. XIX. Madrid: Amorrortu, 1993.
- LACAN, Jacques. (1953-54) *El Seminario, libro 1: Los escritos técnicos de Freud*. Barcelona: Paídos, 1981.
- LACAN, Jacques. (1954-55) *El Seminario, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica del psicoanálisis*. Barcelona: Paídos, 1986.
- LACAN, Jacques. *O Seminario, libro 11, los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964). Barcelona: Paídos, 1973.

resumo

O artigo trata de diferenciar a direção do tratamento entre a psicanálise e a psicoterapia, a partir do desejo do analista, que coloca em ato a realidade do inconsciente. Tomando como eixo teórico o Seminário onze de Lacan, o autor coloca o desejo do analista como o “separador” da identificação idealizada que possibilita o surgimento do objeto *a*, objeto da pulsão

palavras-chaves

psicoterapia, psicanálise, desejo do analista, sugestão, transferência, idealização

abstract

The article differentiates the direction of the treatment in the psychoanalysis and the psychotherapy, starting from the analyst's desire, that puts in action the reality of the unconscious. Taking as theoretical axis the Seminar eleven of Lacan, the author places the analyst's desire as the “sifter” of the idealized identification that makes possible the appearance of the object *a*, the drive's object.

key words

psychotherapy, psychoanalysis, the analyst's desire, suggestion, transfer, idealization

recebido

20/03/2008

aprovado

08/04/2008

Nomeação e tipo clínico

GABRIEL LOMBARDI

Aplaudo o ato da escolha do tema da nomeação para as Jornadas Europeias de nossa Escola.¹ É uma questão decisiva para a psicanálise, embora difícil de sustentar nesta época em que a associação do capitalismo com a ciência empurra com força ao "todos proletários", o anonimato resultante da substituição das referências tradicionais pela informação.

O fato de que os dois nomes que jogam a função estruturante mais importante para o ser que fala - o patronímico e o nome próprio - cumprirem sua função de maneira inconsciente, faz da psicanálise o método eletivo para indagar de que modo estes nomes estão implicados na eleição do sexo, do objeto, do sintoma, e em que contribuem ou inibem a passagem da fantasia ao ato e do sintoma à obra.

Quanto à relação do pai com a nomeação, Freud e Lacan operaram uma laicização da questão que não nos autoriza a atenuar a função do pai na subjetividade de nossos dias. Quanto mais decaído está o pai, mais afastado da perfeição e do poder de Deus, mais a psicanálise pode constatar que a função dele não depende somente do sentido com que tradicionalmente é investido. O pai não é o genitor, dizemos à ciência; tampouco é Deus, concedemos à religião; mas, enquanto psicanalistas, sabemos que a nomeação do pai (no duplo sentido do genitivo objetivo e subjetivo) é decisiva. Deixar a autoridade dessa matéria à religião seria uma contribuição de nossa parte à anunciada morte da psicanálise.

Vou esboçar três pontos.

O primeiro, em relação ao Nome do Pai, uma vez que suas diferentes versões dependem dos tipos clínicos de sintoma no sentido psicanalítico do termo.

nome do pai e tipo clínico

Quero recordar que, na clínica clássica da psicanálise, os tipos clínicos (neurose, perversão, psicose, e seus subtipos) levam

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas europeias, intituladas 'O parentesco em questão'. Paris, 8 e 9 de outubro de 2005.

o estigma específico da nomeação como função ligada ao pai. Isso ficou estabelecido por Lacan entre os anos 1950 e 1960, e, em minha opinião, jamais foi contestado: nenhum dos progressos ulteriores de seu ensino supõe abandoná-lo ou relativizá-lo. Em que consistem os tipos clínicos? Nas distintas formas pelas quais o ser falante (*parlêtre*), separado de seus atributos por uma ordem de linguagem, admite ou nega o vínculo erótico com o pai, como referência instituinte de seu ser, e de seu ter ou não ter.

A idéia de um progresso na doutrina psicanalítica do pai, de uma superação de Freud por Lacan, e do primeiro Lacan pelo último Lacan etc., em suma, a idéia de um progresso que acompanharia a decadência da figura paterna como referência, tem como efeito atenuar a importância de um real revelado em Freud com tal força, que mesmo Lacan precisou fazer diversas piruetas lógicas para examiná-lo cientificamente, sem diluir a força de sua presença no discurso psicanalítico: o pai é esse elemento mítico, o resíduo último das mitologias que na experiência analítica constitui “o único caso em que o real é mais forte que a verdade”.²

O real do pai constitui um limite do analisável. Porque se ama o pai, o pai do nome (e não o biológico nem o pai informatizado do DNA), pode-se gozar nos limites impostos pela castração. Tais coordenadas condicionam fortemente sua posição em relação ao ato.

Os tipos clínicos lacanianos se baseiam no seguinte detalhe, cujo valor estruturante é, todavia, inegável na clínica: admitir o nome do pai como referente metafórico não é a mesma coisa do que tê-lo foracluído como tal, por sentir, no momento decisivo, que não tinha sido encarnado – senão por um impostor. É bem conhecido que isso estabelece a linha divisória entre a eleição da neurose ou perversão, por um lado, e o posicionamento do psicótico pelo outro. Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose subscrito por Lacan inclusive em seu último grande texto, *O aturdido*.

O descuido da função do nome parece-me um risco para a psicanálise, o qual se evidencia em primeiro lugar no descuido do diagnóstico propriamente psicanalítico, resultante de abandonar a pergunta: é o pai para o sujeito uma referência metafórica? Esse descuido leva rapidamente à criação de novas ‘borderlândias’ pseudolacanianas, nas quais a interpretação dos ‘casos raros,

² Lacan. Conferência na Universidade de Columbia (1973).

inclassificáveis' se realiza a partir de uma leitura parcial do último ensino de Lacan, desconhecendo a importância estruturante do vínculo ao pai na eleição do sintoma, com o que a própria noção de sintoma implica o saber inconsciente daquilo que o próprio sintoma tem de típico.³

A tríade lacaniana neurose-perversão-psicose pode ser substituída por uma clínica difusa antes de termos aprendido a usá-la.⁴

Segundo ponto:

a penúria neurótica do nome próprio

Por menos que seja o pai, sua função nomeante inconsciente adquire tal relevância (metafórica na neurose e na perversão, restos metonímicos do nome do pai, eficazes de outro modo na psicose não criativa) que o nome próprio do sujeito passa a um plano secundário na clínica psicanalítica. O neurótico, identificado inconscientemente ao efeito-falo da metáfora paterna, é antes um sem nome, sem nome próprio.

Por pouco que algum interesse divergente do reconhecimento do nome importe a ele, o neurótico testemunha com facilidade o incômodo ante seu nome próprio, sente vergonha e, às vezes, ódio dele. Inconscientemente, assinala a coisa que ele é: inadmissível na medida em que ele mesmo se olha e se reconhece somente a partir dos ideais já estabelecidos no Outro, ideais repressivos relacionados à coisa pulsional. Podemos constatar com regularidade, na análise, que o nome próprio tem sido afetado pelo isolamento obsessivo, pelo esquecimento histérico, pelo temor em colocar a assinatura.

É verdade que o nome próprio não é tão próprio quando se integra, via discurso do inconsciente, nos curtos-circuitos do narcisismo e do reconhecimento do Outro: a neurose se produz justamente quando esse reconhecimento funciona como impedimento (*empêchement*), como armadilha, como captura narcisística, embora seja capturada ao final como impedimento para a ação.

Alguns sujeitos não se adaptam bem aos tipos clássicos e se separam dos modos usuais em que o nome próprio se obscura ante a eficácia referencial do nome do pai. A auto-nomeação,

³ O autor faz referência à Conversação de Arcachon, que no Brasil saiu publicado como "Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica. Biblioteca Freudiana Brasileira, 1997.

⁴ Sabemos usá-la? Podemos em todo caso perguntá-lo, quando os analistas demonstram saber reconhecer os traços de perversão nos neuróticos e nos psicóticos, mas não sabemos diagnosticar em nossos pacientes uma perversão no sentido mantido por Lacan como algo diferente da neurose e da psicose. Sentido que permitirá ao analista situar-se como tal diante de alguns dos pacientes que nos consultam, para os quais a divisão do sujeito não requer ser reunida em um só corpo: ainda que o pai seja para eles uma referência metafórica, respondem transferencialmente de um modo completamente diferente da neurose, de um modo mais livre, mais próximo da psicose, com o qual, todavia em nada se confundem.

a heteronímia, a pseudonímia, são variantes que conhecemos a partir dos atos e das obras de Joyce, de Pessoa, inclusive de Bataille. Poderíamos mencionar também aqui a mutilação do nome próprio em Sig(is)mund Freud como sustentação para a primeira ocorrência do ato psicanalítico? Há também, desde sempre, os casos que assinam decididamente com um nome recebido dos pais.

Os criadores encarnam, com seu nome, o próprio do nome próprio, que é fixar e indicar algo que escapa não somente à ordem classificatória, como também à função da predicação.⁵

Reconhecer a existência de criadores que assinam sua obra com um nome próprio, permite-nos ressaltar por contraste a vocação do neurótico para o anonimato. O neurótico não só não sabe do amor eterno que o une à nomeação do pai, como também desconhece até que ponto seu nome próprio constitui uma ancoragem, uma fixação, um destino nodal, um elemento do simbólico que lhe poderia permitir assinar suas palavras e suas obras, para separar-se, parir-se no social, fazer entrar a coisa que ele é no laço de desejo – e não meramente de reconhecimento – com o Outro.

Por isso creio que, como psicanalistas, deveríamos ir de encontro ao desvanecimento doutrinário da função do nome próprio. Não devemos generalizar de um modo apressado, rasurando a expressão de Lacan 'fazer passar o nome próprio ao nome comum', já que, ao neurótico, não lhe cabem nem a liberdade nem a coragem privilegiadas de Joyce para fazer-se um nome, para degradá-lo e difundi-lo no texto, na literatura e no século.

Vejo um segundo risco para a psicanálise quanto à função da nomeação: o descuido da função do nome próprio, pois poderia fazer-nos esquecer o sentido da análise, o que foi resumido por Colette Soler na primeira aula de seu curso *La querelle des diagnostiques* nestes termos: "O nome próprio não é o patronímico que alguém leva, senão um nome que identifica enquanto imprevisível, e se promove pelo viés dos atos e das obras. O nome próprio ex-siste ao Outro. Não se pode dizer de todo sujeito que seja um nome próprio – não se pode dizer do neurótico enquanto tal -. Uma análise desse nome, afirma Soler, começa pela injúria do diagnóstico, deve terminar por um nome para permitir ao sujeito apreender o que para ele trespassa (*épinglé*) seu ser enquanto

⁵ "O nome próprio, disse Lacan, faz tudo o que pode para fazer-se mais que o SI, o SI que indica a falta prediativa do significante, que não pode senão remeter a outro significante" – é dizer que não logra designar-se a si mesmo, nem tampouco algo exterior ao sistema s -.

separado do Outro”.

Ademais, além dos casos típicos de repressão do Nome do Pai e ocultamento do nome próprio na neurose clássica, podemos incluir os seguintes casos, cada vez mais freqüentes nos consultórios:

O caso de perversão no balcão, cujo fantasma se apóia em um “se sabe, mas não se pode fazer saber”. Por exemplo, um sujeito que se desestabiliza e se angustia, sintomatiza-se, inclusive (fobia da olhada em um exibicionista) diante da ‘falta de anonimato’ quando se encontra ‘exposto’ a que o outro social se inteire de seu segredo, por ser isso incompatível com as exigências familiares e profissionais;

O caso típico que poderíamos chamar de “heterossexualidade lésbica” (em decorrência da impropriedade do termo homossexualidade para uma mulher): não só é irreconhecível para si, mesmo por fora dos circuitos lesbianos, como o pai é neles confinado e, ao mesmo tempo, resguardado no lugar da testemunha invisível; seu nome, ainda que desafiado, é cuidadosamente mantido presente, mas ‘à distância’.

Isto serve de introdução ao terceiro ponto que quero mencionar,

o laço entre o nome próprio e o nome do pai

Freud, Hans Sachs, e depois Lacan, assinalaram uma condição essencial à fantasia: o vínculo erotizado com o pai enquanto parceiro deve permanecer inconsciente. O sujeito da fantasia não sabe responder às perguntas: quem bate? Quem apanha? Nem o nome do pai nem o nome próprio estão disponíveis para ele.

É preciso nesses casos introduzir a pergunta sobre a relação do nome próprio com o nome do pai, vínculo que pode fazer da metáfora paterna o princípio da separação.

⁶ Freud, "Moisés e o monoteísmo (1934-38/1976).

⁷ Lacan. Nomes do Pai

⁸ *All's well that ends well*. Shakespeare evidentemente gostava da expressão "The thing I am", que emprega várias vezes nas obras que redige e assina. A tradução literal seria: "A coisa que sou me fará viver".

⁹ Lacan. Nomes do pai

¹⁰ A delegação do pai assumida realiza a castração no sentido lacaniano do termo: como aliança inconsciente com o pai – não com Deus nem como um amo – enquanto aliança estruturante do nó.

Poderíamos partir, com Freud, da vocação de Moisés no Êxodo⁶, quando em resposta a seu chamado faz duas perguntas a Yahvé: Quem sou eu para empreender a missão? Que direi quando me perguntarem qual é seu nome? Já conhecem a resposta final de Yahvé, tão comentada por Lacan: não há mais resposta além de um nome que só remete a si mesmo: "Eu sou o que sou", essência do nome enquanto auto-referência - se posso dizer - castrada de predicação. Não há mais que isso para nomear-se.⁷

Nos casos usuais, podemos ir além do pai sob a condição de usá-lo, vale dizer, sob a condição de responder à vocação que seu nome implica para cada um. Empreender a missão ante uma tarefa decisiva, ante uma função, ante uma mulher, ante um filho ou uma batalha, supõe assumir o buraco do nome, supõe tomar o posto do pai em feito estrutural: não sou mais que uma versão de "eu sou o que sou": "eu sou o que sou eu", "eu sou a coisa que sou", "the thing I am", que ocasionalmente pode me permitir a irônica certeza expressada por Shakespeare: "The thing I am shall make me live"⁸.

"O nome é essa marca já aberta à leitura – disse Lacan antes de acabar seu seminário sobre *Os Nomes do Pai* – que se lerá igual em todas as línguas, impressa sobre algo que pode ser um sujeito que vai falar, mas que de nenhuma maneira falará forçosamente."⁹

Padecer do sintoma, ponto doloroso em que nos conhecemos sem nos reconhecermos, não é ainda falar, não é encarregar-se da invocação. A diversidade de sintomas testemunha, antes, as distintas formas em que se demora o encarregar-nos, em nome próprio, do legado do pai, enquanto transmite algo diferente que a carga genética¹⁰, uma aliança estruturante do nó (*o Noeud-bo*) na qual se apóia nossa existência.

No ato, enquanto encontro castrativo do gozo pulsional com o desejo do Outro, trata-se da sublimação da coisa que sou enquanto ser falante - capaz de dizer em nome próprio. Isto não é algo assegurado de antemão, não antes de dizê-lo.

Deixo aqui minha versão da vigência da questão do Nome do Pai e das formas diversas em que sua invocação repercute sobre o emprego ou o ocultamento do nome próprio.

Tradução: Luciana Vasconcelos Abreu Lima
Revisão: Alba Abreu Lima

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. "Moisés e o monoteísmo" (1934-38). In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXIV, 1976.
- LACAN, Jacques *L'etourdit*. In: *Scilicet*. Paris, n. 4, 1973.
- LACAN, Jacques *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- SOLER, Colette. *La querelle des diagnostiques*. Paris: Collège Clinique, 2004.

resumo

O fato de que os dois nomes que efetivam a função estruturante mais importante para o ser falante, o patronímico e o nome próprio, cumpram sua função de maneira inconsciente, faz da psicanálise o método eleito para indagar de que modo esses nomes estão implicados na escolha do sexo, do objeto, do sintoma, e em que contribuem ou inibem a passagem da fantasia ao ato, e do sintoma à obra. Freud e Lacan operaram uma laicização da questão que de nenhum modo nos autoriza a atenuar a função do pai na subjetividade de nossos dias. Quanto mais decaído está o pai, quanto mais longe da perfeição e do poder de Deus, mais a psicanálise permite constatar que sua função não depende do sentido religioso com que, tradicionalmente, se o investiu.

Não podemos, como psicanalistas, desconhecer a importância da nomeação do pai. Isso não nos autoriza a descuidar do emprego que o sujeito faz de seu nome próprio. Coloca-se a pergunta da relação do nome próprio com o nome do pai na estruturação subjetiva.

palabras-chave

Nome próprio, nome do pai, sintoma, tipo clínico

abstract

The two most important names in the structuring of human being, the name of the father and the own name, work at an unconscious level. That makes psychoanalysis the appropriate method to study the way in which these names are involved in the choice of sex, object and symptom, and also to know how they contribute to or prevent from the passage from fantasy to act and from symptom to work.

Freud and Lacan produced a secularisation of the link between father and nomination. This does not allow us, however, to minimise the function of the father in subjectivity nowadays. The more the father declines, the further is the father from perfection and from the power of God, the more psychoanalysis is able to confirm that its function does not depend on the religious meaning with which tradition invests the father.

As psychoanalysts, we know that the father nomination is decisive. This does not allow us to neglect the importance of subject use of proper name. We inquire at last the unconscious rapport between proper name and the name of the father.

key words

proper name; father's name; symptom; clinical type.

recebido

21/02/2008

aprovado

12/04/2008

Vozes de família

VERA POLLO

O escritor Yukio Mishima, autor de obras centrais da moderna literatura japonesa, descreve em um dos últimos parágrafos de *Confissões de uma máscara* (1949) o momento em que chega aos ouvidos do personagem/narrador “a voz aguda e triste de Sonoko”, a mulher que lhe era impossível desejar e que, no entanto, ele amava.

Nesse instante, algo dentro de mim partiu-se em dois com força brutal, como se um raio tivesse atingido e fendido uma árvore viva. Ouvi o estrondo da estrutura que vinha erguendo até aquele momento – peça por peça, com meu coração e minha alma – desmoronar miseravelmente. Senti-me como se tivesse testemunhado o momento em que minha existência se transformava numa temível “inexistência”. Fechei os olhos e, num instante, recuperei o controle de meu gélido senso de dever.¹

¹ Mishima. *Confissões de uma máscara* (1949/2004:197).

Adentremos o caminho aberto: há uma voz, um ser partido em dois, uma temível sensação de inexistência e a recuperação de um “gélido senso de dever”. Há também uma questão: que razões teriam conduzido ao suicídio aquele que foi considerado um dos mais importantes escritores japoneses do século XX e em cuja obra constam mais de cinquenta títulos com traduções em quase vinte países? Será que podemos extrair do texto autobiográfico do jovem Mishima algum indício das razões que o levariam a cometer suicídio aos quarenta e cinco anos, no mesmo dia em que concluiu seu último livro, *A queda do anjo*?

I - do supereu ao objeto a

Desde o *Projeto* (1895), Freud aponta a longa duração do desamparo físico e psíquico do filhote do homem, isto é, a

dependência em que este se encontra da ação do semelhante humano para sua sobrevivência, como a fonte primeira de todos os motivos morais. No entanto, por mais que a segunda tópica do aparelho psíquico implique a existência de um agente judiciário chamado 'supereu', Freud considerou em grande parte enigmático o juízo ético de cada sujeito. Pareceu-lhe que alguns fenômenos clínicos haviam permanecido insuficientemente esclarecidos. Em seus termos, o supereu instala-se como herdeiro direto do complexo de Édipo e seu funcionamento aproxima-se do imperativo categórico de Kant. Por isso, a fórmula da ação moral se escreve como máxima de conduta e anseio de universalidade. "Aja de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre como princípio de uma legislação que seja para todos".²

² Kant apud Lacan, 1959/1988: 93.

Na etapa final de sua obra, em particular no artigo intitulado "Esboço de Psicanálise" (1938), Freud ainda declara a sua perplexidade diante de alguns fenômenos à primeira vista totalmente paradoxais, tais como a imensa severidade de consciência daqueles que mais se abstém de agressão aos semelhantes, a resignação sem queixas de sujeitos que sofrem infortúnios reais, a existência de atos que, longe de visar à auto-preservação dos indivíduos, almejam apenas auto-lesão e autodestruição, a necessidade inconsciente de punição que torna inoperante o trabalho analítico, a presteza com que alguns neuróticos aceitam substituir o sofrimento psíquico pela doença somática, enfim, o fato de que haja pessoas que terminem por cometer suicídio.

Se as vozes que falam com o sujeito na terceira pessoa, que o injuriam e difamam, em suma, que enunciam uma auto-acusação, aparecem inicialmente no texto freudiano como um elemento da sintomatologia paranóica, elas comparecerão, mais adiante, como signo da fenda que caracteriza o Eu/sujeito: o supereu. Como observam Roudinesco e Plon (1998), embora o conceito de supereu apareça somente em 1923, em *O eu e o isso*, ele foi produto de uma longa elaboração, iniciada em 1914, em "Sobre o narcisismo: uma introdução", com a noção de ideal do eu, substituto do narcisismo infantil, medida ou peso com que o eu observa a si mesmo.

Em "O problema econômico do masoquismo" (1923), ele chama a atenção para o sadismo deste "agente judiciário" que transforma sistematicamente o presente em passado e que não

é apenas o simples herdeiro legal da instância parental, mas seu herdeiro vivo. “As vozes superegóicas são, ao mesmo tempo, um fato de estrutura e uma atualização pulsional”³

Lembremos que, nessa ocasião, Freud identifica também o masoquismo erógeno original e o masoquismo moral dos “ofensores de si mesmos” e observa que a subestrutura do primeiro é fornecida pelo mecanismo característico da infância em que a dor confina na excitação sexual. Além disso, por acreditar que até mesmo a morte implica um elemento de escolha subjetiva, ele afirma que o sadismo do supereu e o masoquismo do eu muitas vezes suplementam-se e ocasionam a morte.

Na última lição de *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963), Lacan comenta que a mola do suicídio melancólico está na indistinção entre o objeto *a* – condensador de gozo que retorna ao real – e *i(a)*, a máscara narcísica que o recobre. Sem essa distinção, escreve, não se entende porque é preciso que o melancólico “atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto *a* que o transcende, cujo mandamento lhe escapa – e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida, com o automatismo, o mecanicismo, o caráter imperativo e intrinsecamente alienado com que se cometem os suicídios de melancólicos.”⁴ Não estamos afirmando que Mishima tenha sido um melancólico, até porque a imagem que ele era uma máscara adorada, ao passo que o melancólico ataca o próprio eu, por ser uma máscara essencialmente odiada. Porém, concordamos com Millot (1996) em que talvez não haja descrição mais precisa do masoquismo erógeno que as palavras de Mishima de que ele era possível “transmudar o sofrimento em gozo e a falta em plenitude”. Gozo que ele próprio nomeava de “talento perverso” e que responsabilizava pelo fato de que sua covardia “passava com frequência por coragem”, mesmo a seus olhos.

Segundo Millot, trata-se de um “talento perverso” que Mishima partilhava com Gide e com Genet, mas que nele se deixa ver como um “erotismo da desolação”, a certeza de se saber “cortado da comunidade humana por algum ato delituoso ou alguma atividade impura”, uma vez que “o puro e o impuro, seu vínculo com o sangue, com a morte, com o sacrifício estão no coração da obra de Mishima”⁵

³ Assoun. *O olhar e a voz* (1998:59).

⁴ Lacan. *O Seminário, livro 10: a angústia* (2005:364).

⁵ Millot. Gide, Genet, Mishima: inteligência da perversão (2004:108).

⁶ Mishima. *Confissões de uma máscara* (1949/2004:21).

Mishima alega ter entendido bem cedo que “o remorso é prelúdio ao pecado”⁶, ele que era suscetível a ser “invadido por aquela dor espasmódica que resulta de se olhar fixa e longamente para um objeto” e que anuncia: “Você não é um ser humano. É incapaz de convívio social. É uma criatura inumana, com algo de estranho e patético”⁷

⁷ Idem, 179.

No dizer de Freud, para o sujeito/herói – sujeito do individual ou herói do mito, pouco importa –, nenhuma força coercitiva oracular é suficiente para libertá-lo do sentimento de culpa e da necessidade de punição nas mãos de um representante do poder paterno: a Igreja, o Estado, “o poder sombrio do Destino, que apenas poucos dentre nós são capazes de encarar como impessoal”⁸

⁸ Freud. (1923/1976:209).

No entanto, o pai objeto – ou objeto pai, se preferirmos – apresenta-se com dois rostos bem distintos. Freud e Lacan o verificam e elaboram. Para o primeiro, ele é fonte de culpa e de humor, para o segundo, é significante e gozo, causa de desejo e objeto mais-de-gozar. O masoquismo moral deixa ver que o supereu é, de fato, uma instância de objeção e de abjeção. Nas patologias mais severas, observara Freud, importa menos a origem do sofrimento – o fato dele ter sido ou não decretado por alguém que é amado – do que sua fruição, isto é, seu gozo.

Contudo, se nem sempre o supereu ordena “crime e castigo”, seu funcionamento tem quase sempre algo de enlouquecedor, ao decretar simultaneamente duas ordens contraditórias: “Você *deveria* ser assim (como seu pai)” e “Você *não pode* ser assim (como seu pai)”. O resultado pode ser a paralisia da vontade, quando “a satisfação do sentimento inconsciente de culpa é talvez o mais poderoso bastião do indivíduo no lucro (geralmente composto) que afeita da doença – na soma das forças que lutam contra o restabelecimento e se recusam a ceder seu estado de enfermidade”⁹

⁹ Ibid, p.207.

Como o supereu pode, então, produzir humor? Diremos de forma um pouco jocosa, mas seguindo literalmente o texto freudiano, que, a bem da verdade, este eu já nada tem de “super” e que o prazer humorístico possui a dignidade do eu desinflado que sabe o quanto são triviais seus interesses e medos. Mas, conforme salienta Freud, “o humor não é resignado, mas rebelde”,

ele rompe com a compulsão a sofrer que caracteriza o sujeito e transmite a intenção de proteção e solidariedade. Aqui, o supereu corresponde à voz interna que acalenta o próprio eu, que já não o compara a nenhum ideal mais ou menos grandioso.

Nos termos de Lacan, a voz deveria ser dita “a fonte *a* do supereu”, caracterizando-se por ser “o objeto caído do órgão da fala”.¹⁰ Se a angústia é a única chance que se tem de acesso ao Outro real, o *a* é “a única testemunha de que o lugar do Outro não é apenas o lugar da miragem” e “a voz do Outro deve ser considerada um objeto essencial. Todo analista será solicitado a lhe dar seu lugar e a seguir suas encarnações diversas, tanto no campo da psicose como, no mais extremo do normal, na formação do supereu”¹¹. Em sua opinião, há uma questão inevitável para todo aquele que não é um especialista: “para além daquele que fala no lugar do Outro e que é o sujeito, o que há cuja voz é assumida pelo sujeito a cada vez que fala?”¹².

Aos vinte e quatro anos, Mishima relata o “pressentimento de uma exclusão” que o acometeu desde a mais tenra infância. Localiza aos cinco anos a primeira das lembranças que o atormentaram e assombraram durante a vida inteira.

De vez em quando essa imagem voltava, mais intensa, concentrada, e de certo a cada vez acrescida de um novo significado. Isto porque, em meio à cena vaga que a circundava, apenas a figura ‘daquele que desce a ladeira’ emerge com precisão desproporcional [...] Era um jovem quem descia a ladeira em nossa direção, carregando no ombro um jugo do qual pendiam, à frente e atrás, baldes de excrementos cujo peso ele distribuía com destreza ladeira abaixo [...] Era um limpador de fossas, um coletor de excrementos [...] e vestia uma calça justa de algodão azul-marinho [...] Pressenti então que neste mundo há um tipo de desejo semelhante à dor pungente. ‘Quero me transformar nele’ foi a vontade que me sufocou ao olhar para aquele rapaz todo sujo: ‘Quero ser ele’.¹³

Uma segunda lembrança diz respeito ao dia em que entrou

¹⁰ Lacan. O Seminário, livro 10: a angústia (1963/2005:71).

¹¹ Ibid, p. 71.

¹² Ibid, p. 71.

¹³ Mishima. Confissões de uma máscara (1949/2004:12-13).

às escondidas no quarto de sua mãe, vestiu o quimono mais vistoso que encontrou, enrolou uma faixa com rosas escarlates pintadas a óleo na cintura, passou pó no rosto e pegou “tudo que ofuscasse a vista com seu brilho”. Neste momento, ele queria ser Tenkatsu, a bailarina cuja figura opulenta era “envolta em trajes semelhantes aos da grande meretriz do livro do Apocalipse.” Corre para a sala onde se encontram sua avó doente, sua mãe, uma visita, uma criada e grita: sou Tenkatsu! Eu, eu sou Tenkatsu! Mas, sem querer, seus olhos focalizaram o rosto de sua mãe. Estava um pouco pálida, sentada distraidamente com o pensamento longe. Quando os olhares se cruzaram, ela baixou os olhos. Ele compreendeu. Lágrimas turvaram sua vista. O que ele havia entendido naquele momento, ou fora obrigado a entender? “Será que o “remorso como prelúdio ao pecado”, o *leitmotif* dos anos posteriores começava a despontar?”¹⁴.

¹⁴ Ibid, p. 21.

III - o supereu e a pulsão

Que não se pense que a severidade do supereu é derivada diretamente da severidade dos pais. Freud verifica que se trata de uma severidade para a qual nenhum modelo foi fornecido pelos pais reais, pois depende da força da defesa de que o sujeito teve de lançar mão para lutar contra os desejos incestuosos e assassinos da primeira infância. Quanto mais cedo o sujeito se liberta da tentação do Édipo, mais severo, inexorável e cruel se mostra o supereu, chamando o eu a prestar contas não apenas de seus atos, mas também de seus pensamentos e intenções não realizadas.

Em recente conferência no Rio de Janeiro, Morel¹⁵ observava que, assim como o supereu individual está ligado ao declínio do pai, o supereu cultural está ligado ao desaparecimento dos grandes homens. E a pulsão de morte, invisível em nível individual, deixa ver seu rosto, seu gosto e seu paladar no supereu cultural, o qual revela a presença da pulsão de morte na sociedade.

Com efeito, Freud salienta que, enquanto “o isso representa o passado orgânico”, o supereu, “mais do que qualquer outra coisa, representa o passado cultural que uma criança tem que repetir como pós-experiência durante os poucos anos do início de sua vida”¹⁶. Em continuidade, salienta também que os dois passados, cultural e orgânico, acabam se encontrando, seja porque

¹⁵ Conferência intitulada “Figuras contemporâneas do supereu”, realizada na Universidade Veiga de Almeida, campus Tijuca-Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 2007.

¹⁶ FREUD, Sigmund.
“Esboço de Psicanálise
(1940[1938]/1976:236).

“alguma parte das aquisições culturais deixou indubitavelmente um precipitado atrás de si no isso”, seja porque “o supereu assume uma espécie de posição intermediária entre o isso e o mundo externo; ele une em si as influências do presente (eu) e do passado (isso).”¹⁷

Freud não chega a afirmar a existência de uma pulsão vocal simétrica à pulsão escópica, mas “não há vetor da pulsão mais preicos que o supereu: o que fala, então, pelo supereu, é a voz, tão viva quanto desvitalizada da pulsão [...] Suas vozes são, neste sentido estrito, as da potência pulsional, pois é com a energia do isso que ele reinveste as proferições (dantes) percebidas.”¹⁸ É o que permite ao supereu exercer uma função de autoconsolação no enunciado do humor – “Olha, é então o mundo que lhe parece tão perigoso. Uma brincadeira de criança, bastante bom para gracejar sobre ele”!

Desde *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957), Lacan observara que o supereu, “núcleo permanente da consciência moral”, é um significante um pouco diferente dos outros, porque é um significante que, assim como o significante do sintoma, “marca a relação do sujeito com os outros significantes.” Alguns anos mais tarde, em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970), logo após chamar a atenção para uma certa inutilidade das assim chamadas “interpretações edipianas”, ele resume magistralmente o complexo de Édipo, ou melhor, o resíduo de sua destruição nos termos de “o valor de obstáculo que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa de desejo”¹⁹. É possível que este tenha sido um dos motivos que levaram Roudinesco a afirmar que, embora o supereu permaneça dominante na doutrina lacaniana, “diferentemente de Freud, Lacan o concebe como a inscrição arcaica de uma imagem materna onipotente, que marca o fracasso ou o limite do processo de simbolização”²⁰. Porém, naquela ocasião, Lacan esclarece sua discordância de “as elucubrações analíticas sobre os pais combinados”. Isto porque, em suas próprias palavras, “há o pai, por um lado, e a mãe, por outro, como também o sujeito, isso não existe, ele está igualmente dividido em dois, como é barrado [...] isso questiona seriamente que se possa apostar tudo ou nada do mais-de-gozar com a vida eterna”²¹.

¹⁷ *Ibid*, p. 236.

¹⁸ Assoun. *O olhar e a voz* (1998:59).

¹⁹ Lacan. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1992:93).

²⁰ ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise* (1998:746).

²¹ *Ibid*, p. 746.

IV - matéria inerte e senso de dever

Em Mishima, a dor do não desejo sexual pela mulher é a dor do amor sem desejo. Com o objeto mulher, é-lhe impossível fazer o jogo do semblante. Ele o testemunha:

O que eu via não era a mulher em carne e osso que me forcara a imaginar desde a infância. Se assim fosse, bastaria recebê-la com as habituais expectativas fraudulentas. Para minha perplexidade, porém, a intuição fazia-me reconhecer algo mais somente no interior de Sonoko. Era um sentimento de profunda modéstia, de não me sentir digno dela, mas que não se traduzia num complexo de inferioridade servil. Ao vê-la aproximando-se de mim pouco a pouco, invadiu-me uma tristeza insuportável. Nunca me sentira assim antes. Era uma tristeza que estremecia os alicerces de minha existência. Até aquele momento, meu modo de sentir as mulheres era como um amálgama artificial, um misto de curiosidade infantil e de falso desejo carnal. Meu coração nunca fora chacoalhado, que dirá à primeira vista, por tristeza tão profunda, inexplicável, uma tristeza que, acima de tudo, não fazia parte de minha máscara. Minha consciência me dizia que era remorso aquele sentimento. Comerá eu, no entanto, algum pecado que me qualificasse a tanto? Por mais contraditório que isto pareça, haveria arrependimento anterior à própria transgressão? Seria remorso da minha própria existência?²²

²² Mishima. *Confissões de uma máscara* (1949/2004: 113-114).

Na casa de prostituição, realiza a prova derradeira de sua “incapacidade”, confirmação última de que “a insensibilidade assemelha-se a uma intensa dor”. Se algo o envergonha é também a capacidade de manter, diante dos amigos, “aquela aparente

serenidade”, que esconde a indignação e conduz a um fim que, embora desaprovado, o sujeito não pode ignorar.

No fim, como sempre, foram as visões cheirando a sangue que vieram consolar-me. Rendi-me a elas, as atrozes, desumanas, as mais familiares e íntimas visões [...] Sem a menor vergonha – isto é, sem a menor vergonha de não possuir pudor inato -, pus-me a olhar fixo para aquelas coxas alvas, como se contemplasse um pedaço de matéria inerte.²³

²³ *Ibid.*, p. 178-179.

Em obediência às vozes de família, à avó que o seqüestrou antes de completar dois meses e que lhe dedicou um amor sem desejo; à mãe do desejo que não lutou por reavê-lo; ao pai burocrata que não o queria escritor e artista, Yukio Mishima, nascido Kimitaké Hiraoka, recuperou o controle do seu “gélido senso de dever”. Em 25 de novembro de 1970, cometeu *seppuku*, suicídio ritual. Suicidou-se em nome da tradição e do imperador.

Se Mishima tem agora uma vida que já não desliza nas metonímias falantes do desejo, permanece para nós como vozes que se escrevem, objeto *a* que nos põe a trabalhar, quando o recuperamos em um discurso. Causa de desejo, mais-de-gozar.

referências bibliográficas

- ASSOUN, Paul-Laurent. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- FREUD, Sigmund. "O problema econômico do masoquismo" (1924). In: *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. XIX.
- FREUD, Sigmund. "O humor" (1927). In: *Obras Psicológicas Completas*, op. cit., vol. XXI.
- FREUD, Sigmund. "Esboço de Psicanálise" (1940[1938]). In: *Obras Psicológicas Completas*. op. cit, vol. XXIII.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1995.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LACAN, Jacques *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MILLOT, Catherine. *Gide, Genet, Mishima: inteligência da perversão*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- MISHIMA, Yukio. *Confissões de uma máscara*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

resumo

No intuito de responder à questão acerca de uma possível conexão entre o texto autobiográfico de Mishima e as razões que o levaram a cometer suicídio ritual, a autora desenvolve quatro pontos da teoria psicanalítica, assim denominados: do supereu ao objeto a; remorso e exclusão; o supereu e a pulsão; matéria inerte e senso de dever. O texto ressalta a importância das vozes de família no advento do sujeito do inconsciente e a possibilidade de se tornar o texto literário como objeto a, causa de desejo e de mais-de-gozar.

palavras-chaves

Supereu, objeto, desejo, gozo, outro.

abstract

Aiming at answering the question which regards a possible connection between Mishima's autobiographical text and the reasons that led him to commit ritual suicide, the author develops four points of the psychoanalytical theory, denominated as follows: from the superego to the object little a (object petit a); regret and exclusion; superego and drive (Trieb); inert matter and sense of duty. The text highlights the importance of the voices of the family in the advent of the subject of the unconscious and the possibility to take the literary text as the object little a, cause of desire, surplus-jouissance (plus-de-jouir)

key words

superego, object little a (object petit a), desire, surplus-jouissance (plus-de-jouir)

recebido

22/02/2008

aprovado

15/03/2008

trabalho crítico com os conceitos



Nomeação e contingência

COLETTE SOLER

Hoje em dia, é do exterior, do Estado, dos costumes e da família, que os psicanalistas recebem diretamente uma interpeção mediatizada, a que poderiam ter respondido há quarenta anos atrás, pois já estava sob a pena de Lacan.

Cito a primeira versão da *Proposição*: "o apego especificado da análise às coordenadas da família é um fato [...] Parece ligado a uma forma de interpeção da sexualidade que corre o risco de deixar escapar uma conversão da função sexual que se opera diante de nossos olhos."¹

Depois de todo esse tempo, considero urgente extrair as respostas que Lacan deu às perguntas dos analistas à época e medir seu possível uso em nossa clínica. O osso duro dessas respostas, sem dúvida o sabem, é o questionamento da ideologia edípica e uma redefinição constante, de décadas, do que ele mesmo chamou 'a função paterna'. Ao final, 1974-76, chamou-a 'função de nomeação'.

O pai é quem nomeia, no entanto é o pai do nome. Essa nova fórmula, se a escutamos bem, é um salto conceitual maior. Detive-me largamente nela há alguns anos em meu curso "A que-rela dos diagnósticos". Só trago aqui alguns elementos. Poderíamos imaginar que com isso Lacan salva o pai e coloca em relevo a velha cantilena bíblica e o Édipo freudiano. Isso seria surpreendente, pois são os anos em que se multiplicam as expressões de degradação do pai. De fato, é o contrário de um salvamento: conserva a expressão Nome-do-Pai, porém tal nome designa uma função que não passa necessariamente pela mediação do pai, de um pai.

Suponho que se dêem conta do imenso alcance da tese para nós, pois estamos em um tempo em que o fracasso dos pais está à flor dos fenômenos, quero dizer, à flor da clínica.

Evidentemente, não ignoro que todos os leitores assíduos de RSI² têm em mente a famosa passagem da lição de 21 de janeiro de 1975 sobre o que é um pai digno desse nome. Essa

¹ Lacan, Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", (1967/2003, p. 582).

² Lacan. *Le Séminaire*, livre 22: RSI (/1975).

passagem precisa as condições em que um pai em particular pode veicular a função Nome-do-Pai, e ser, o que chamarei, um –NdP, com um hífen. Observem a lógica elementar: o fato de um pai ter poder não implica que seja o único nesse poder. Precisamos olhar de mais perto e captar, além do enunciado, os fundamentos da tese.

Em primeiro lugar, que é essa nova função de nomeação?

Dizer que um pai nomeia já é sustentar sua função para além da metafórica, porque ele articula o significante e o significado, ou seja, o simbólico e o imaginário - a metáfora do pai deixava o real de lado, e isso Lacan tentava corrigir nesses anos. Tampouco é a função da letra que conecta um elemento do simbólico ao gozo real. Em resumo, a nomeação não é uma função simbólica, mesmo sendo privilégio do falante e tendo efeitos simbólicos. É função do dizer, e o dizer, cito, “é acontecimento”. Não é verdadeiro ou falso, é ou não é. Igual ao ato. Acontecimento implica a contingência, um “o que deixa de não dizer-se”. Diferente do uso dos significantes, nomear é um fato da existência. Sempre é “de fato”, nunca programado pelo simbólico, assim como sua possível falta. E, com efeito, Lacan diz ‘foraclusão de fato’.

A eficácia desse dizer, segundo Lacan, enlaça as três consistências de maneira borromeana. Por que se faz necessária essa operação, assim como o recurso de Lacan ao nó borromeano?

Trata-se de dar conta da clínica do “sujeito real”. O sujeito real não é o sujeito suposto da cadeia de palavras e, sim, o sujeito com sua substância de corpo, a saber: o *parlêtre*, o homem no sentido genérico, *the individual*³. É preciso que o real – aqui o real fora do simbólico do vivente – esteja enodado ao imaginário e ao simbólico, para que o sujeito não esteja, ou bem todo em delírio, ou bem não todo no autismo sem lado de gozo, ou nos dois, justapostos ou alternados. A função de nomeação responde a tal necessidade, segundo Lacan.

Como?

A nomeação vai da atribuição do nome comum ao que chamamos nome próprio, porque vale para Um e nenhum outro. Dar um nome às coisas, a Bíblia o imputa a Deus. Porém Deus só deu às coisas um nome comum. O nome próprio tem mais pretensões e mais alcance – passo ao largo da enorme bibliografia sobre o nome próprio e vou ao essencial.

³ Lacan. Joyce, o sintoma (1975/2003).

A função do nome responde ao que o ser falante tem de impensável, ao impredicável que é. O impredicável é um problema com o qual cada psicanalista se confronta dia-a-dia, pois o sujeito falante, ao ser representado por sua palavra ou por seus significantes, não é menos impredicável no que tem de real. Dizendo em termos mais familiares, na palavra, na falação, dizia Lacan. Em termos finais, é o recalque primário, nomeado por Freud, o que responde à pergunta do sujeito, *Che vuoi?*. É o que Lacan reformula em 1975 dizendo, de modo mais radical, “o simbólico faz furo”, furo irreduzível. Tal furo tem um nome: fora da psicanálise é Deus, pelo menos o Deus do “sou como sou”, assertiva impredicável. Em psicanálise o nome do furo é o inconsciente mesmo – pois o inconsciente não é tanto a cadeia da palavra como o furo irreduzível que a marca.

Qual é o recurso contra esse furo interminável? Fora da psicanálise é a identificação, pois certamente recobre o furo do sujeito, sem reduzi-lo; e basta a psicanálise para que se o descubra, no duplo sentido da palavra descobrir. O nome próprio tenta suprir a impotência da identificação. Contrariamente ao patronímico, por outra parte muito variável na história, o nome próprio não tem homônimo, refere-se à ex-sistência (escrita com duas palavras) de uma identidade única, é a forma infalsificável do impredicável.

Os nomes vêm desse furo do inconsciente. O furo, diz Lacan, esculpe os Nomes-do-Pai, o inconsciente nomeia. Com efeito, produz nomes e, em uma análise, o faz pela via da falação interpretada. Porém, o que é nomeado? Não é o mesmo furo, senão tudo o que não passa ao significante, o objeto, e eminentemente, o real. Isso porque o amor nomeia tudo, como o sintoma. Vejam um pai: seu dizer nomeia seus objetos, sua mulher-sintoma e os filhos que teve, e ao fazê-lo, ata não só o real, que o constitui, ao simbólico e ao imaginário, como o sexo e as gerações. É assim: “O *naming*, a falação, se ata a algo do real”. O real é furado pelo significante, porém enlaçado pelo nome. Ou seja, haveria de escrever o neologismo calculado: (a)no(da)mento.⁴

A nomeação ata o palavrório, que representa o sujeito não identificado, com o real do gozar, que dá sua identidade. Logo, com razão Lacan pode dizer que os nomes que respondem ao impredicável são nomes do pai. Podem muito bem não ter nada a

⁴ Em francês *nou(e)mination*. Ré-
úne *noue* (anoda) e a terminação
de nominação: *mination*.

⁵ Jogo de palavras intraduzível em português. A autora junta *nommer*, nomear, com homem para criar o *n'hommér*.

ver com algum pai; têm função borromeana.

Teria, então, que demonstrar: a nomeação ata as três consistências, faz sintoma. E podemos acrescentar a letra *h*, o *h* de homem, entre o *n* e o de nomear: *n'hommer*⁵, como sugere Lacan. A nomeação faz um do homem....borromeano. O *naming* é, então, Pai, maiúsculo. E adiante escrevo: Nomeação –NdP. Eis aqui os pais levados a não ser mais que casos particulares e, ademais, contingentes para uma função mais geral. De outra parte, este ponto já estava implicado ao colocar no plural os Nomes-do-Pai. Passo a outra coisa.

Há mais: a nomeação faz laço social. Nada de autoprodução e nada de atribuição de nome. Seja nome comum ou mais radicalmente nome próprio, o nome há de ser ratificado para ser. Pode-se querer um nome, alguns se nomeiam novamente, como mostra nossa língua, por suas obras, boas ou ruins, porém ninguém se auto-atribui um nome. A prova é Joyce: delirou seu nome, pode-se dizer, antes de tê-lo, porém não há Joyce sem joyceanos, sem o dizer magistral dos joyceanos. Exemplo menos destacado, o patronímico do Sr. Poubelle⁶ acabou sendo um nome comum de um objeto de nosso cotidiano, porém não sem o público que o utiliza. A hetero-atribuição do nome se aplica, inclusive, ao nome do sintoma. Vejam, por exemplo, conforme já citei em outro lugar, Jack, o estripador; M, o maldito; Zorro, o justifeiro; e até o Homem dos Ratos. O nome indicador da identidade recebe-se no laço social. E poderíamos sustentar com isso algumas considerações sobre a função da interpretação.

⁶ Em francês *Monsieur Poubelle* é um nome coloquial e significa lixeira.

Primeira consequência: a função –NdP é disjunta da família. Mesmo quando o –NdP é feito por Um pai, pois pelo nome de seus objetos-sintomas, que conjugam heterossexualidade e filiação, um pai faz (a)no(da)mento, e inclusive, nós com s, o nós do laço social⁷. Nada a ver com a família conjugal, da qual sabemos por experiência que, inclusive em suas configurações mais conformes, está longe de prevenir a forclusão. Já não estamos em tempos possíveis de elevar o grito “família, te odeio”; hoje em dia, há um grande grito inverso: “família, nos fale”. E, bem, Lacan se inscreve em falso; não é a família que faz o pai –NdP; ao contrário, é quem nomeia, quem mantém juntos, e sem passar necessariamente pelo estado civil, o anel no dedo, a coabitação, os diversos objetos que a família pretendia reagrupar abaixo do mesmo teto.

⁷ Aqui a homofonia é possível no português: a autora diz *nous*, de nós, o pronome, e nós dos laços.

Os psicanalistas poderiam prescindir de sua adesão às coordenadas da família. Isto lhes permitiria fazer frente às situações atuais, antes que deplorá-las, como fazem alguns.

Em segundo lugar, a nomeação –NdP, sempre com um travessão, é igualmente disjunta do sexo. Os nomes dos –NdP não estão sexuados. Trata-se de uma atualidade muito diferente e que reúne, de maneira impressionante, as evoluções do tempo. Evocar a subversão sexual em 67 era ser visionário. Hoje isso se verifica todos os dias. E sustenta-se, agora o sabemos, graças ao capitalismo e, sem dúvida, também, à psicanálise: o gozo só se situa a partir de um mais de gozo, o que chamamos gozo perverso. Dito de outro modo, que não faz relação. Porém tal regime de gozo muda o lugar da heterossexualidade no discurso, e correlativamente, relativiza a figura do pai hetero.

Não ser o pai o genitor, ainda que o genitor possa ser, também, pai, é uma tese com origem em Lacan e hoje a ciência faz passar ao ato. A nomeação –NdP generaliza a disjunção da reprodução dos corpos. Suas conseqüências vão até o gozar – Lacan o precisou – porém se todos os nomes –NdP remetem ao gozo, não todos remetem ao sexo: como bem vemos em o “homem mascarado”, que Lacan faz um dos NdP⁸, e cujo sexo é duvidoso. Mais ainda, com o artista sintoma-assexuado que dá seu nome a Joyce, o sem corpo.

⁸ Lacan, “Prefácio a O despertar da primavera” (1974/2003, p.559)

Hoje em dia podemos constatar: as configurações do que se transmite em matéria de “você é meu sintoma” ou de “você é meu filho ou minha filha” - em resumo, você é nome de um de meus gozos - em termos da realidade social são muito mais variadas e defendidas do que já o foram. A teoria da nomeação –NdP, por ser disjunta do sexo, torna-se atualizada com tais evoluções, permitindo, além do mais, pensar nela no momento mesmo em que a vida pela via do sexo é questionada pela ciência.

Concluo com uma conseqüência muito concreta e atual: a contingência do *naming* no laço social, contingência, insisto, abre-se ao encontro, objeto *a priori* em todos os projetos de prevenção subjetiva em relação às crianças. Distingo logo a proteção, de fato, da prevenção que pretende antecipar-se aos efeitos e, postulando uma falsa causalidade familiar, quer prevenir todos os supostos danos, com resultados geralmente mais próximos da discriminação que de verdadeiro cuidado.

Que o dizer da nomeação seja, como qualifiquei, epifania, acontecimento, faz fracassar a prevenção, tão cara às políticas de saúde. Todo o problema para os analistas seria, finalmente, soltar a norma edípica e familiar para buscar e reconhecer as circunstâncias clínicas desse dizer ali onde se apresentam.

Tradução: Andréa Brunetto, estabelecida a partir da versão castelhana de Manel Rebollo

referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. *Joyce, o sintoma*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.
LACAN, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967: primeira versão". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
LACAN, Jacques *Le Séminaire, livre 22: RSI*. Paris: Navarin, 1975.

resumo

O artigo trabalha a clínica do sujeito real e o Pai como o que nomeia. Enlaçando o sujeito não identificado com real do gozar que dá sua identidade, o Pai tem função borromeana. Assim, escrevemos NdP e sustentamos que os nomes do pai podem não ter nada que ver com nenhum homem, assim como não é a família que faz o NdP, ao contrário, quem nomeia mantém juntos os sujeitos.

palavras-chaves

Nome-do-Pai, nomeação, nome próprio,
família, Édipo.

abstract

The article deals with the clinic of a real subject and the Father as the one that gives names. Tying the subject no identified with the real of jouissance, that gives his identity, the Father has a borromean function. Like this, we wrote Name-of-the-Father and we hold that the father's names are not necessarily related with any man, as well as it is not the family that makes the Name-of-the-Father, to the opposite, who names it keeps together the subjects.

key words

Name-of-the-father, nomination, proper name, family, Oedipus

recebido

10/02/2008

aprovado

15/03/2008

A família está viva!

ZILDA MACHADO

Embora alguns vaticinem o fim da família, não é bem isso o que se observa socialmente e o que a clínica psicanalítica nos demonstra. Na contemporaneidade, apesar das transformações sociais pelas quais está passando, a família vem ganhando cada vez mais importância. Apresenta-se em múltiplas conformações: monoparentais, homoparentais e mesmo multiparentais, a partir de filhos de várias uniões anteriores. Sem falar das famílias formadas através dos novos métodos de reprodução assistida. Sob o ponto de vista da psicanálise, a partir da escuta dos analisantes, pode-se dizer que a família continua viva! Ela é inventada, como sempre o foi, por todo sujeito quando consegue constituir sua filiação ao simbólico. Isso sim, é imprescindível para “se ter uma família”, aquela no seio da qual o sujeito se constitui e da qual ele poderá se separar.

Pois bem, estamos em uma nova época e a psicanálise é convocada a discutir aquilo que é de sua pertinência: a transmissão inconsciente que se dá no seio da família e a especifica como humana. Como e por que, apesar de tantas transformações, ainda podemos dizer que o estrutural se mantém? Ou, melhor dizendo: o que caracteriza a família humana? O que é esse “irredutível de uma transmissão” a que Lacan se refere no texto ‘Nota sobre a criança’ e que ele assegura ser a função da família? É a questão que tentaremos cernir neste trabalho.

A descoberta de Freud de que sua teoria da sedução continha um ponto de equívoco e que as lembranças de suas analisantes diziam respeito não propriamente a um acontecimento factual, mas à realidade psíquica, trouxe à tona a família para a psicanálise. Portanto, a família que interessa à psicanálise não é propriamente aquela observável, social e antropologicamente. É, antes, aquela constituída pela realidade interna do sujeito, a família formada por laços inconscientes que compõem as fantasias e as ficções provenientes da estrutura que se convencionou chamar “complexo de Édipo”.

No texto "O romance familiar" Freud desvelou essa estrutura a partir do relato de seus pacientes, pois traziam à tona a família inventada pelo sujeito. Constituída pela ficção, que enlaça os elementos que a compõem, a família criada pelo sujeito articula uma versão edípica do par parental e é condição para ele poder se constituir e posteriormente construir a necessária separação (separar: se parir, nos lembra Lacan em O seminário, livro 11) dos pais, condição de sua autonomia. É uma resposta inventada pelo sujeito a partir do impossível da articulação sexual.

e o que é o complexo de Édipo?

Tomado como modelo, por Freud, não do mito, mas da tragédia de Sófocles¹, o Complexo de Édipo é o enlaçamento dos seres falantes a partir da falta fundamental que os constitui. Como nos diz Lacan, "não há relação sexual", não há proporção entre os sexos. Essa é a castração situada no coração do ser do sujeito: o real marca a estrutura do ser falante por um vazio, é seu mais íntimo, que o coloca à procura do objeto a, seu complemento, no campo do Outro: o homem encontra seu objeto na mulher; já a mulher, na criança. Por isso mesmo, os seres falantes se ligam uns aos outros, formando laços que têm função de suplência à impossível complementaridade entre eles.

Dentre todos os tipos de laço, o amor é o maior e o mais importante. Assim se constituem os diversos agrupamentos humanos, sendo a família o principal deles, por sua importância, tanto para o processo de civilização com a regulação do gozo, quanto para a reprodução sexuada e a constituição do sujeito. Segundo Freud, o que levou o homem a constituir família, em tempos imemoriais, teve um fundamento duplo: a compulsão ao trabalho criada pela necessidade externa e o poder do amor. Foi o amor que fez o homem "relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho", nos diz Freud, concluindo que Eros e Ananke (o amor e a necessidade) são os pais da civilização humana².

Seguindo o que nos ensina a psicanálise, o que constitui a "boa família" para um sujeito é aquela em que pode metaforizar a falta que o constitui, a partir da operação da função paterna que

¹ Esclarecimento dado por Antonio Quinet em seu seminário "O inconsciente trágico e o real do Édipo", em Belo Horizonte.

² Freud, O mal-estar na civilização, Vol. XXI, P. 119/121.

a eleva ao simbólico. Advém daí a construção de uma metáfora, cujo resultado é a significação fálica, a possibilidade de se operar com a linguagem de maneira a dar significação ao mundo e a se inserir na partilha dos sexos, tendo o falo como ancoragem e referência.

Mas, como sabemos, a estrutura simbólica não recobre tudo e não é a única transmissão possível ao ser falante. Também o resto que escapa à simbolização se transmite de geração a geração participando da herança legada. Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud fala de “herança arcaica”³ – a transmissão de marcas mnêmicas do vivenciado pelos antepassados, e que, “*por não poderem ser transmitidas pela comunicação ou pela educação*”, transmitem-se através de resíduos. A essa parte heterogênea ao simbólico Lacan denominou Real e a ela articulou o objeto a.

³ Freud. *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-38], p. 119)

Poderíamos então dizer, mais que pelos seus personagens, a estruturação da família se dá pela falta que constitui seus elementos, ou seja, o real. Esse é o legado que se transmite, causa do sujeito, o que o compele aos dois operadores da falta – o falo e o objeto a – a partir dos quais se ergue o aparelho psíquico e se enlaçam os seres falantes, com os recursos do simbólico, cuja premissa básica é o mal-entendido, como nos diz Lacan.

Portanto, para a psicanálise, a família é a cena na qual estão presentes os desejos inconscientes que a compõem, o palco onde o drama edípico se realiza, onde o sujeito se constitui. Ali estão presentes, não propriamente o pai, a mãe e o filho, mas o *sujeito*, o *Outro primordial* (que faz a função materna acolhendo o sujeito em sua subjetividade, onde circulam os objetos pulsionais e se transmite a língua materna, ou seja, a língua), a *função paterna* (que se aloja na maneira particular como cada um pode ocupar a função do pai, a de enlaçar o desejo à lei) e o *operador fálico* que movimentam a estrutura. Mas não nos esqueçamos também de que a família é a morada do pequeno outro, o irmão, o semelhante, com toda a carga de drama imaginário que disso decorre.

Ou seja, a família é precipuamente o lugar no qual o sujeito pode, ao ser acolhido no desejo do Outro, receber a inscrição simbólica que o intima a se constituir sujeito, como uma resposta do real. A partir daí ele poderá encontrar seus próprios recursos, na estrutura que o determina, para realizar seu destino como ser falante.

Está em jogo então, para a família, a maneira como cada um pôde se haver com a falta que o constitui, como se posicionou diante dela e como a transmitiu para os seus descendentes. Por isso o que o pai transmite é a sua castração. Desse modo, está em questão a própria vivência edípica de cada um de seus elementos, de cada um dos cônjuges, numa transmissão que os coloca em uma linhagem perpetuada dos ascendentes aos descendentes e coloca o sujeito em um ponto de passagem, aquele da transmissão do mal-entendido.

Assim, acredito que, embora jurídica e socialmente todos tenham a sua família, para a psicanálise só podemos falar que de fato tem uma família aquele sujeito que puder constituir sua filiação ao simbólico. Somente este poderá articular uma continuidade psíquica entre as gerações e se contar em uma linhagem que o coloca em um ponto de passagem de seus ascendentes aos descendentes. Somente ele poderá “conquistar o que herdou dos pais para, de fato, constituí-lo seu”. E essa transmissão independe da conformação social e fenomenológica da família, mas única e exclusivamente da preservação das funções em seu seio, não de seus personagens.

A partir da posição diante do falo, homens e mulheres podem assumir o seu sexo: ter ou não ter o falo. Está em jogo, portanto, como a mulher construiu a saída para a sua falta fálica, aquela que funda o desejo sexual. A partir desse ponto ela pode vir a desejar um filho, como um substituto que venha compensar sua decepção de origem, ponto crucial de cuja interpretação dependerá a posição do sujeito.

Sabemos que a menina se “desliga” da mãe, seu primeiro objeto, e se dirige ao pai. Coberta de ressentimentos, ela busca no pai um refúgio, uma defesa. Não seria contra o horror da falta que ela percebe na mãe? Saber lidar com a própria falta não seria então aquilo que Lacan aponta em *O aturdito* como a menina esperar da mãe “um pouco mais de substância”⁴?

Também a posição do homem no complexo de Édipo entra uma complexidade. Aquilo que costumamos chamar de dissolução do conflito edípico parece não se processar de todo: isso se mostra na neurose. Na verdade, como aponta Lacan em *Televisão*, o que vemos é o homem permanecer ligado ao seu objeto primordial: “a Mãe permanece contaminando a mulher para

⁴ Lacan, *O aturdito*. Outros Escritos. (2003, p. 465)

o filhote do homem”⁵. Por isso ele precisa rebaixar a mulher para afastá-la da mãe e poder, assim, desfrutar do encontro sexual. Só na medida em que puder construir uma separação e elaborar o amor incestuoso pela mãe, é que o homem poderá escolher uma mulher e acolhê-la em sua subjetividade. Ou seja, só assim ele poderá tomar uma mulher como objeto causa de desejo. Pois, como nos aponta Freud no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”: *“Deve-se afirmar que alguém [e aqui ele não fala só do homem, pois me parece ser esta uma questão para todo ser falante, haja visto tudo o que a psicanálise nos ensina sobre a relação da menina com a mãe] para ser realmente livre e feliz no amor, tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe ou irmã”*⁶.

A conjugalidade é, portanto, um laço estreitado a partir da falta dos dois personagens e está em questão a posição de cada um em relação à falta que o constitui, ou ainda, ao objeto *a* que o causa e que se localiza no campo do Outro. “Amar é dar o que não se tem” nos lembra Lacan, mas por ele normalmente se cobra um bom preço. Então, na família, o amor enlaça esses seres de falta à procura de complementaridade, e às vezes o faz de tal maneira que o sujeito não consegue se desvencilhar para construir outros laços. Mas, não só o amor os enlaça. A família é o palco de todas as paixões humanas: amor, ódio, ignorância, e seus derivados de ciúmes, inveja e traições. O amor que une a família, muitas vezes, mais machuca do que nutre, mais adoece do que sara, mais aspira do que deixa respirar, levando-nos a constatar na clínica, muitas vezes, que aqueles que se sentiram menos amados, menos desejados, puderam construir melhor a separação.

a separação necessária

Mas separação de quê? Quando repetimos “o pai sempre incerto é, mas a mãe é certíssima”, de que mãe estamos falando? A que mãe o sujeito fica apenso, grudado? No texto *Os Complexos Familiares* Lacan nos fala da “Imago materna”⁷, aquela fixada no psiquismo a partir do complexo de desmame. E ali aponta que a imago da mãe deve ser sublimada para que o sujeito possa, a partir dessa operação, construir novos laços e integrar outros

⁵ LACAN, J. *Televisão*. In *Outros Escritos*, p. 531

⁶ Freud. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*. (1912, p. 169)

⁷ Lacan. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. *Op.cit.*, p. 41

complexos ao psiquismo. Da mãe, portanto, é preciso se ter uma distância necessária. Sabemos o que significa a expressão: “ficar agarrado na barra da saia da mãe”.

Quando essa separação não ocorre, a imago materna, salutar em sua origem, mostra toda virulência, transformando-se em fator de morte, nos diz Lacan nesse texto. E continua dizendo que a análise dos casos onde isso não se dá, “mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe”⁸. Vemos na prática do sepultamento, cujo sentido é o de retorno ao seio materno. É uma ligação estabelecida, portanto, entre a mãe e a morte. Trata-se “não de uma associação mórbida, mas genérica”, nos diz Lacan nesse texto, ou seja, ela pode ser percebida em outras práticas e ser observada inclusive, “em toda experiência psicanalítica conduzida até o final da análise”.

Então, quando Lacan diz nesse texto: a imago materna é “uma assimilação perfeita da totalidade do ser. Nessa fórmula (...) reconhecemos as nostalgias da humanidade: a miragem metafísica da harmonia universal – o abismo místico da fusão afetiva, a utopia social de uma tutela totalitária, todos saídos da obsessão com o paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte”, cabe uma pergunta: Não seria a mãe um dos nomes do Real? Uma das figuras do impossível? Está aí a questão da devastação para nos dar a dimensão daquilo que resta para além das significações possíveis entre a mãe e sua cria.

Estamos, portanto, na dimensão da Mãe Real, *das Ding*, aquela da qual nenhum sujeito pode de fato se separar, por não encontrar recursos para isso.

“Algo do psíquico é de natureza a não formar parte do simbólico. Não há simbolização da perda da mãe. A mãe simbólica é a que vai e vem (a do Fort-da), mas há a mãe real, aquela cuja ausência não é simbolizável. O impensável designa o lugar sem forma que nenhum significado pode habitar. (...) A escrita pode ser considerada como o meio de paliar o inominável do pai. Mas não existe aplicação correspondente para a mãe como das Ding. Como Coisa”⁹.

⁸ Lacan. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Op.cit., p. 41

⁹ Bruno. Lo trascendente. In: Revista Digital a-NUDAMIENTOS.

Aquilo que é de estrutura, uma impossibilidade para todo ser falante, levou aos equívocos dos pós freudianos, que o responderam imaginariamente a esse ponto, culpando a mãe pelo desamparo e a carência dos analisantes.¹⁰ Se retomamos Lacan em *Televisão*: “a mãe contamina a mulher para o filhote do homem”, vemos que é na subjetividade da mãe que algo se processa de maneira a permitir o encaminhamento da questão. Justamente na subjetividade de uma mulher o filho será tomado como um substituto fálico, dependendo dela a possibilidade de entrar ou não o pai como efeito de estrutura na subjetivação do filho. Por isso dizemos que o Pai Simbólico é uma transmissão da mãe. Se a mãe fica satisfeita demais com o filho no papel de substituto, o lugar que ele vai ocupar é o de um tampão para a falta dela.

Logo, Lacan nos aponta que é nos avatares da sexualidade feminina que se prolonga a questão sobre a relação da mãe com seu filho. Se em Freud o filho é um substituto fálico, Lacan acentua também a dimensão impossível deste objeto. A cria não recobre totalmente a falta da mãe, porque algo nela excede aquilo que poderia se satisfazer pela via fálica. “Convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno”¹¹.

A mulher é não-toda fálica, portanto, a mãe, como mulher, pode não se satisfazer inteiramente com o falo. Este ponto na subjetividade da mulher abre lugar para o pai, ou seja, é na própria subjetividade dela que haverá transmissão. A parte mulher da mãe é o próprio limite a ser denominado pai. Portanto, a saída está na subjetividade da mãe como mulher. Na subjetividade dela apresenta-se o cavo no qual o sujeito pode amarrar sua linhagem. Seria então o Outro gozo, aquele que faz a mulher Outra para ela mesma, a presença do pai com o qual o sujeito poderá enodar sua linhagem? Seria esta a inscrição do pai da ex-sistência?

A questão está, portanto, na báscula entre a mãe e a mulher. A “boa mãe” é aquela da qual é possível separar-se, aquela que acolhe o sujeito em sua subjetividade e lhe permite decidir a significação de seu desejo, justamente porque não está toda ali. Uma parte dela está referida a um para além do falo, portanto, para além do filho como substituto fálico, lugar no qual emergirá o pai ancorado no cavo de sua subjetividade.

Esse ponto entranha uma complexidade que é muitas vezes

¹⁰ Ver a parte III “A Mãe” do livro de Colette Soler “O que Lacan dizia das mulheres”.

¹¹ Lacan. “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960.1998/ p. 739)

motivo de confusões na clínica. Poderiam as atividades da vida da mãe, sua carreira, por exemplo, funcionar como esse “para além do filho”? Por mais satisfação que o trabalho possa dar, ele deixa a descoberto a parte mulher daquela mãe, trata-se ainda de satisfação pela via fálica. A mulher é aquela que consente em extrair sua cota de gozo, entranhando, portanto, o corpo a corpo. Por isso é fundamental que ela não desista de procurar em um homem aquilo que lhe falta. Neste ponto se encontra a balança que introduz o pai imaginário: é fulano. Trata-se do parceiro necessário, aquele apontado e nomeado pela mãe. Na clínica vemos casos de famílias monoparentais onde a criança coloca no horizonte a nomeação do pai: “quando minha mãe casar, terei um pai”. O pai está no horizonte, o que é diferente de não ter pai. Ou então a criança constrói um desenho do pai que ela vai ter quando a mãe casar. Ambos os exemplos nos mostram o que Lacan aponta: o pai é aquele que está referido a uma mulher, melhor ainda, é aquele que converte a mãe em uma mulher. A clínica nos mostra: se não está presente, o pai pode ser inventado. O pior, muitas vezes, é a presença de um pai que impede a função paterna.

a função do pai

Para a psicanálise, o pai está, portanto, longe de ser o genitor. Na estrutura ele é o parceiro necessário, aquele que encarna uma função, que vem se assentar no lugar apontado pela mãe e que validará a transmissão simbólica. Embora a mãe, como ser falante, promova a entrada do sujeito na ordem simbólica, e que suas idas e vindas, a ratifique com a lei transmitida pela mãe é onipotente, arbitrária, regida por sua vontade. Ela dá ou não dá, conforme seu capricho. Entretanto, se a mãe se interessa por algo mais além da criança, abre para o sujeito a possibilidade de percebê-la como desejante. O que ela quer? A resposta é um enigma. É aí, como assinala Lacan, que a mãe é afetada em sua potência e um lugar terceiro é apontado. Surge assim a instância paterna como metáfora, uma função significante que se inscreve no Outro, no qual um nome virá substituir o lugar da ausência da mãe. Este significante é o Nome-do-pai.

Na fórmula da metáfora paterna, o Nome-do-pai vem substituir o Desejo da mãe e, como resultado, o Desejo da mãe é

barrado. Há a inclusão desse significante no Outro, e abre-se ao sujeito a via da significação fálica: o que a mãe quer está, a partir daí, significado no falo. Desse modo, com o falo se instaura a falta (Φ : aqui falta) e também a função fálica ($-\phi$), com a possibilidade de o sujeito, a partir daí, dar uma significação ao mundo e inserir-se na partilha dos sexos. Opera-se, assim, a castração simbólica. Este é o Édipo freudiano formalizado por Lacan em um matema.

No caso onde o Nome-do-pai foi validado pela operação de significantização, podemos dizer que operou o Pai Simbólico, aquele que teve sua origem na mãe, possibilitando a inclusão do significante Nome-do-Pai no Outro.

Em suas últimas elaborações sobre esse assunto, no seminário RSI, Lacan nos mostra que o pai se define por uma função de interdição na estrutura, advinda pelo respeito à sua palavra, alcançada a partir do fato desse homem estar direcionado a uma mulher. Ou seja, a garantia da função do pai está dada pelo sintoma do homem, aquele que o leva a tomar uma mulher como causa de seu desejo e, acrescenta Lacan, que ele queira ter filhos com ela e que destes tenha cuidado paternal. Por esse sintoma o pai pode articular para o sujeito aquilo que é a “função do pai”: o enlaçamento do desejo à lei, ao apresentar para a criança a interdição da mãe (“essa mulher não”); mas, ao mesmo tempo, ele próprio transgredir a proibição ao tomá-la como mulher.

Só assim o pai opera enquanto agente da castração, a falta inserida em uma troca simbólica. Não é por rivalidade, represália ou competição que se inscreve esta proibição, mas porque a castração é para todos. O pai só pode desfrutar dessa mulher se também aceitou perder aquela outra, sua mãe.

Lacan postula o pai como uma função, mostrando-o como agente do qual o sujeito pode até prescindir, com a condição de dele se servir. Por isso formula os conceitos de Nome-do-Pai e de metáfora paterna (a matemização do Édipo), e depois os “Nomes do pai”, chegando ao sintoma como um dos Nomes do Pai, o que na estrutura faz a função de interdição.

Lacan demonstra uma amarração das versões do pai e um postulado: a psicanálise precisa ir para além do pai, ao $S(\mathcal{A})$, porque a crença no pai deixa o sujeito na impotência, no desamparo, ou seja, perpetuado na condição de filho. Sempre se espera do pai

que ele tenha um saber sobre o gozo e que venha interditá-lo para proteger o sujeito: “dizei uma só palavra e serei salvo!”. Mas o pai não diz, não diz por que nenhum homem pode ocupar esse lugar ao qual é chamado na estrutura. “Pai, não vês que estou queimando?” Que homem poderia responder a esta pergunta? Por isso Lacan fala que o pai é sempre insuficiente, humilhado, pois está sempre aquém do lugar ao qual é convocado, ou seja, está em falta com a função. E é justamente isso que nos constitui neuróticos, nos melhores dos casos. Somos sempre compelidos a forjar o sintoma, aquele que vai operar, na estrutura, a função paterna.

a desfiliação

A família é, portanto, o local onde se realizam os complexos nodais da neurose¹² com os sintomas que constituem o principal recurso do sujeito, a partir do trabalho simbólico. No texto os Complexos familiares Lacan aponta a neurose para além de uma patologia, como uma maneira do sujeito “mostrar em sua pessoa” as imagens do drama existencial do ser humano.

Então, seja qual for a conformação familiar na qual se nasce, o que importa de fato é se ela favoreceu ou não a filiação ao simbólico. Se isso aconteceu, o sujeito encontrará seus próprios recursos, constituirá seus sintomas e seu romance familiar em que articulará a função do pai e a versão da mãe como mulher (o sujeito imagina a mãe como uma mulher infiel e a ela relaciona um homem mais forte e mais potente, mais capaz de dar conta do gozo dela como mulher). Assim, constrói uma versão edípica do casal parental, o que constitui uma suplência à função do pai. Com isso constrói para si, e em si, a necessária separação da mãe, ligando-a a um outro que não ele mesmo.

Assim, o sujeito pára de se oferecer como o objeto que viria completar a mãe. Portanto, esta é a estrutura: a função da mãe, ao oferecer a linguagem, dá o banho de língua que libidiniza o sujeito e, ao acolhê-lo em sua subjetividade, permite a constituição do sujeito. A função do pai é enlaçar o desejo à lei, ao transmitir a castração.

Dos pais, porém, espera-se sempre mais do que isso. Espera-se que eles encarnem o Outro. Mas, o Outro não existe. Por isso, para essas funções, os seres falantes, todos nós, somos

¹² Lacan. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Op.cit., p. 76

sempre insuficientes, pois, quem poderá dar garantias para o desamparo? O Outro não existe.

O embate que se dá na família, portanto, advém do fato de ser constituída por um buraco, uma falta, um 'troumatisme'. O verdadeiro trauma é esse, e é de estrutura, mas é o que nos constitui sujeitos. Se tomamos Lacan em O Mal entendido, diremos que o verdadeiro é termos nascido da trama, da urdidura do desejo do Outro, mergulhados no mal-entendido (premissa do simbólico) que nos gerou, e que continuaremos também transmitindo para todo o sempre. Pois, como nos diz Lacan quando fala do desejo de ter filhos: "Lembrem-se que ocorre frequentemente que o fundo do desejo de [ter] uma criança é simplesmente isso que ninguém diz: "que ele seja como qualquer um, que ele seja minha maldição sobre o mundo"¹³.

Estamos também inseridos nessa linhagem, aquela da transmissão do mal entendido, da 'maldição'. O mal dizer é de estrutura. Caberá a cada um tomar o seu quinhão e se arranjar com o simbólico como puder. Pois, como nos diz Lacan em O Aturdido: "como se reproduz o homem? Reproduzindo a pergunta, eis a resposta". Contudo, uma vez que por estrutura não podemos responder a questão, só nos resta transmitir a castração, e a maneira como cada um de nós pôde trabalhar com ela.

Não é culpa de papai e mamãe, ao contrário, a solução é justamente essa: ser tomado na subjetividade de uma qualquer (no sentido de Qual quer?) a que responder com seu desejo, esta é a mãe (o filho do homem é sempre adotivo). E esta, por estrutura, carrega em si mesma a falta que a endereça a um homem suposto ter o que ela deseja, e que poderá ser nomeado "pai". Homem que, por sua vez, também carrega em si a falta que o coloca vertido, endereçado a uma mulher. E assim caminha a humanidade...

Em outras palavras, sejamos mais felizes de ter a família que temos, intrapsiquicamente, pois foi ela que nos possibilitou ser o que somos. E daí, quem sabe, também possamos ter uma certa (con)descendência ou até mesmo uma comiseração com os nossos. Pois afinal, estamos numa linhagem da falta, numa herança da falta, numa transmissão da falta. E é esse o nosso maior bem: saber lidar com ela, coisa que só o simbólico permite, para além da decifração, na invenção.

O que a psicanálise permite a um sujeito é atingir um saber

¹³ Lacan. Seminário da Identificação. Lição de 28/03/62. Inédito.

sobre o que o causa e bem dizer sua determinação simbólica, sua maldição, operando um corte com o destino. No século XX, o pequeno Hans, o Homem dos Ratos e muitos outros tiveram seus impasses e souberam lidar com eles. Diante de um pai insuficiente, Hans construiu para si mesmo um sintoma que lhe fez as vezes dessa função, depois, com a ajuda da psicanálise, conseguiu construir, pela palavra, uma outra saída. Os sujeitos do século XXI, com todas as transformações pelas quais a família está passando, terão também os seus impasses e a psicanálise terá muito a aprender com eles, pois sabemos que o "Inconsciente é saber fazer com a língua"¹⁴, o recurso maior do sujeito.

¹⁴ LACAN. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. (1972-1973. p. 190.)

- BRUNO, Pierre. Lo trascendente. In: Revista Digital a-NUDAMIENTOS. <http://www.carlosbermejo.net/a-nudamientos4/4.htm>
- FREUD, Sigmund. (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.
- FREUD, Sigmund. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II) In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XI.
- FREUD, Sigmund. (1909[1908]). Romances Familiares. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.
- FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.
- LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina" (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 4: *A relação de objeto*. (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, Jacques. Seminário RSI (1974/1975). Inédito.
- LACAN, Jacques. Seminário da Identificação (1961/1962). Inédito.
- LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Seminário De um discurso que não seria do semblante. Inédito.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. O Mal-entendido (1980). In Documentos para uma Escola. Revista Letra Freudiana - Escola, Psicanálise e Transmissão. Ano I, n. 0. Publicação fora do comércio.
- LACAN, Jacques. O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

resumo

Neste trabalho, tomando como referência o que diz Lacan em "Televisão", tentarei elaborar o que é a família para a psicanálise. Se na contemporaneidade temos visto as profundas transformações pelas quais a família está passando, a partir de que coordenadas podemos dizer que o estrutural – aquilo que a especifica como "humana" – se mantém? Tentarei demonstrar que o pai é uma função e que a mãe é aquela que responde com seu desejo. A partir daí, caberá ao sujeito encontrar seus próprios recursos para realizar seu destino como ser falante.

palavras-chave

família, inconsciente, família contemporânea,
desfiliar-se

abstract

In this essay, referencing Lacan in his essay entitled "Television", I will try to elaborate on what is the family in psychoanalysis. If in present time we have been seeing the transformations that the family structure is going through, from what coordinates can we say that the structural – what specifies it as "human" – is maintained? I will try to demonstrate that the father is a function and the mother is the one that responds with her wish. From there, the subject must find its own resources to realize its destiny as a talking being.

key words

Family, subconscious, contemporary family,
"desfiliar-se"

recebido

10/01/2008

aprovado

21/03/2008

Da filiação à nobre bastardia: linhagem real do desejo

- comentando uma expressão de Lacan -

BÁRBARA GUATIMOSIM

"E quando escutar um samba-canção
Assim como 'Eu preciso aprender a ser só'
Reagir e ouvir o coração responder:
'Eu preciso aprender a só ser.'" G. Gil.

o empuxo ao ser

Na psicanálise, o sujeito, como sabemos, não é o indivíduo ou a pessoa. Esta nasce para a vida biológica, mas, inseparavelmente, para o banho da linguagem em um determinado contexto social, cultural e familiar. Verbo fazendo-se carne e carne fazendo-se verbo, em uma composição fundante. A vida incipiente do *infans* porta em potência o sujeito, que inicia sua trajetória marcado pelos desejos, gozos e ditos do meio significativo que o cerca. E desde o início de uma vida, tão destituída de ser, parece que tudo se desenvolve votado ao ser: É-se fulano de tal, menino ou menina, rico ou pobre, a cara do pai ou da mãe, etc. O que ser quando crescer? A pessoa se insere em um lugar, na linha das gerações, descendente de seus predicados e das expectativas de outrem.

São, portanto, os atributos e designações que, neste momento, colando-se à pessoa, fazem o dito ser. Evidentemente, essas operações de colagem fazem alguma coisa. Forjam o eu, bem necessário, mas constituído de capturas imaginárias que recobrem, representam e fazem um "corpo", detentor de uma identidade individual. Nesse processo, o nome do pai em corte metafórico introduz a lei, no que poderia ser uma colagem absoluta no Outro materno, na visada de ser Um todo.¹ Isso não se faz sem que seja dado, para além do imaginário da presença paterna, uma significação simbólica ao sujeito, liberando ainda um desejo real não articulável, mas que se transmite. Desejo liberado pela hiância do desejo entre a mãe e o pai e que, consequentemente, separa o filho. Hiância que não só separa os elementos em jogo,

¹ Aqui é interessante observar o que Lacan ainda precisa ao distinguir o nomear para – como um projeto materno em sua lei férrea – do dar o nome, o batismo, nomeação, implicado na função paterna. Lacan, Seminário XXI, *Les non dupes errent*, lição de 19/03/1974, inédito.

² Freud, (1916-1917) conferência XXVII, *A transferência*, p.508. No original alemão "Der geheilte Nervöse ist wirklich ein andere Mensch geworden, im Grunde ist er aber natürlich derselbe geblieben, d.h. er ist so geworden, wie er bestenfalls unter den günstigsten Bedingungen hätte werden können." Freud, *Gesammelte Werke* Ed. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, Vol. XI, 1999, p. 452. Tradução proposta por Raquel Jardim Pardini e Sérgio Becker.

³ Freud faz agir aqui um futuro do pretérito, que se aproxima do sentido do "terá sido" de um futuro anterior, (Lacan (1960), *Subversão do sujeito*, Escritos, p. 823) mas sutilmente interroga sua determinação, abrindo possibilidades. É curioso que o futuro anterior na língua portuguesa é nomeado futuro do presente composto, ou seja, futuro do presente conjugado com o passado, com um verbo partícipe do passado, entrelaçando assim, em um só tempo, futuro, presente e passado.

⁴ "- s'être [ser-se] -, no qual se exprime o modo de subjetividade absoluta, tal como Freud a descobriu em sua excentricidade radical: 'Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser.'" Lacan, *A coisa freudiana*, (1955), Escritos, págs. 418-419.

⁵ Lacan (1958), *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Escritos, p. 634.

⁶ "O sujeito não identificado faz muita questão de sua unidade; seria preciso explicar-lhe, mesmo assim, que ele não é um, e é nisso que o analista pode servir para alguma coisa." Lacan, (1978) *Jornadas sobre a experiência do passe*, p. 64.

⁷ Lacan, op.cit, *A direção do tratamento*, p.642.

mas revela ainda o corte no ser de cada um; corte - que dá lugar à causa - frequentemente elidido pela cobertura imaginária das identificações que forja um "Eu".

Mas para o sujeito se apresentar em sua condição de fenda, afânise, divisão que abole uma substância e identidade plenas de ser, é preciso que se faça o levantamento das significações que supostamente o designam, das identificações imaginárias e miragens atributivas, garantias e condenações, as quais pretendem dizer o que ele é, para relançá-lo em reversão no que teria sido. Isso não deixa de evocar Freud, no que ele entende como alcance de uma análise: "*O nervoso curado realmente veio a ser um outro ser humano, embora no fundo ele permaneceu, naturalmente, o mesmo, isto é, ele veio a ser como, no melhor dos casos, sob as condições mais favoráveis, poderia vir a ser*. Isso, porém, já é muita coisa".²

Podemos ler esse condicional freudiano jogando aqui com a marca do "terá sido" lacaniano - que tanto pode cumprir-se no fecho de uma significação predestinada, como abrir-se à fenda que vaza e constitui o sujeito para a acontecência contingente. Pois o que terá sido, ainda não foi.³ E nos lembra Freud novamente, ao formular o devir ético radical: onde isso era, o sujeito deve vir a luz "como lugar de ser".⁴

A questão remete a Lacan, quanto às chamadas paixões do ser: aquilo que se demanda ao Outro preencher, sendo o que também lhe falta, são demandas de ser, em seus efeitos de amor, ódio e ignorância recrudescendo quanto mais a demanda é satisfeita.⁵ Se o sujeito, desde o início de sua existência, é votado ao ser, não faltarão demandas para responder nesse sentido. E todas as investidas do sujeito podem recair nessa afluência demandante, reduzindo a demanda mesma, a uma paixão de ser. Assim como outras, a demanda de filiação - ser filho de, ser membro de - pode também insistir patologicamente e manter-se em toda a vida do sujeito, desenhando deslocamentos, substituições e conveniências em sua trajetória, correndo sobre o leito em que subjaz a aspiração infinita de Um ser.⁶ Tal premência de Ser a qualquer preço, pode chegar a consubstancializações patéticas, como alerta Lacan: "Mas a demanda de ser uma merda, eis o que torna preferível que nos coloquemos meio de esguelha quando o sujeito se descobre nela. Desgraça do ser."⁷ Evidentemente, este comentário vem para aguilhoar os analistas que se querem cíbalos.

“Quem não sabe levar suas análises didáticas até o ponto de viragem em que se revela, tremulamente, que todas as demandas que se articularam na análise – e, mais do que qualquer outra, a que esteve em seu princípio, a de tornar-se analista, que então esgota seu prazo – não passaram de transferências destinadas a manter instaurado um desejo instável ou duvidoso em sua problemática, este nada sabe do que é preciso obter do sujeito para poder garantir a direção de uma análise, ou para simplesmente fazer nela uma interpretação com conhecimento de causa”⁸

Esta demanda infinitiva de ser visa a desincumbir o sujeito de se parar, separar, de se parir, e de fazer-se ser. Nesse tempo, Lacan definirá a ética da psicanálise, precisamente, como uma política da falta a ser, princípio prolongado na ética do desejo que, ao analista, cabe sustentar.

do pai à bastardia

Com a pluralização do nome do pai como nomes do pai ocorre o desprendimento de uma primeira referência de lei, da castração edípica à lei do enodamento das dimensões fundamentais do RSI. Ao tornar-se nome de nome de nome, três buracos articulados ao nó borromeano, o pai torna-se nome em ato, a ação nomeante, o que nomeia e enoda desde a *ex-sistência*. Esta trajetória de Lacan pelo pai, em seus últimos seminários, pode se enlaçar retroativamente a uma expressão um tanto enigmática sobre o sujeito, surgida em torno de 1958, em pelo menos dois momentos: “O seminário, livro 5, a expressão “abastardamento” está ligada à possibilidade de anulação do significante, de ser cortado, barrado, revogado e substituído e, como produto de uma ação simbólica, deixado a desejar.”⁹

No texto “A direção do tratamento”, refere-se à “nobre bastardia” como o efeito de *refenda* que inscreve a barra como apagamento do ser e instauração do dizer, advindo então o sujeito, sujeito barrado e desejante, por ser falante.¹⁰ Tomando o desejo ao pé da letra,

⁸ Lacan, idem. A farpa tem ressonâncias em todo o ensino de Lacan e mais claramente no discurso à EFP no qual Lacan comenta que o desejo do analista (como objeto a) não tem nada a ver com o desejo de ser analista, o que pode se adequar perfeitamente ao desejo de ser uma merda. Portanto é preciso submeter à análise, esse desejo de ser.

⁹ “Há no significante, portanto, em sua cadeia e em sua manobra, sua manipulação, algo que está sempre em condições de destituí-lo de sua função na linha ou na linhagem – a barra é um sinal de abastardamento – de destituí-lo como tal, em razão da função propriamente significante do que chamaremos *consideração* geral. Quer dizer que o significante tem seu lugar no dado da bateria significante, na medida em que ele constitui um certo sistema de signos disponíveis num discurso atual, concreto – e em que ele pode sempre decair da função que lhe constitui seu lugar, ser arrancado da consideração em constelação que o sistema significante institui ao ser aplicado ao mundo e ao pontuá-lo. A partir daí, ele cai da desconsideração para o *rebaixamento* [*désidération*] , onde é marcado precisamente por isso, por deixar a desejar.” Lacan, (1957-1958) *As formações do inconsciente*, p.356.

¹⁰ “(É o que simboliza a barra oblíqua, de nobre bastardia, com que assinalamos o S do sujeito, para grafá-lo como sendo esse sujeito: \$).” Lacan, *A direção do tratamento*, op.cit., p. 640.

¹¹ O texto de fundo em que se baseia Lacan na teorização da *Spaltung* do sujeito é a "Divisão (*Spaltung*) do eu no processo de defesa" de Freud.

¹² Algumas definições de bastardo: "Filho que nasceu fora do matrimônio. Degenerado da espécie a que pertence. Híbridos ou mestiços, formas resultantes de cruzamentos de duas espécies bem definidas ou, mesmo, de variedades. Tipo, espaço, etc., que não obedecem aos sistemas tipométricos usuais." Dicionário Novo Aurélio.

¹³ "O desejo, por sempre transparecer na demanda, como se vê aqui, nem por isso deixa de estar para-além. E está também para-aquém de uma outra demanda em que o sujeito, repercutindo no lugar do outro, menos apagaria sua dependência por um acordo de retorno do que fixaria o próprio ser que ele vem propor ali. Isso quer dizer que é de uma fala que suspenda a marca que o sujeito recebe de seu dito, e apenas dela, que poderia ser recebida a absolvição que o devolveria a seu desejo. Mas o desejo nada é senão a impossibilidade dessa fala, que, por responder à primeira, não consegue fazer outra coisa senão reduplicar sua marca, consumando a fenda (*Spaltung*) que o sujeito sofre por só ser sujeito na medida em que fala.", Lacan, *A direção do tratamento*, op.cit., p.640.

¹⁴ Lacan, *Radiofonia* (1970), Outros Escritos, p.425.

¹⁵ "Ao que sou eu? não há outra resposta no nível do Outro que o *deixa-te ser*. E toda precipitação dada e esta resposta, qualquer que seja ela na ordem da dignidade, criança ou adulto, não passa de *eu fujo ao sentido deste deixa-te ser*." Lacan, (1961) *A transferência*, p. 239.

na última parte do texto, Lacan se refere ao sujeito do desejo como aquele que, ao suspender o dito que o marca, o "tu és", encontra em seu próprio dizer a contundência do Outro da linguagem que o re-marca. Dessa forma, a operação não produz a absolvição do sujeito, a liberdade do desejo, mas a impressão do que o causa, fazendo aí uma dupla marca, consumação da fenda (*spaltung*)¹¹. Nessa *refenda*, um dos nomes da castração, o sujeito se constata irremediavelmente mortificado pelo significante: mais que filho do significante, mais que simplesmente dito, nomeado, vê-se aí portador do significante, de um dizer que nomeia, pai do nome. Pode ser esse um modo de ler a expressão "nobre bastardia"¹²; não como uma ilegitimidade ou degeneração, mas como real linhagem do desejo do pai enquanto *ex-sistente*. Assim, o sujeito recupera o que *terá sido* o desejo desde sempre: desejo do Outro - Outro como agente do desejo. Saudade do futuro sempre presente na experiência da causa. Filho do desejo e do significante Falo, excêntrico e não reconhecido pelo eu e sua consciência, o sujeito deseja porque fal(h)a, ao que lhe resta, "ser falante".¹³ Disso é possível concluir: os termos "sujeito" e "ser falante" são versões de uma mesma notação \$. O desejo, um alguém que cava o além da demanda de ser, entrecruzando sua tarja de estirpe enigmática, atravessa o sujeito tornando-o, nesta fenda causal, desejante. E como é preciso tempo para se "*faire à l'être*",¹⁴ em seu desejo e gozo singular - em ser sexuado, onde incide ainda e literalmente a secção - é preciso desapaixionar-se em ser, para deixar-se ser em seu fazer.¹⁵ Nessa reversão, a entrada para o final de análise e a singularidade de cada um se apresentam desde o resgate e relançamento de um tempo anterior, enunciante da constituição original do sujeito.

a escola da causa – abastardamento e adoção

No tempo da dissolução da EFP, ao invocar a Causa Freudiana, Lacan lança a Escola em uma indigência fundamental.¹⁶ Nesse corte é preciso que, como pai, ele se vá, *ex-sista*, "afim - de ser, enfim, Outro."¹⁷ Pois interessa-lhe "(...)ver o que acontece quando minha pessoa não opacifica o que ensino".¹⁸ Diante de uma Escola carregada de sentido hierárquico e religioso, Lacan passa a contar com a mola mestra do significante e do real: "A

hierarquia só se sustenta por gerir o sentido. É por isso que não dou um empurrãozinho a qualquer responsável, na Causa Freudiana. É com o turbilhão, com a hélice que conto. E, devo dizê-lo, com os recursos de doutrina acumulados em meu ensino.”¹⁹ Lacan evoca uma declarada “desidentificação” com sua Escola, como um trabalho de luto a ser feito, respondendo a F. Dolto que entendia a dissolução como auto-destruição: “Mas, felizmente para mim, eu não disse jamais que a Escola Freudiana sou eu” e ainda, “eu não me identifico em absoluto com Françoise Dolto, e muito menos com a Escola Freudiana. É isso o que me justifica precipitar-me ao trabalho para construir a Causa freudiana.”²⁰ Não por acaso, nesse momento de dissolução, tempo *d’écologie*, contrariamente à religião que crê que tudo pode ser revelado, Lacan retoma o enigma traumático da condição herdada do ser falante: O mal-entendido: “Tantos quantos vocês são, que são vocês senão mal-entendidos?”²¹ Desde antes, o legado do desejo e do balbucio dos ascendentes faz o homem nascer mal-entendido e o corpo só aparece no real como tal. “Sejamos aqui radicais: seu corpo é fruto de uma linhagem da qual boa parte de suas desgraças provém de que ela já nadava no mal-entendido o máximo que podia. Ela nadava pela simples razão de que ser-falaria (*parlêtrait*) a quem fizesse melhor.”²²

Porque a obscenidade e o desvio da verdade analítica puderam mais que a causa analítica, Lacan incita ao debate retirando-se, abastardando a Escola da Causa, ao adotá-la como sua. Tudo isso, não sem entusiasmo: “A experiência tem seu preço, pois não é algo que se imagine antecipadamente. (...) Vale a pena arriscar-se. É a única saída possível – e decente.”²³

nobres bastardos

Por prosseguir e perseverar na condição de sujeitos de nobre bastardia, alguns homens podem operar corte no saber estabelecido e avançar na feitura de algo inédito. O não esperado, seja filho ou descoberta, sofrem de uma bastardia constitutiva, enquanto sujeitos. E, nesse contexto, a nobreza adjetiva? Talvez, a linhagem milenar da condição significativa e real fundação desejante do \$, aliadas ao duro trabalho, enobrecedor, que exige a sustentação do que acontece de inesperado para, e em cada um.

¹⁶ “A causa freudiana não tem outro móvel a não ser minha caixa de correio. Indigência (*dénueement*) que tem muitas vantagens (...)”. Lacan (1980), *Senhor A.*, p.54.

¹⁷ Lacan, (1980) *O Outro falta*, p.48.

¹⁸ Lacan (1980), *O mal-entendido*, p.60.

¹⁹ Lacan, op. cit., *Senhor A.*, p.54.

²⁰ Lacan (1980), *Luz!*, p.58.

²¹ Lacan, op. cit., *O mal-entendido*, p.60.

²² Lacan, idem, p.61.

²³ Lacan, (1981) Primeira carta do Fórum. Citação extraída do site <http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque> (tradução da autora)

Um filósofo, no impacto do seu encontro com a psicanálise, não se furtou em fazer a seguinte declaração:

“Que eu saiba, no transcorrer do século XIX, duas ou três crianças nasceram, sem ser esperadas: Marx, Nietzsche, Freud. Filhos ‘naturais’, no sentido em que a natureza ofende os costumes, o honrado direito, a moral e a arte de viver: natureza é a regra violada, a mãe solteira, logo, a ausência de pai legal. A Razão Ocidental faz pagar caro a um filho sem pai (...): preço contabilizado em exclusões, condenações, injúrias, miséria, fome e mortes ou loucura.”²⁴

²⁴ Althusser, (1965) *Freud e Lacan - Marx e Freud*, págs. 51-52

Althusser comenta que Freud sofreu principalmente uma solidão teórica. A descoberta deparada em sua prática, não tinha ascendência teórica paterna. Teve de se arranjar.

“(...)ser ele mesmo, o seu próprio pai; construir, com suas mãos de artesão, o espaço teórico em que pudesse situar sua descoberta; tecer, com fios emprestados aqui e ali, por adivinhação, uma grande rede com a qual capturaria, nas profundezas da experiência cega, o peixe abundante do inconsciente (...)”²⁵

²⁵ Althusser. Idem, p.52

Althusser ao fazer um retorno a Marx, escreve isso identificado a Lacan que, em seu retorno a Freud, sofria a excomunhão, e aos homens que, em ato, sustentaram um corte epistemológico. Mas Althusser não distinguiu, no seu esforço em consertar, “fazer o pai”, em ser ele mesmo “pai do pai” que não tinha, ao não prescindir deste, que por se garantirem no pai da *ex-sistência*, para além da ascendência, diferentemente, Freud, Marx, Nietzsche e outros, se valeram da bastardia.

²⁶ “Ne pas céder parce que l’avenir dure longtemps.” Frase do General De Gaulle que inspira o título do livro póstumo de L. Althusser, onde ele “se explica” e aguarda, por sua vez, uma explicação.

Se na paixão da esperança, o “futuro dura muito tempo”²⁶, ou nunca chega, na causa que não cede e anima o desejo, chega e basta a anterioridade de um futuro, sempre relançado no presente.

referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan – Marx e Freud. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- ALTHUSSER, Louis. O futuro dura muito tempo. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1992.
- FREUD, Sigmund. (1916-1917), Conferências introdutórias sobre psicanálise. In.: Obras completas, Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.
- LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.
- LACAN, Jacques. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- LACAN, Jacques. O seminário – livro V: As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LACAN, Jacques. O seminário - livro VIII: A Transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.
- LACAN, Jacques. O seminário – livro XXI: Les non dupes errent, lição de 19/03/1974, inédito.
- LACAN, Jacques. Seminário - *Dissolução* (1980). Documentos para uma Escola. Revista Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro: Ano I - Nº0, p.45-62.
- LACAN, Jacques. *Jornadas sobre a experiência do passe*. Documentos para uma Escola II - Lacan e o passe. Revista Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro: Nº. 0', p.63-64.1995.

resumo

O texto trabalha a filiação como uma das paixões do ser. Diferente da identidade pessoal, o sujeito se constitui marcado pelo abastardamento que a função significante impõe. É ao consentir com a barra que o atravessa e o determina como ser falante, que o sujeito se libera das significações que pretendem dizer o que ele deve ser e será. É como condenado ao efeito de desejo e de linguagem que lhe vem do Outro que, paradoxalmente, o sujeito torna-se além de nomeado, nomeante, podendo sustentar suas invenções.

palavras-chave

bastardia, sujeito, ser, pai, tempo.

abstract:

The text treats the filiation as one of the being's passions. Different from the personal identity, the subject finds himself marked by the bastardization imposed by the signifying function. As the subject consents with the bar that passes through and determine him as *parlêtre*, only then, he will free himself from the significations which intend to tell him what should he be and what should he come to be in the future. Paradoxically, it is by being doomed by the language and desire effect that comes from the Other, that the subject becomes beyond the named, the namer, being finally able to support his own inventions.

key words

bastardy, subject, to be, father, time.

recebido

12/12/2007

aprovado

15/02/2008

direção do tratamento



Amor e sintoma

Os laços do amor e o nó do sintoma

BERNARD NOMINÉ

Proponho este título atrativo, os laços do amor e o nó do sintoma, porém não sei se conseguirei resolver essa questão. Ela é parte de uma constatação simples: o amor é um laço que parece muito mais frágil que a relação que prende o sujeito a seu sintoma. Quantas vezes não se vê um homem deixar uma mulher por uma outra pensando enfim haver encontrado “a boa”, ou seja, o objeto de amor ideal. Contudo, não se trata disso, surgiu apenas a ocasião de repetir a relação de sempre com a mulher-sintoma de seu gozo. Costuma ser um impulso mais comum no sexo masculino, mas não exclui que uma mulher possa fazê-lo também, embora não com a mesma frequência.

Se quero comparar o laço do amor com o nó do sintoma, é preciso distingui-los primeiro. Embora isso seja possível, talvez seja, por um lado, artificial, porque sem dúvida há muitas maneiras de amar; além do mais, espera-se que uma análise possa ter algum efeito neste nível e que a maneira de amar, ao fim de um tratamento, não seja idêntica àquela do começo.

Fiquei surpreso com essa sugestão lançada por Lacan, ao fim de sua “Nota Italiana”, na qual evoca a possibilidade de ir além da relação clássica que o imaginário tem com o real e o simbólico – isso que define para ele o amor em sua função de nó inconsciente – para tornar o “amor mais digno do que essa profusão do palavrório”.¹

Devo a Colette Soler ter sublinhado esta fórmula enigmática, pois me deu vontade de decifrá-la e comentá-la.

Os termos no início dessa passagem da “Nota Italiana” fazem referência ao fato de o amor poder enlaçar o inconsciente de cada um dos parceiros. “O saber do inconsciente designado por Freud é o que o *húmus* humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra, e, agora que foi inventariado, sabemos que isso dá provas de imaginação desvairada”.² O *húmus* humano

¹ Lacan. Nota Italiana (1975/2003, p. 315)

² “Só é possível ouvi-lo mediante o benefício desse inventário: isto é, deixar em suspenso a imaginação que ali é curta, e pôr a contribuir o simbólico e o real que o imaginário une (por isso é que não podemos largá-lo de mão), e tentar, a partir deles, que apesar dos pesares passaram por suas provas no saber, aumentar os recursos graças aos quais venhamos a prescindir dessa relação incômoda, para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório que ele constitui até hoje.” *Ibid.*, p. 315

não é inventado pela mesma parte que inventa cada sujeito. Esta funciona por si mesma e a parte de cada sujeito é muito reduzida. Tal proposição retoma a idéia já presente desde o início do ensino de Lacan, nomeadamente nos “Complexos familiares”, no qual Lacan evocava “as harmonias mais obscuras que fazem da carreira do casamento o lugar de eleição do cultivo das neuroses, depois de haverem guiado um ou ambos os cônjuges para uma escolha divinatória de seu par complementar, correspondendo aos anúncios do inconsciente num sujeito, sem intermediação, os sinais pelos quais se deixa revelar o inconsciente do outro.”³ Encontraremos essa idéia bem mais tarde em “O Seminário, livro 20: Mais, ainda”: Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes.⁴

³ Lacan. Complexos familiares (1938/2003, p. 89)

⁴ Lacan, “O Seminário, livro 20: mais ainda”, 1973/1982, p.197.

Não podemos entender o saber inconsciente a não ser sustentado pela imaginação, que é curta, e colocando a contribuição do simbólico e do real nos quais o imaginário se ata. Este texto tão condensado pode ficar claro com a leitura do seminário em curso à época da Nota Italiana.

Efetivamente, na seção de 18 de dezembro de 1973, do Seminário *Les non-dupes errent*⁵, Lacan trabalha a questão do amor com a ajuda de seu nó borromeano. Cada um dos três pode ser considerado um meio para enodar os outros dois. Define o amor como sendo a situação em que o imaginário é tomado como meio para enlaçar o real, representando a morte, enquanto o simbólico está lá especialmente na palavra de amor, para suportar o gozo.

⁵ Lacan, O Seminário, livro 21: os não tolos erram. Inédito.

Mais precisamente, o amor é o dizer que faz acontecimento; surge do imaginário tomado como um meio para enodar o real ao saber. “O amor não é mais que um dizer, enquanto encontro. Esse dizer do amor se endereça ao saber que está no inconsciente. Ou seja, a esse nó de ser que motiva o inconsciente.”⁶

⁶ Lacan, “Le Séminaire, livre 20, Encore”, 26 de juin 1973, p.131.

Para retomar os termos da “Nota Italiana”, precisamos saber se a psicanálise pode suspender esse modo do imaginário enlaçar o simbólico e o real; se ela pode colocar esse real e esse simbólico a contribuir e “tentar, a partir deles, que apesar dos pesares passaram por suas provas no saber, aumentar os recursos graças aos quais venhamos a prescindir dessa relação incômoda para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório.”⁷

⁷ Lacan. Nota italiana (1975/2003, 315).

Essa ‘profusão do palavrório’ expõe-se ordinariamente, na maioria das vezes, sobre o muro do discurso amoroso, no qual

os significantes copulam como no baile dos incoerentes, drama bem parisiense de Alphonse Allais onde o templário *fin de siècle* reconhece sua parceira no seu passo de piroga congoleza, como lhe havia sido anunciado pelo seu inconsciente, pela via da carta anônima.⁸

Cada um imagina assim encontrar-se com cada uma, em uma perfeita tolice. A única chance que Alphonse Allais deixa aos apaixonados é o momento no qual faz cair suas máscaras, isto é, quando o que fazia a imagem se desenlaça: ele não é Raul e ela não é Marguerite.

Se há necessidade da máscara para o encontro acontecer, o encontro supõe que se conheçam além do sentido dado à palavra conhecer na tradição bíblica, ou seja, aprender juntos o que cada um é no contato carnal. Nós, psicanalistas, não acreditamos que o encontro sexual possa dar lugar a um conhecimento recíproco e simétrico. Aliás, este é mesmo o sentido do famoso “Não há relação sexual”. E um homem pode pretender conhecer uma mulher porque fez amor com ela? É provável que nisso uma mulher vá além, não somente a propósito de seu parceiro, mas a propósito dela mesma.

Essa dessimetria de conhecer é flagrante quanto à estrutura da libido dita masculina. Uma das condições da orientação dessa libido em direção ao objeto é o desconhecimento. Édipo não sabia quem era a mulher com a qual se deitava, mas não é certo que Jocasta não soubesse que se deitava com seu filho.

Encontra-se mesma dessimetria na fábula de Diotima. Para que Eros visse a luz do dia, precisou dessa troca de lugar operada pela astuta Penia. Ela precipitou Poros ao lugar de *éras-tès* e se insinuou, sem ele saber, ao lugar de seu *érôménos*. Essa troca de lugar é a condição necessária ao nascimento do amor. Podemos experimentar escrever isso e logo ver surgir alguma dificuldade.

Em um primeiro momento, Penia está no lugar de *éras-tès*, ela a quem falta tudo, e que espera à porta de quem tem tudo, situa-o, então, como seu *érôménos*.

Penia
éras-tès

Poros
érôménos

⁸ O autor faz referência à peça do escritor e humorista francês, Alphonse Allais que apresenta-nos Raul e Marguerite, casados recentemente e que paira sobre eles uma suspeita de infidelidade. Ele recebe uma carta dizendo que sua mulher estará mascarada e disfarçada de piroga congoleza, no ‘baile dos incoerentes’ no Mouling Rouge.

Para nascer Eros, necessita-se de que Poros, sem o saber, encontre-se na posição de *érastès* e que tenha feito Penia seu *éromenos*, o que proponho escrever assim:

Poros
érastès \$

Penia
érômenos (a)

Essas duas fórmulas se parecem bastante, mas são bem diferentes. Na segunda fórmula, devo acentuar o fato de que Poros deseja sem o saber: \$, embora Penia soubesse o que visava desde o primeiro momento. E se o lugar de Poros representa o do sujeito inconsciente, Penia vai representar o lugar do objeto que causa, inclusive o desconhecido, seu desejo: *a*.

Se o amor implica uma mudança de lugar nos discursos, isso supõe que seja forçosamente recíproco. Essa reciprocidade não é mais do que aparente, pode-se concebê-la no nível dos significantes, ou seja, no nível superior desta escritura proposta por mim. Mas resta uma dessimetria no nível inferior, sustentadora da copulação significativa.

Inscrevi este laço social, o amor, sob a forma de discurso. Quando Lacan tomou esse suporte do discurso, em suas conferências à Saint-Anne, no ano de 1972, ele o comparou a um muro. O mesmo velho muro que Leonardo da Vinci recomendava a seus alunos observar bem, pois em suas fendas surgem as marcas de pólvora, com formas que evocam o dorso de um atleta, uma batalha naval ou qualquer outra coisa. O que aparecia sobre o muro tem um sentido, para nosso prazer. Mas há algo trabalhando atrás disso.

Na escritura proposta a vocês, isso que trabalha atrás do muro do amor, é a causa do desejo, esse famoso objeto *a*, que permite a Lacan esse jogo de palavras *l'(a)mur*.⁹

A *amura*¹⁰, em termos de barco à vela, define uma orientação, podemos navegar a bombordo-amura ou estibordo-amura segundo recebamos o vento a estibordo ou bombordo. A etimologia dessa palavra vem de um nome dado ao cordame que retém a vela e se solta ao vento, passando por um buraco no revestimento externo do barco: *ad murum* designava a corda que passava por esse buraco. Fazendo ressoar a *amura* e escrevendo (a)muro,

⁹ Em francês *l'amour* (o amor) faz homofonia com *le mur* (a parede, o muro).

¹⁰ O autor está incluindo um terceiro termo que também faz homofonia com amor e muro, *l'amure*. Ele vai explicar, no próprio corpo do artigo, o que é a *amura*.

Lacan faz ressurgir o muro do amor. E o faz retomando os versos de Antoine Tudal:

Entre o homem e o amor
Existe a mulher
Entre o homem e a mulher
Existe um mundo
Entre o homem e o mundo
Existe um muro.

Lacan acrescenta um sétimo verso para tornar o poema circular: entre o homem e o muro existe uma letra de (a)muro.¹¹

Havia uma época em que escreviam-se muitas cartas de amor, no papel, e não tinham mais do que um estatuto significante, tornarem-se objetos para colecionar, para formar maços de papéis, de preferência amarrados com laço, para poder, eventualmente, serem enviados ao outro, ou queimados.

Atualmente, sem dúvida, a carta de amor perdeu muito de sua função de objeto e se apresenta como um puro significante de vida efêmera, como um SMS sobre a tela de um celular: S ama S, que mensagem!¹² Perfeita simetria. Os amantes de hoje estão conectados permanentemente com seus pequenos aparelhos, e podem, verdadeiramente, imaginar-se fazer Um, não importa a distância que os separe. Com a carta de amor não era a mesma coisa. Precisava-se de um tempo para enviar, para receber, depois, do tempo de lê-la e relê-la – e ela podia ser bem longa.

Mas, escrevendo a carta de (a)muro, Lacan faz um pequeno buraco nessa tela, ou seja, sublinha que, no imaginário do amor, a carta está lá para esconder o muro sobre o qual ela se inscreve. Ao mesmo tempo, nos diz que o amor visa, também, além do significante do parceiro, a um real que indexa uma pequena letra, o *a*, o qual trabalha atrás do muro.

Dito de outra maneira, com o dispositivo dos discursos, vemos sobre o muro os significantes copularem amorosamente, na “profusão do palavrório”. A copulação é orientada, a verdade-amura, pelo objeto *a*. Mas é atrás do muro que ele está situado.

¹¹ Lettre, em francês, é tanto letra quanto carta. E novamente Lacan está jogando com amor e muro.

¹² O autor está marcando a homofonia entre *eme*, a letra M, e *aime*, ama, do verbo amar.

S1
\$

S2
a

O agente desse discurso, engajado sob a máscara do S1, não é o conhecimento do que o seu parceiro representa além da máscara do S2 que lhe corresponde.

Isto quer dizer que não importa que parceiro possa convir. Lacan faz uma brincadeira com esta charada: como um homem ama uma mulher? Resposta: ao acaso. É preciso o acaso para o encontro e, é claro, isso se opõe ao cálculo e à caça. Mas não é tanto assim isso de que não importa a mulher que ela vai convir, pois o que orienta essa história é o objeto *a*, cujas coordenadas são muito personalizadas. “O amor é o imaginário específico de cada um, isso que une um a certo número de pessoas, não escolhidas completamente ao acaso. Existe aí o poder do mais-de-gozar”.¹³

¹³ Os nomes do pai, 18 de dezembro de 1973.

Essa fórmula proposta por mim é a da libido masculina, único modelo que temos para descrever a libido. Ela pode nos permitir responder a questão ‘como uma mulher ama um homem’? Não verdadeiramente. E aí, mais uma vez, somos confrontados com a impossibilidade de escrever a relação sexual. Se nada impede uma mulher de se inscrever sob o S1 e de procurar seu parceiro como S2, então isso não nos diz nada sobre a especificidade do amor feminino.

Inicialmente, para responder de forma válida à questão, é necessário passar, com rapidez, em revista tudo quanto pode guiá-la conscientemente:

- o desejo de ser valorizada pelo amor de seu parceiro, é uma maneira de satisfazer a função fálica que se escreve $f(x)$ seja na ocorrência mulher de x ;
- o desejo de ter filhos;
- a necessidade de segurança.

É evidente que, na escolha amorosa, uma mulher calcula bem mais que um homem. Por isso há nas lendas mais feiticeiras do que feiticeiros. Atribui-se às mulheres o poder de fabricar filtros. Mas o amor não vem quando o procuramos, quando o calculamos, conforme Poros viveu, deixando-se “filtrar”, e isso vale para todos e todas. Entretanto, segundo Freud, a posição feminina se caracteriza pelo fato de que uma mulher procura e busca o amor, para com ele suprir sua falta fálica.

A teoria lacaniana é mais complexa, pois Lacan considera a

posição feminina para além da visada do falo. Procurando o amor, uma mulher procura junto ao Outro um significante para valorizar e suportar seu ser feminino que, de preferência, apresenta-se como o que descompleta esse Outro. Mas, ainda uma vez, uma mulher não encontra o amor quando ela o procura. Diria que uma mulher encontra o amor quando a relação com seu parceiro a torna Outra de si mesma.

Algumas podem enlouquecer com isso e, por motivo justo, pois elas perdem o seu rumo.¹⁴ O que norteia uma mulher e lhe permite não se perder é não ter sacrificado tudo e ter preservado seu próprio objeto atrás do muro, não o confundindo com aquele que ela representa no amor de seu parceiro. Isso pode levar algumas mulheres a dividir sua vida: um parceiro do amor e outro do desejo. É sua maneira de se virar com o não-tudo.

Uma mulher, por exemplo, vem para a consulta profundamente deprimida após uma relação amorosa na qual ela havia arriscado de se perder, tendo dado tudo a um parceiro cuja psicose poderia ser decifrada *a posteriori*. Ela tem um marido que a ama, mas não o deseja. Felizmente, ele está lá para limitar com seu amor os excessos nos quais ela participa com o homem que procura e que encontra na psicose de seu amante. Mas a vida seria muito triste com o marido, se ela não tivesse essa loucura que vai procurar alhures.

Outra vem se queixar de ser prisioneira de uma relação com um homem do qual ela é somente a amante. Ele tem sua esposa e não pensa em deixá-la. Ela não pode contar com ele, mas ele quer poder contar com ela quando desejar. Ela se queixa dessa relação que a faz sofrer, mas não consegue interrompê-la. Esse é verdadeiramente seu sintoma.

A propósito do sintoma, justamente, no fim de certo tempo, ela reconhece um pequeno sintoma que queria muito poder abandonar: passa horas à frente do espelho, pressionando seus cravos, o que lhe deixa feias marcas, cobertas depois com maquilagem. Isso a ocupa muitíssimo, causa-lhe mal, mas não pode evitar. E fala exatamente nos mesmos termos sobre a relação com o homem. Poder-se-ia dizer que ela o tem na pele: "Eu lhe dou tudo, e eu nada tenho, a outra não lhe dá nada, mas ela tem tudo". A exigência de tudo dar-lhe tem proporcionado relações catastróficas com parceiros com os quais ela se envolve.

¹⁴ "Certains peuvent s'ém affoler et à juste tittre si elles y perdent leur amure."

Estas mulheres, que o amor põe em perigo, arranjam, cada uma à sua maneira, uma forma de encontrar um limite. A mulher histérica não tem tanto mal a se causar, está ao abrigo, porque a função de ser sintoma de um outro corpo não a tenta de modo algum.

Uma mulher é um sintoma para quem é atormentado pelo falo. Sabemos disso após Lacan lançar esta fórmula no seminário de 1975. Existem muitas maneiras de cernir a função do sintoma. Podemos escrevê-lo na estrutura da libido masculina; o sintoma se escreve.

S2
X

Uma mulher é suposta pelo homem como capaz de representar seu gozo. Por isso é escolhida por ele. Essa mulher-sintoma assegura uma função particular na constelação familiar, pois ela participa da função paterna, uma função do sintoma. É melhor que o pai tenha um sintoma, por mais que este não seja senão a perversão paterna¹⁵, “isto é, que sua causa seja uma mulher que ele arrumou para lhe gerar filhos e que, destes, quer ele o queira ou não, assuma cuidado paterno”.¹⁶

Com esta função de uma mulher-sintoma, Lacan acrescenta um quarto termo à tríade edipiana. Entre o pai, a mãe e o filho, acrescenta uma mulher com $f(x)$. Colocando um quarto círculo de barbante no patamar do nó borromeano ideal, de três.

Já em 1973, quando Lacan encarava o amor como nó borromeano no qual o imaginário enlaça o simbólico e o real, falava do fracasso desse nó. O nó ideal do amor não é senão um puro fracasso em relação ao que ele visa: o objeto a que desliza sempre fora do nó.

No seminário “O Sinthoma”, Lacan propõe, portanto, o nó a quatro para o sintoma. Coloquei-me a seguinte questão: será que estes dois tipos de nós propostos por Lacan, o nó do amor ideal a três, e o do sintoma a quatro, correspondem a duas maneiras de fazer existir o casal? Vista sob esse ângulo, a clínica da vida conjugal nos leva a crer que o nó mais sólido não é aquele do amor, mas, ao contrário, o do sintoma. É um fato: aqueles que não renunciam ao nó ideal do amor, passam seu tempo a fazer e

¹⁵ Aqui o autor faz referência ao jogo que Lacan faz com a homofonia entre *père-version*, versão do pai e perversão.

¹⁶ Lacan. *RSI*, 21 de janeiro de 1975. Inédito.

desfazer seu par, mas, observando-se de perto, nota-se que eles permanecem muito fiéis a seu sintoma.

Oponho o nó do amor àquele do sintoma para fins didáticos. Mas será possível sustentar que, quando um homem faz de uma mulher o seu sintoma, não entra nisso alguma dimensão amorosa? Não o creio. Mas este amor que participa do nó do sintoma, talvez seja "mais digno que somente a profusão do palavreiro" que se ostenta ordinariamente sobre o muro e que fecha o furo da não relação sexual.

À guisa de resposta, e para ilustração de meu propósito, poderia entregar-lhes algumas coordenadas clínicas recolhidas junto a um analisante que me demandou ajuda para resolver uma escolha particularmente corneliana.¹⁷

Esse homem procura uma análise porque está dolorosamente dividido entre seu amor pela mãe de seus filhos e seu desejo por uma outra mulher que o acaso fê-lo encontrar. A situação é bem mais dolorosa para ele, porque repete o seu sofrimento da infância ao saber da infidelidade crônica de sua mãe, que punha em risco o equilíbrio familiar. Deve ele seguir a lei de seu coração e repetir a conduta de sua mãe, que tanto o fez sofrer quando criança, ou deve seguir o ditame da razão, que o coloca ao lado de um pai virtuoso, mas cedendo sobre seu desejo e, portanto, deprimido? Ele se confia à psicanálise para resolver essa escolha particularmente difícil.

Num primeiro tempo, ele declina a série dos significantes que presidiram seus encontros amorosos. Por intermédio da irmã, ele encontrou aquela que se tornaria sua esposa. Ele a encontrou num baile, quando ela estava com um outro homem do qual parecia ser a vítima. Tendo salvo a pobre garota, ele a fez sua mulher, e depois a mãe de seus dois filhos. Mas, ao torná-la mãe, ela ganha poder e o desejo desse homem se enfraquece.

Nessa época, encontra no seu trabalho, uma jovem mulher que cria sozinha uma criança pequena e se apaixona loucamente por ela. Lá, ainda o significante de sua irmã se impõe, pois curiosamente esta jovem leva o prenome de sua irmã.

Para sair da escolha corneliana que o divide dolorosamente, ele decide deixar momentaneamente sua mulher e seus filhos sem, no entanto, ir viver na casa de sua amante. Por algum tempo, ele volta a viver na casa de seus pais. Lá, sente-se indignado

¹⁷ O autor se refere a Pierre Corneille, dramaturgo francês considerado o 'fundador da tragédia francesa'. Por causa da extensão e riqueza de sua obra, surgiu na França o adjetivo cornelliano para representar quando o indivíduo sente-se dividido em função de seu altruísmo, da grandeza de alma ou da integridade.

ao ver sua mãe dormir no quarto de seu pai e ele, no quarto do filho. Quanto a ele, propuseram-lhe o quarto de sua irmã. Tudo indica que os significantes copulam na desordem dessa família. Há certamente um pai, mas cuja função de sintoma não está assegurada. Desta maneira, o filho parece prisioneiro dessa cópula significante que lhe tece um destino.

Algum tempo mais tarde, quando tinha feito claramente a escolha de separar-se de sua esposa, faz o seguinte sonho: vê sua mulher num baile, de braços dados com um outro homem e isto o deixa louco de raiva. Compreende, então, que o que lhe falta para desejar sua mulher é o desejo de um outro. Tudo gira ao redor da figura do pai resignado cujo desejo estava enfraquecendo. Um pai que ele amava, esforçando-se para corresponder à demanda de ser seu campeão; um pai que ele sustentava, tomando seu partido contra a mãe leviana que o fazia sofrer. Ele tinha chegado à análise com este modelo do amor baseado no Nome-do-Pai, e descobria que o desejo estava do lado de sua mãe, que lhe servira de modelo para a função de seu sintoma.

“O sintoma é o que conhecemos melhor”, sustenta Lacan em *“L’insu que sait...”*. E, portanto, aventurando-se a conhecer a amante, o homem não entendia que reencontrava nela a mãe traumática da sua infância. Se a questão colocada é sobre o que um homem pode conhecer de uma mulher, fazendo amor com ela, há uma outra questão menos trivial: o que um sujeito pode conhecer de si mesmo, reencontrando seu sintoma no dispositivo da análise?

Lacan nos propõe uma resposta própria: “Conhecer significa saber lidar com seu sintoma, saber elucidá-lo. Saber desembaraçar-se com o seu sintoma, eis o fim da análise”.

Tradução: Eliane Menezes Carneiro

Revisão: Andréa Brunetto

referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. Nota Italiana (1975). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Complexos familiares. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques *Lés non-dupes errent*. Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 20: Encore* (1972-73). Paris: Seuil, 1975.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77). Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 22: RSI* (1974-75) Inédito.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 23: Le Sinthome* (1975-76) Paris: Seuil, 2006.

RESUMO

Este artigo busca estudar a escolha amorosa em termos de discurso. SE o amor é um afeto recíproco, contudo as posições masculina e feminina não são simétricas, produzindo a escrita lógica da relação sexual impossível. O discurso amoroso se estabelece sobre esta impossibilidade. No encontro amoroso joga-se com o reconhecimento de dois inconscientes. Lacan acentuou essa versão do lado homem seguindo a tese freudiana da libido masculina. Do lado mulher é bem mais problemático. Mais tarde, Lacan se serviu da topologia dos nós para estudar o laço amoroso. O amor será um nó ideal, onde o imaginário enlaça o real e o simbólico. Mas, Lacan corrige rapidamente esta tese, remarcando que este nó ideal é sempre sem êxito. Por isso recorre-se ao sintoma como quarto termo para enodar os outros três. O recurso do sintoma coloca uma nova maneira de encarar a relação de um homem e uma mulher: que uma mulher seja um sintoma para um homem. Vem daí o subtítulo deste artigo: "os laços do amor e o nó do sintoma".

palavras-chaves

amor, inconsciente, discurso, nó e sintoma.

abstract

This article studies the love choice in speech terms. If love is a reciprocal affection, the masculine and feminine positions are however not symmetrical, producing the logical charter for an impossible sexual relationship. The love speech are established upon this impossibility. In the love encounter there is the recognition of two unconscious. Lacan has accentuated the version for the man side, following the Freudian theory of the masculine libido. For the woman side it is well more problematic. Later, Lacan made use of the topology of the knots to study the love bow. The love will be an ideal knot, where the imaginary ties the Real and the symbolic. But, quickly, Lacan corrects this theory, adjusting that this ideal knot is always unsuccessful. From where the resort to the symptom as the fourth term to stain the other three ones. This resort of symptom puts a new way to face a man's relationship with a woman: that a woman is a symptom for a man. From where the subtitle of the article: the bows of the love and the knot of the symptom.

key words

love, unconscious, speech, knot and symptom

recebido

10/01/2008

aprovado

15/02/2008

O “guardião” dos filhos nas separações conjugais e divórcios: de quem é a escolha?¹

LENITA PACHECO LEMOS DUARTE

Após o seu nascimento, a criança estará inserida em um tipo de entidade familiar e submetida às normas de uma instituição jurídica que lhe assegurarão um registro simbólico, indicando-lhe seus vínculos de filiação e, conseqüentemente, suas relações de parentesco. Tal situação indica, principalmente, o fato de que a criança emerge e está inserida em um campo simbólico que pré-existe ao seu nascimento, ou seja, ela está submetida ao campo da linguagem, que constitui a primeira instituição social de uma pessoa. Portanto, desde o início de sua vida, encontramos um entrelaçamento das instituições familiar e jurídica, estabelecendo leis simbólicas e dispositivos legais, como normas, regras e princípios, que visam a regular os direitos do novo ser que se anuncia.

Para se compreender a constituição do sujeito do desejo e os avatares dessa construção, como nos ensina a psicanalista Mougin-Lemerle², é preciso estudar as relações e as articulações entre o jurídico e o psíquico. Ela interroga se a atividade psíquica do homem poderá ser compreendida deixando-se de lado os pontos de referência conceitual enunciados na teoria do Direito, indagando “se não haveria uma prioridade de ancoragem social sobre a amarração subjetiva do homem dentro de sua história familiar e pessoal”³. Ela responde citando Lacan: “O homem, desde antes de seu nascimento e para além da morte, está preso na cadeia simbólica que fundou a linhagem antes que nela seja bordada a história”⁴.

Como ressalta a referida autora, “O direito inscreve o ser humano na ordem da filiação, segundo modalidades particulares e próprias a cada cultura. Cada criança é falada por antecedência, bem antes do seu nascimento[...]”⁵. Tal afirmativa pode ser observada no discurso e no desejo dos pais e ascendentes durante o

¹ Parte deste trabalho foi apresentado originalmente na VII Jornada de Formações Clínicas do Campo Lacaniano em 11/2005, enviado para o VIII Encontro Nacional de Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano “Família e Inconsciente”: Aracaju, 11/2007 e publicado no livro *A guarda dos filhos na família em litígio - Uma interlocução da Psicanálise com o Direito*. Rio de Janeiro: Lumen Juris editora, 2007

² Conferencista convidada pela UERJ. Apresentou as principais noções da teoria de Pierre Legendre, concernentes à filiação, à nomeação, aos impasses da filiação-articulação do jurídico e do psíquico, às leis e à Lei, entre outros temas. De 22 a 26/04/1996.

³ Mougin-Lemerle, Régine. *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*. In: *Sujeito do Direito e Sujeito do Desejo*. ALTOÉ, S. (org.). Rio de Janeiro: Revinter, 1999, p.01

⁴ Situação da psicanálise e formação do psicanalista (1956). In: *Escritos*, p. 471. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁵ Mougin-Lemerle, Régine. Id, *Ibid.* p.02.

tratamento analítico, e pelas leis determinantes de sua filiação e de sua nomeação.

Além do ordenamento jurídico, existem outros fatores que se referem aos lugares ocupados e às funções estruturantes exercidas por cada membro da família, onde são criados os primeiros laços sociais dos quais a criança participa. Isso implica dizer que é a partir de sua inserção no âmbito das relações familiares que ela se constitui como sujeito.

Nos casos de separação conjugal e divórcio evidenciam-se inúmeras e complexas questões, principalmente quando existem filhos envolvidos nessas situações. Quando se recorre à justiça para oficializar a dissolução do laço conjugal, podem ocorrer impasses quanto à instituição da guarda dos filhos. Havendo um acordo prévio entre os pais, em geral o juiz segue as bases do referido acordo, estabelecendo um dos responsáveis como o “guardião” dos filhos, geralmente a mãe⁶, e o outro, denominado de “não guardião”, que manterá contatos com o filho mediante os pactos estabelecidos, o que caracteriza o tipo de guarda monoparental, unilateral ou exclusiva. Conforme a forma de relacionamento entre os ex-cônjuges, poderá haver ou não acordos amigáveis, alterando-se os dias de visita para atender às necessidades tanto dos pais quanto das crianças. Porém, quando se trata de uma separação litigiosa, na falta de concordância entre o casal, cabe à Justiça, segundo o art. 1.584 do Código Civil de 2002, atribuir a guarda dos filhos “a quem apresentar melhores condições para exercê-la”⁷, o que traz diversas interrogações e consequências em relação aos ex-cônjuges e seus filhos, considerando as particularidades de cada caso.

Dessa forma, defrontamos-nos com o discurso jurídico agindo no relacionamento do par parental, determinando um dos pais como o “guardião” e o outro como “não-guardião” ou “visitante”, estabelecendo normas e regras que visem regular as relações entre os pais e os filhos que antes eram resolvidas na privacidade do meio familiar e doméstico sem a interferência de profissionais do cenário jurídico. Tais nomeações, “guardião” e “não guardião”, acarretam uma série de interpretações e condutas nos genitores que vão desde a idéia de detentor da posse do filho, no caso do “guardião”, de se julgar o único responsável pelas escolhas e decisões referentes à vida das crianças, às vezes, dificultando ou

⁶ Segundo o IBGE, em 2002, 93,89% dos filhos ficam com as mães depois da separação e antes do divórcio e, depois do divórcio, cai para 92,37%. Contudo, o índice de pais que entram na justiça com o pedido de guarda aumentou de 5% para 25% em cinco anos. (Fonte Internet).

⁷ CHAILLI, Yussef Said (org.) Constituição Federal. Código Civil. Código de Processo Civil. Código Comercial. 9ª edição ver., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007, pág. 438.

mesmo impedindo o contato entre o genitor “não guardião” e a prole, chegando a acordos mútuos com o ex-cônjuge, que visam atender aos interesses dos filhos e a cada uma das partes. Além disso, também pode ocorrer o afastamento do “não guardião” por vários motivos de ordem pessoal. Assim, observa-se que no momento em que as decisões dos cônjuges, que antes eram tomadas no âmbito pessoal e no núcleo familiar, passam a ficar submetidas a interferências e decisões de terceiros, como advogados, promotores, juízes, entre outros, estas influenciam os sujeitos implicados nas situações de separação conjugal e divórcio, muitas vezes restringindo e direcionando seus atos e escolhas.

Nota-se, em certos casos, que alguns pais e mães permanecem assujeitados e passivos diante das orientações e sentenças jurídicas que escolhem por eles o tipo de guarda e o esquema de visitação dos filhos. Essa situação acaba determinando a forma de convivência entre os pais e a prole. No entanto, muitos pais se ressentem das nomeações de “não-guardião”, “visitante”, indo à procura de outras posições em relação ao exercício da paternidade e maternidade, buscando ajuda tanto na clínica analítica como recorrendo a outras instâncias jurídicas. Como desejam lutar por seus direitos à convivência com os filhos, diversos pais rejeitam as sentenças judiciais que determinam apenas visitas quinzenais, em fins-de-semana alternados, às vezes acrescidas de mais um dia na semana, e procuram se unir, formando associações de pais e mães separados, como a “APASE, Pai Legal, Pais para sempre”, e saindo em campanhas na busca de outras formas de convívio com a prole, além daquelas estabelecidas pelas leis jurídicas e das decisões estipuladas pelos caprichos do “guardião”. Nesse sentido, cito fragmentos da entrevista do pediatra Marcus Renato de Carvalho⁸, que vem lançando, desde 2002, Campanhas de Valorização do Cuidado Paterno com *slogans*, do tipo: “Pai, dê o peito para seu filho” (2003); “Pelo direito à Paternidade” (2004), as quais têm como objetivo divulgar a importância da presença paterna e os direitos dos pais junto aos filhos. Ele ressalta que os homens querem participar das tarefas cotidianas na vida das crianças, como dar banho, alimentar, botar para dormir, levar à escola. Como homem separado e pai de duas filhas, de dois casamentos, ele reclama que seus encontros com a filha de dois anos e meio são regidos por uma decisão judicial que lhe dá apenas dois

⁸ Professor de Puericultura da UFRJ e Pediatra. Entrevista concedida à revista Domingo de O Globo, de 1º de agosto de 2004, sob o título: *Um pediatra em defesa dos pais, - Famílias brasileiras: Um perfil exclusivo da classe média, segundo o IBGE.*

fins de semana por mês e uma noite por semana com ela. Quanto à outra filha, com 11 anos, comenta que ela mora com a mãe em Minas. Diz ele: "O cruel da atual legislação é que só quem tem a guarda decide sobre a criação dos filhos. Se este quiser, deixa o outro alijado. Quero ser pai integralmente e não me deixam". Tanto as campanhas organizadas por Marcus como as associações de pais e mães separados inspiram-se em seus sofrimentos para mobilizar a sociedade na luta pela instituição da guarda compartilhada no Brasil: que as tarefas tradicionalmente atribuídas às mães, como "guardiãs" dos filhos, possam ser divididas e realizadas também pelos pais.

Por outro lado, frente a situações de separação conjugal e divórcio, encontramos os sujeitos crianças com poucas possibilidades de escolha, vulneráveis e totalmente dependentes dos atos e ditos de seus pais e de sentenças jurídicas que vão determinar quando e de que forma terão acesso ao pai ou à mãe nomeados de "não guardião". Em decorrência de situações alheias à sua vontade, observa-se na clínica a presença de angústia e de sintomas. Estes sujeitos crianças precisam elaborar mágoas, conflitos de lealdade e luto pela separação conjugal dos pais, e às vezes também parental, quando perdem o contato com um dos pais. Nos casos em que o "não guardião", por diversos motivos, se afasta ou desaparece da vida dos filhos, podem surgir sentimentos de rejeição, abandono e desamparo, mesmo quando o responsável pela guarda estimula a convivência entre o "visitante" e as crianças. Quando a separação conjugal ocorre no momento em que o sujeito criança está construindo o seu mito edípico, a situação tende a ser mais complexa, pois a partir de seus sentimentos amorosos com o genitor do sexo oposto e da rivalidade com o outro, ele poderá se sentir traído, culpado e/ou responsável pela separação dos pais.

Para ilustrar essas situações, apresento fragmentos extraídos da minha clínica, mostrando como diferentes sujeitos crianças, de acordo com suas particularidades, também procuram sair da alienação aos ditos e desejos dos Outros, como o pai, mãe, avós ou substitutos, expressando seus desejos e fazendo suas próprias escolhas.

Luana, sete anos, é encaminhada à analista pela escola por apresentar-se agitada, dispersa, com baixo rendimento escolar e dificuldade de aceitar as regras estabelecidas pela professora.

Seus pais vivenciam um processo de separação conturbado em que o pai tenta reatar sua relação com a ex-mulher que não deseja tal aproximação. A filha, por sua vez, se sente rejeitada pelo pai, que não lhe dá atenção, carinho e dificilmente a visita, mesmo morando na mesma rua que ela. Muitas vezes ela o aguarda por horas a fio, sem que ele apareça. Segundo a mãe, o pai costuma ficar desempregado e geralmente está alcoolizado, só aparecendo em casos de extrema necessidade, quando ela o convoca, em casos de doença. No início do tratamento a menina evita falar no pai, mas, certo dia, quando vem acompanhada deste à sessão, aconchega-se em seu colo, acaricia-o, beija-o, exclamando: "Eu gosto do papai! Olha como ele é bonitinho, Lenita!". Demonstra, dessa forma, uma demanda de amor dirigida a ele.

Em uma sessão, Luana comenta que não gosta de passar pelo bar onde o pai costuma estar bebendo. Diz ela: "Peço para a mamãe passar por outra rua para chegar na nossa casa. Não gosto de ver ele bêbado. Ele nem olha para mim." Durante as sessões, Luana mostra-se instável, ora desejando muito a presença do pai, ora recusando-se a vê-lo. Em dado momento, passa a mostrar-se irritada com as ausências dele, e dirigindo-se à avó paterna, cobra dela a pensão alimentícia de que o genitor a priva, fazendo um apelo ao pai por meio desta. Pelo telefone, Luana diz: "Se papai tem dinheiro para beber, tem que ter dinheiro para me dar! Quero fazer balé, mas mamãe não tem dinheiro para pagar". Na sua fala, observa-se que Luana requisita o pai em sua vertente socioafetiva e provedora. Simultaneamente, apesar da insistência da mãe, recusa-se a visitar a avó com quem o pai reside.

A reivindicação dessa criança em relação ao pai se deu a partir do atendimento analítico, fazendo com que a mãe tivesse a coragem de pedir o divórcio do marido, decisão adiada há vários anos, pois já estava separada de fato desde quando a filha estava com dois anos de idade. A mudança subjetiva da criança acabou provocando mudanças na conduta da mãe, que adiara a separação judicial em razão do medo de perder a guarda da filha, chegando até a recusar ajuda financeira por parte do ex-cônjuge e da sogra. Sua escolha de separar-se legalmente se deu a partir da cobrança da filha em relação aos seus direitos junto à família paterna. As falas de Luana cobrando a família paterna encorajaram sua mãe a recorrer à justiça cobrando os direitos da filha, pois só ela

poderia representá-la judicialmente, como foi observado durante as entrevistas de acompanhamento da mãe com a analista. Dito de outra forma, a menina cobrou do pai o que deveria ter sido cobrado anteriormente pela genitora. Por meio do tratamento, Luana acabou pressionando a mãe a fazer uma escolha que esta reconheceu ser a melhor para ela e a filha, passando a receber pensão alimentícia. Quanto aos vínculos afetivos com o pai, Luana passou a cobrar a sua presença, mesmo sabendo que esta se dá de forma esporádica, não seguindo qualquer sentença judicial ou acordos estabelecidos entre os pais.

Outro caso, o da Bia, seis anos. A menina vivenciou um processo de separação conflituosa entre seus pais. Testemunhou “calada” um embate tão agressivo, que o próprio pai caracterizou de “traumático”. Este comenta que, até ocorrer tal episódio, o relacionamento entre ele e a ex-mulher era de aparente calma, sem confrontos e discussões na frente da filha. Com a concretização da separação judicial dos pais, Bia sofreu uma série de alterações em sua rotina diária, bem como a perda de pontos de referência, por exemplo, a mudança de casa para um apartamento em outro bairro mais distante; o afastamento do pai dos irmãos do primeiro casamento do genitor; troca de escola e da babá com quem ela convivia desde o nascimento. Pouco tempo depois, tanto o pai quanto a mãe arranjaram novos parceiros, momento em que Bia passou a indagar à mãe e à analista: “Quem é meu pai? O que o namorado da mamãe é meu?”, querendo decifrar o novo vínculo familiar criado por parte da mãe. Também perguntava se havia perdido o pai anterior e, quanto à namorada do pai sempre queria saber se ela ia dormir na casa dele, expressando uma série de dúvidas quanto aos novos vínculos parentais que incluíam, além dos filhos do casamento anterior do pai, os filhos dos novos parceiros dos genitores, os quais ela não sabia como nomear, indagando: “Eles também são meus irmãos?” Tais situações ilustram como os novos arranjos familiares trazem dúvidas para as crianças quanto às questões de filiação e parentesco. Após vivenciar tantas perdas e mudanças simultâneas em sua vida, Bia passou a apresentar sinais de angústia, agressividade, bloqueios na aprendizagem e dificuldades de relacionamento, além de urinar e evacuar nas suas vestes e alegar vontade de vomitar, recusando-se a comer até mesmo o que gostava.

Em relação às questões da guarda e regulamentação de visitas, houve acordo entre os pais, não havendo por parte da mãe restrições quanto ao pai visitar a filha quando ele desejasse. O pai por sua vez, considerava que o “papel da justiça” não valia de nada, dizendo: “O que importa é o que eu combino com a mãe dela”. Complementando, diz que as visitas à filha ocorrem quinzenalmente porque fica muito ocupado com o trabalho, não tendo como vê-la com mais frequência. Dificilmente lhe telefona durante esse período, o que, segundo a mãe, deixa Bia muito triste.

Na sessão inicial, Bia mostrou-se tímida e quieta e, por meio de gestos, apontou para livros e logo depois pediu para a analista ler as histórias neles contidas, repetindo tal demanda durante várias sessões. Nesses momentos, permanecia atenta, calada, sem fazer qualquer comentário. Mesmo quando indagada sobre algum detalhe da história, continuava passiva, sem responder à analista, apenas sorrindo eventualmente.

Durante vários atendimentos, Bia passou a olhar-se no espelho, ora passando a mão nos cabelos, ora mostrando a bolsa, saia, sapato ou também bijuterias, procurando chamar a atenção da analista para as suas roupas, invariavelmente com partes da cor rosa, que sempre traziam um detalhe ou a marca da Barbie, evidenciando, dessa forma, um desejo de ser reconhecida como esta boneca. Uma atividade que se repetiu durante várias sessões foi desenhar muitos corações, pintando-os de vermelho, ao lado de uma menina e de uma casa. Certo dia, em uma sessão de análise, rompe o silêncio e pede à analista para telefonar para o pai. Então exclama: “Pai, por que você não sobe e me apanha no meu apartamento? Eu moro no sétimo andar, no 702. Anote o meu telefone. Mais tarde me liga! Estou esperando”. Com esse dito, Bia expressa seu desejo, reivindica a presença do pai. Após sua demanda, o genitor procurou lhe telefonar com mais frequência.

De acordo com o pai, quando a filha vai quinzenalmente para sua casa, demonstra medo de escuro, medo de bruxa, não dormindo sozinha. Muitas vezes, não quer comer fazendo náusea e vômitos, quando repete frequentemente: “Pai, vou fazer vômito!” O pai insiste: “Come, come!” ao que ela responde com uma recusa, afirmando que “a comida é ruim”, inclusive o “bombom”. Enquanto o pai insiste que ela coma, ela responde fazendo vômito, mesmo estando há horas sem comer. O genitor acrescenta

que seu pai era açougueiro, e o imperativo patriarcal era: "Você tem que comer! Coma!". Este é o mesmo dito que ele repete insistindo com a filha.

Nesse caso, o significante "come", proferido pelo pai, equivale a um nó de significações e tem efeito equivocado e enigmático sobre Bia, que procura decifrá-lo. "Come" está associado à questão da sexualidade, vindo no lugar do que está recalcado, tema geralmente proibido. Como então atender ao dito paterno?

Freud denomina pulsões parciais a origem do que é propriamente a sexualidade humana. O que ele nomeou de zonas erógenas corresponde à ação da linguagem do Outro (mãe ou substituto) sobre as estruturas de borda. O processo de erogenização não se restringe às regiões corporais específicas, mas espalha-se por todo o corpo do sujeito, transformando-o assim num corpo erógeno, corpo pulsional. Lacan isola no circuito pulsional a própria ação do significante sobre o organismo biológico. Para Lacan, "a pulsão é uma montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que deve se conformar com a estrutura de hiância, que é a do inconsciente"⁹

⁹ Lacan, *Seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, (1963-1964) p.167.

Quando a namorada do genitor está em sua casa, Bia dorme num cômodo ao lado e não se levanta da cama até que eles saiam do quarto. Pela manhã, o pai geralmente encontra Bia sentada ou deitada sobre a própria urina e, às vezes, até sobre as fezes, fato que ele não consegue entender, e que o deixa angustiado. "Ela permanece quieta, calada, quase imobilizada até que eu a tire da cama, faça a higiene de seu corpo e limpe o quarto, como se ela fosse um bebe desamparado para que eu cuide dela", diz ele. Segundo Freud, as fezes seriam um equivalente do filho, na equação simbólica fezes=criança=pênis. De acordo com sua tese, a criança pode ser tomada como similar do falo no inconsciente do sujeito.

Certa noite, quando sozinha com o pai na cama, na ausência de sua namorada, Bia precipita-se sobre ele e procura beijá-lo na boca, deixando-o assustado. Este comentou que se afastou imediatamente dizendo que "ela não era sua namorada, mas sua filha." Não seria esta a resposta de Bia ao imperativo paterno, ao *Che vuoi?* "O que o Outro quer de mim?". Ela alimenta o desejo de ser namorada do pai identificando-se com a sua nova mulher e, quando esta se ausenta, abre-se um espaço para Bia atuar suas fantasias edípicas. O pai refere que, ao se aproximar da filha, esta

se angustia e seus sintomas intensificam-se, percebendo que ela se acalma quando há outra pessoa junto deles. Quando a namorada do pai ou a mãe estão presentes, Bia não ameaça vomitar, o que deixa o pai confuso em relação aos cuidados com a filha, percebendo a nítida transformação nas atitudes da menina. Dessa forma, a menina resiste a ficar sozinha com o pai, evitando ir para sua casa nos dias estipulados. Quando se encontra sozinha com ele, costuma repetir: “eu tenho medo!” Revela-se, segundo o pai, uma situação muito conflitante por parte da filha: ao mesmo tempo em que deseja uma aproximação física com ele, procura afastar-se, apresentando inclusive conversões somáticas. Simultaneamente, Bia queixa-se de dor de cabeça, dor de barriga e dor na perna, levando os pais a procurarem atendimento médico, mas nada tendo sido constatado do ponto de vista orgânico. Paradoxalmente, mostra-se triste com o afastamento do pai, que só a vê em fins-de-semana alternados, e cobra dele sua presença.

Em uma sessão de acompanhamento com a analista, o genitor revela: “Eu não sei o que é ser um pai”, momento em que pede uma orientação ou um livro para aprender tal ofício. Observa-se neste dito que o genitor percebe suas falhas e, recorrendo à analista, busca uma suplência de sua função.

Segundo Lacan, o pai é o representante da Lei, é ele quem garante “o interdito do incesto”, é “quem interdita o objeto que é a mãe”¹⁰. Como aponta Lacan, a paternidade é uma função exercida ou um lugar ocupado por alguém que não é necessariamente o pai biológico, mas a quem caberia a tarefa de transmissão simbólica da Lei e sua articulação com o desejo.

Com o tratamento analítico, Bia vem cursando a alfabetização conseguindo interessar-se e concentrar-se na escrita e na leitura, fato considerado muito novo para ela, que sempre se mostrou muito dispersiva em suas atividades, embaralhando as letras e não conseguindo juntá-las. Tal fato nos faz pensar que suas dificuldades escolares também parecem associadas aos novos arranjos parentais, nos quais Bia apresenta muitas dúvidas e questões para situar e nomear cada “novo membro” da família, relações de parentesco e referências pessoais.

O pai informa que ela inventa muitas fantasias e mentiras e que uma de suas características é a preocupação com sua imagem, mostrando-se extremamente vaidosa. Ela assumiu como

¹⁰ *As formações do inconsciente.*
In: *Escritos*. Lição do dia 22 de
janeiro de 1958.

modelo de referência a Barbie, só conseguindo sair de casa toda vestida de rosa, como tal boneca, insistindo em ser reconhecida sob essa roupagem e denominação, quando, em geral, é elogiada por todos. O que a faz colocar-se nessa posição de “boneca” procurando seduzir os que a cercam, principalmente o pai? É através da supervalorização da imagem da linda boneca que ela procura ser amada pelo pai. Lembramos que Bia está no caminho da feminilidade, deslocando-se da mãe, como primeiro objeto de amor, para o pai.

Nos anos 30, na conferência intitulada *Feminilidade*, Freud enuncia: “Cabe à psicanálise não descrever o que é a mulher – tarefa impossível – mas investigar como a criança com tendências bissexuais torna-se uma mulher”¹¹. Para isso, a menina precisará, diferentemente do menino, mudar de objeto amor e de zona erógena, ou seja, passar da mãe para o pai e do clitóris para a vagina. Assim, a questão suscitada pela feminilidade é saber como e porque a menina evolui da fase viril para a fase feminina. É exatamente na passagem da mãe ao pai que se encontra o problema da sexualidade feminina, determinada pelo complexo de castração.

Não podemos pensar também que Bia procura uma forma de chamar a atenção do pai, de seduzi-lo, para sentir-se amada por ele, já que se sente abandonada e traída com o seu afastamento e com o fato dele ter arranjado uma outra mulher? Em análise, Bia vem construindo o mito da Barbie para falar de sua angústia, de sua questão neurótica histérica e, desse modo, buscando semidizer sua verdade.

Considerando o aparato de normas e princípios estabelecidos pelo sistema jurídico que rege a sociedade, é de se esperar que tudo funcione bem, ou seja, que as leis que determinam os direitos e obrigações dos pais para com seus filhos atendam ao “Princípio do melhor interesse da criança”. Contudo, o que a clínica analítica evidencia é que cada caso deve ser tomado em sua singularidade, pois cada sujeito escolhe segundo seus desejos inconscientes, apesar das resistências que se apresentam quando buscam satisfazê-los. Assim, cada sujeito procura diferentes vias para expressar seus desejos e escolhas, contrariando eventualmente as normas vigentes. Os sujeitos crianças em grande parte dependentes das decisões e ditos de seus pais e de sentenças jurídicas, que determinam quando e como terão acesso ao “genitor

¹¹ Novas conferências introdutórias à psicanálise. (1932). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(a) visitante”, acabam muitas vezes fazendo suas escolhas e expressando seus desejos por meio de angústia e sintomas, como pode ser observado nos fragmentos clínicos apresentados

A partir dessa breve exposição relativa à aplicação de leis jurídicas que visam regular as relações parentais quanto à guarda dos filhos, nas separações conjugais e divórcios, observa-se que embora previstas nos códigos e estatutos, na prática dificilmente são seguidas à risca pelos sujeitos (pai, mãe, criança) envolvidos em litígios familiares, que escolhem e decidem de acordo com seus arranjos pulsionais, com suas particularidades.

referências bibliográficas

- ALTOÉ, Sonia. (org.). (1999) - *Sujeito do direito, sujeito do desejo*. Direito e Psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter.
- CARVALHO, Marcos Renato. (1º de agosto de 2004) - Um pediatra em defesa dos pais. Famílias brasileiras: Um perfil exclusivo da classe média, segundo o IBGE In: *Revista Domingo*. Rio de Janeiro: Jornal O Globo.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988.
- CHAILI, Yussef Said (org.) Constituição Federal. Código Civil. Código de Processo Civil. Código Comercial. 9ª edição ver., ampl. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.
- DOLTO, François. (1991) - *Quando os pais se separam*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. (2001) - *A criança sintoma e o sintoma da criança*. In: Marraio, nº1 – Da infância à adolescência. FCCL. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. (2001) - *O jogo dos significantes e o sintoma da criança*. In: Stylus nº 3 – Lacan no século - Revista de psicanálise. Belo Horizonte: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.
- DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. (2005) - *A compulsão à repetição nas brincadeiras infantis*. In: Stylus nº 8 – Sujeito e gozo - Revista de Psicanálise. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.
- DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. (2006) - *A guarda dos filhos na família em litígio - Uma interlocução da Psicanálise com o Direito*. Rio de Janeiro: Lúmen Juris Editora.
- FREUD, Sigmund. (1905[1901]) - Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. VII.
- FREUD, Sigmund. (1905) - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII.

- FREUD, Sigmund. (1915) - Artigos sobre metapsicologia. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV.
- FREUD, Sigmund. (1915) - As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, V. XIV.
- FREUD, Sigmund. (1920) - Mais além do princípio do prazer. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, V. XVIII.
- FREUD, Sigmund. (1924) - Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, V. XX.
- FREUD, Sigmund. (1930[1929]) - Mal-estar na civilização. In: *Edição Standards Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI.
- HURSTEL, François. (1999) - *A função paterna, questões de teoria ou das leis à Lei*. In: *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*. Altoé, Sonia. (org.). Rio de Janeiro: Revinter.
- LACAN, Jacques. (1938) - *Os Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, Jacques. (1998) - *Duas notas sobre a criança*. (1969). In: *Opção Lacaniana* n° 21. São Paulo: Eolia.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: A angústia*. (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. (1996) - *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1963/1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, Jacques. (1998) - Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEGENDRE, Pierre. (1999) - Seriam os fundamentos de Ordem Jurídica Razoáveis? In: *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*. Altoé, S. (org.). Rio de Janeiro: Revinter.
- MOUGIN-LEMERLE, Régine. (1999) - *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*. In: *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*, Altoé, S. (Org.). Rio de Janeiro: Revinter.
- NOMINÉ, Bernard. (1997) - *O sintoma e a família*. Conferências Belorizontinas. Belo Horizonte: EPB.
- QUINET, Antônio. (2003) - O gozo, a lei e as versões do pai. In: *Direito de Família e Psicanálise – Rumo a uma nova epistemologia*. Groeninga, G.C. e Pereira, R.C.(coords.). Rio de Janeiro: Imago.
- RAMOS, Patrícia Pimentel de Oliveira Chambers. (2005) - *O poder familiar e a guarda compartilhada sob o enfoque dos novos paradigmas do direito de família*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. (2001) - Lacan e a família. In: *Verbo de Minas - Lacan revisitado e outros textos* - Revista de Cultura. Vol. 3 n.6. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

resumo

Nas separações e divórcios, pais e mães permanecem assujeitados às leis jurídicas que determinam esquemas de visitação entre pais e filhos. Muitos pais se ressentem do lugar de não-guardiões, indo à procura de outras posições junto aos filhos. As crianças totalmente dependentes dos seus pais e de sentenças jurídicas, que determinam quando e como terão acesso ao genitor (a) visitante, acabam muitas vezes fazendo suas escolhas e expressando seus desejos por meio de sintomas.

palavras-chave

Separação - divórcio - litígio - escolha - desejo
– sintoma

abstract

In the separations and divorces, mothers and fathers stay under judicial control that establishes schemes of visitation between parents and children. Several fathers are resentful of their position when they have not custody of the children, searching other positions to be closer them. The children depend totally upon parents and judicial sentences that determine when and how the visitor could have access to them, expressing their desires through symptoms.

key words

Separation - divorce - litigation - choice -
desire – symptom

recebido

18/12/2007

aprovado

03/03/2008

Entrevista



O Campo Lacaniano na Espanha

ANDRÉA BRUNETTO ENTREVISTA MANEL REBOLLO

No dia 24 de maio passado, no Palácio de Congressos da cidade de Tarragona, aconteceram as VIII Jornadas das Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha, intituladas "Amor, desejo e gozo no sintoma". E no dia seguinte, dia 25 de maio, a jornada da AePCL, intitulada "Avidez, proeza e simulacro na vida amorosa". Conjuntamente, ocorreu o terceiro debate preparatório para a assembléia da IF-EPFCL a realizar-se em São Paulo.

Tendo a oportunidade de participar desses eventos juntamente com os colegas espanhóis, surgiram-me muitas questões sobre a psicanálise na Espanha, o Campo Lacaniano, o funcionamento da Escola. Em função disso entrevistei Manel Rebollo, diretor de Estudos do Seminário de Psicanálise de Tarragona, AME da EPFCL, que abriu as jornadas e recebeu a todos tão calorosamente em sua cidade.

ANDRÉA BRUNETTO: Em função do que escutei em todas essas plenárias, falou-se muito que a Terapia Comportamental-Cognitiva está conquistando muito espaço na Espanha. Nós, brasileiros, vemos que há tantos grupos psicanalíticos na Espanha, tantas publicações, por isso gostaria de saber como a psicanálise tem enfrentado esse desafio.

MANEL REBOLLO: Em primeiro lugar, quero assinalar que o que direi nesta entrevista são minhas próprias opiniões, algumas compartilhadas com alguns colegas, outras com outros, porém não pretendo "representar" a opinião dos colegas espanhóis de nossa órbita lacaniana.

Pelo que diz respeito à dificuldade de inserção da psicanálise na Espanha, há distintas opiniões, às vezes encontradas entre os próprios psicanalistas, inclusive, diria mais, entre os psicanalistas do Campo Lacaniano na Espanha.

Por outro lado, há diferenças entre as distintas zonas geográficas. Tenham em conta que as políticas de governos autônomos em alguns lugares, como no País Basco, Catalunha, Galícia,

etc. podem, em ocasiões, ser distintas das políticas de caráter estatal. Isso em função dos acordos que existem em cada lugar entre ambas administrações. Às vezes são partidos de orientações distintas e isso acarreta políticas distintas, porém, ainda assim, tenho de considerar que nenhum dos grandes partidos políticos governantes facilita as coisas para a psicanálise. Se em algo estão de acordo é no favorecimento das teses comportamentais-cognitivas. E isso tanto em psiquiatria quanto em psicologia. E, fundamentalmente, nas instituições sanitárias de caráter público. Assim, os dispositivos públicos de Saúde Mental tornam cada vez mais difícil, e não só para a psicanálise, a escuta do sujeito, a clínica em seu sentido mais genuíno. Trata-se fundamentalmente de produzir informes estatísticos, com os quais se dê conta, a partir de certos critérios prévios, de quantos pacientes se recebem, a quantos é dada alta em um período de tempo preferentemente breve, e em economizar meios, tempo e dinheiro no tratamento. Cabe acrescentar que os mesmos altos cargos dos dispositivos de Saúde Mental têm de responder ao pedido de satisfazer índices de resultados estimados em números, porcentagens, etc. É preciso “enquadrar” as expectativas, seja como for. Portanto as distintas modalidades de “trapacear” os resultados estão na ordem do dia. Um diretor de Ambulatório de Saúde Mental deve ser, hoje em dia, um bom gestor em economia e, fundamentalmente, em números.

Isso se traduz no primado dos seguintes procedimentos:

1. Um incremento notável do uso sistemático de fármacos, com frequência de caráter preventivo, ou seja, antes de haver um diagnóstico. A ingestão de fármacos pode ter a vantagem de fazer desnecessário um tratamento “psicoterápico”, sempre muito mais complicado e de escassa eficiência;

2. Em compensação, os trabalhos educativos, de programação de tarefas, de consecução de objetivos a curto e longo prazo, possibilitam que, com frequência, se possam encomendar trabalhos terapêuticos a assistentes sociais, quando os psiquiatras ou psicólogos estão demasiado ocupados. Eles se aperfeiçoaram no aliciamento de pais e familiares acerca de como devem tratar seus filhos ou familiares para melhorar a situação. E isso serve para todo tipo de transtorno, tanto de caráter neurótico como psicótico. Aliás, tais categorias não têm nenhum lugar na classificação nosológica.

3. Por outra parte, e para terminar, promovem-se programas de atividades esportivas, culturais, ocupacionais, e outros, para “socializar” melhor os indivíduos e produzir melhor efeito de identificação grupal (anoxéricas, vítimas de bullying, e outras “modernas” categorias diagnósticas) que facilitam a cada um encontrar seu lugar no enxame “diagnóstico” como convém a eles. É a prática aliviadora da globalização, que não cura, porém tranqüiliza aos operários dos dispositivos clínicos.

Tais tarefas se levam a cabo, desde logo, na prática atual dos Ambulatórios de Saúde Mental de Catalunha e, para executar melhor tais incumbências, é preferível que os candidatos a ocupar lugares de trabalho não sejam psicanalistas. É comum que haja nos informes “desestímulos” de candidaturas, que alegam outros fatores: “demasiada experiência privada”, “você não tem o perfil que necessitamos”, etc, como com frequência se responde a candidatos de longos anos de experiência clínica, porém.....eminentemente psicanalítica.

Na mesma linha, atualmente, exige-se o título de “Especialista em Psicologia Clínica”, para aqueles psicólogos que desejam trabalhar no serviço público. O título, para os novos graduados, supõe ter passado pelo PIR (Psicólogo Interno Residente). Entrar nesses programas requer passar em alguns exames preparados por psiquiatras e psicólogos da linha comportamental-cognitiva. Vale a pena explicar que, na Espanha, o projeto de formação em PIR está nas mãos de médicos psiquiatras, assim os psicólogos, no que diz respeito à formação dos novos graduados, têm funções submetidas aos critérios médicos.

Também cabe dizer que nunca houve na Espanha tantos psicanalistas como agora, nem tantos lacanianos, e não se falava tanto de psicanálise nos diferentes fóruns culturais, universitários, artísticos, de *mass media*, como atualmente. Podemos dizer que a chegada dos alunos e analisantes de Lacan nos anos 80 e 90 à Espanha, facilitou em progressão geométrica a boa acolhida da psicanálise. Considero, inclusive, que boa parte das últimas políticas colocadas em jogo pelo poder psiquiátrico e psicológico consistiram em uma verdadeira reação ao ‘bem fazer’ da psicanálise na Espanha durante os últimos anos. Porém, desde já, haveria muito que discutir a respeito.

Na minha opinião, os verdadeiros desastres de tudo isso se

evidenciam na clínica. Pessoalmente, cada vez mais, recebo mais pacientes indicados por colegas que trabalham nos ambulatórios públicos, por não poder atendê-los com a frequência necessária ou com a atenção requerida.

ANDRÉA BRUNETTO: Gostaria que explicasse aos leitores brasileiros como a psicanálise foi criada na Espanha e como se encontra hoje. Poderia fazer um pequeno panorama histórico que alcançasse até o Campo Lacaniano?

MANEL REBOLLO: Embora tenha havido momentos de certa importância no aparecimento da psicanálise na Espanha, a partir das primeiras incursões por parte de Ortega y Gasset, traduzindo, em seu tempo, a obra de Freud, creio que foi nos últimos vinte anos que se levou a cabo um verdadeiro desenvolvimento da psicanálise em nosso país.

Para se informar medianamente bem, tem-se a obrigação de ler alguns trabalhos, como os de Carmem Gallano e Joan Salinas, entre outros, presentes no número 1 das Atas, publicação da primeira jornada de trabalho da AePCL: “História da Psicanálise na Espanha”, acontecida em Madri, em 13 de janeiro de 2001, quando nosso Campo Lacaniano começava a dar seus primeiros frutos. Tal trabalho tem por título, precisamente, “O movimento lacaniano em Espanha”.

Após essas referências, direi algumas coisas mais que têm relação com minha apreciação subjetiva das coisas.

A chegada do primeiro grande desembarque de cidadãos argentinos, ao longo dos anos 70, trouxe à Espanha, principalmente a Madri e Barcelona, a obra de Lacan. É certo que Lacan havia estado em Barcelona, trazido pelo Dr. Sarro, porém a chegada dos colegas do outro lado do Atlântico, onde Lacan era bem conhecido, nos beneficiou a todos. Entre os recém-chegados não quero deixar de nomear Marcelo Ramirez Puig, um dos fundadores do campo lacaniano na Espanha – cujo decesso nos anos 90 foi um duro golpe para todo o movimento lacaniano espanhol. A proximidade com Paris trouxe a possibilidade de analisar-se e estudar com os analisantes e alunos de Lacan. Nós pudemos, assim, começar a saber, via Argentina – dos aportes de Lacan na psicanálise, depois de havermos despertado do

franquismo, no qual tão pouca ocasião houve para se conhecer algo da psicanálise.

Minha incorporação às filas do movimento lacaniano deu-se com a criação do “Pacto Psicanalítico de Barcelona”, onde encontrei Joan Salinas, Rithée Cevasco, Pep Monseny, Clotilde Pascual e muitos outros, e com eles formamos o Círculo Psicanalítico da Catalunha, o qual se reuniu com os que saíam da Biblioteca Freudiana e, sob os auspícios de Jacques-Alain Miller, veio a se chamar “O Grupo Único do Campo Freudiano” em Barcelona. Foi precursor da “Escola Européia de Psicanálise”. Esta instituição apareceu como um símile da “École de la Cause Freudienne”, e sua “Seção de Catalunha” foi, sem sombra de dúvida, a instituição lacaniana mais forte no país durante os dez anos do “reinado” de Jacques-Alain Miller na Espanha. Havia, então, já uma seção potente em Madri, outra no País Basco e outra em Galícia. E, ainda, outros grupos em Andaluzia, Valência e Astúrias. Tenho comigo o orgulho, pleno de desgostos menores, de ter contribuído naquele momento para a criação do “Grupo de Estudos Psicanalíticos de Astúrias” (GEPAS), da Escola Européia de Psicanálise, em cuja construção estiveram presentes Rithée Cevasco, Jacques-Alain Miller, Paco Estévez e outros. Seu destino, posteriormente, foi o Fórum Psicanalítico de Astúrias, agora no Campo Lacaniano.

Foi uma época de muito trabalho, de estudo, um período muito produtivo e florescente. Jamais reneguei o muito que aprendi no Campo Freudiano. Agradecido e orgulhoso me sinto desse pertencimento, que supus fundamental para minha vida profissional e de neurótico desejante, para poder passar logo a ser um analista desejante, um pouco menos neurótico. Posso dizer que aprendi a trabalhar no Campo Freudiano. Ainda hoje sou da opinião de que o êxito de trabalho na EEP, em parte se deveu ao caráter trabalhador dos catalães. E isso foi bom para Jacques-Alain Miller e para a AMP no geral. Era um grande entendimento entre o sintoma catalão e o imperativo Miller.

Logo chegaram os problemas. Os sintomas vão se curando nas análises (alguns sintomas e em algumas análises), e a “maioridade” chegava para muitos, e com ela os problemas com a autoridade – isso se passa com os adolescentes – que se agravam, pois, como são analistas, chegam tarde a tudo, também à “maioridade”.

E certo que as conversações – como Miller chamava simpaticamente a seus solilóquios – mantidas com os colegas de Madri e Barcelona, começaram a colocar mal as coisas e, assim, ficaram manifestos muitos mal-estares existentes desde longo tempo, mas que o bom trabalho conseguia acalmar. Nisso devo reconhecer que Miller era um grande mestre. Sabia fazer trabalhar e tirar o melhor de cada um. Sabia ser Um, grande e livre, como reza o *slogan* do fascismo espanhol. Porém, a partir da Conversação de Madri, os espanhóis deixaram um pouco de trabalhar e se puseram a pensar e a decidir, e isso trouxe conseqüências: a assembléia da AMP em Barcelona foi o momento de cisão. Tudo estava perfeitamente orquestrado e calculado. Recordo como Miller dominava tudo. Decidia quem podia intervir, como e quando. Não havia nada a fazer senão ir-se.

Assim começou o movimento “cubano”. No Hotel Havana, em Barcelona, alguns de nós se reuniam entre o congresso e a assembléia da AMP. Por isso fomos chamados “os cubanos”.

Colette Soler, depois, devo dizer, decidiu liderar o movimento e criamos os primeiros Fóruns, as Formações Clínicas e, mais tarde, a IF.

Isso ocorreu dez anos após a fundação da Escola Européia de Psicanálise. No momento de sua fundação, Miller propôs que, ao final dos dez anos, deveria ser estabelecida a possibilidade de sua dissolução, caso as coisas não estivessem funcionando bem. Como, por exemplo, a dissolução da Escola de Lacan. Porém logo retirou tal possibilidade. Recordo-me de lhe ter perguntado uma vez a respeito e respondeu-me que era muito complicado estabelecer a dissolução, como se nunca o tivesse dito antes. Estranhei, inclusive, com que facilidade muitos colegas catalães haviam esquecido o tema, presente em nossas primeiras reuniões constituintes. Porém o foracluído do simbólico reaparece no real, o reprimido retorna – como queiram pensar – e dez anos depois houve a cisão.

A constituição do Campo Lacaniano na Espanha esteve também plena de lutas de poder desde o início. Posso recordar o primeiro *Cartel Èlargi*, precursor do Fórum Psicanalítico de Catalunha, na casa de Joan Salinas, o mesmo lugar onde se havia fundado anos antes o Pacto Psicanalítico de Barcelona. E onde mais tarde fundaríamos ACCEP (*Associació Catalana per la*

Clínica i l'Ensenyament de la Psicoanàlisi), que era então as Formações Clínicas da Catalunha.

Desde o início fez-se presente a inércia identificatória de alguns grupos com seus líderes, fazendo com que o Fórum Psicanalítico da Catalunha sofresse uma cisão: surgiram o Fórum Iniciativa-Escola (posteriormente Fórum Psicanalítico da Catalunha) e o Fórum Opção-Escola. Outros fóruns espanhóis foram decantando suas alianças com um ou outro dos fóruns barceloneses, e a regularização que introduziu a EPFCL acerca dos Dispositivos Locais de Escola (DEL) forçou certas alianças, e outra vez partiu-se o Campo Lacaniano na Espanha. Com estes distintos movimentos a coisa concluiu na criação da Federação Espanhola de Fóruns do Campo Lacaniano, atualmente com sete fóruns, e a associação FOE-Galícia. Nessa diversidade, cabe dizer que só em Galícia há quatro associações distintas dentro do Campo Lacaniano: três fóruns (um na FEF e outro em FOE-Galícia e outro fórum em nenhum lugar e uma associação psicanalítica de Galícia, próxima a FEF e a AePCL).

Vale a pena dizer que a AePCL fundou-se com a idéia de resolver essa divisão primeira do Campo Lacaniano na Espanha. E essa pretensão, falida, incorporou, um a um, todos os componentes dos distintos fóruns espanhóis, conseguindo assim, um único lugar para debater diferenças e resolver problemas, seguindo o modelo do fórum francês: um para toda a França. Porém fracassou, pois não foi aceito por todos os colegas do posterior FOE-Galícia nem pelos colegas franceses, que quiseram ver na AePCL um inimigo, ao supor o poder de reunir os espanhóis fora da autoridade francesa.

Depois a AePCL quis tomar outros rumos, mas o fracasso inicial seguiu marcando seu destino.

Por outro lado, o que no princípio parecia ser uma fratura entre dois grupos de fóruns espanhóis, com o tempo acabou se revelando outra coisa: a Federação alcança já sete fóruns e reúne 175 membros. FOE-Galícia conta atualmente com 54 membros, e ainda há mais dois fóruns – Málaga e Noroeste de Galícia – que decidiram segregar-se de FOE-Galícia, depois de tê-lo feito Valência, que se uniu à federação. E Euskal-Herria desapareceu. Desse modo, tem havido um duplo movimento: a federação segue crescendo e somando, dando lugar a novos fóruns, e FOE-

Galícia segue fragmentando-se e diminuindo. As conclusões disso serão de cada um.

ANDRÉA BRUNETTO: E qual a importância desses encontros em Tarragona para as Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha, para a AePCL e para a teoria e a clínica psicanalíticas?

MANEL REBOLLO: Nessa ocasião, como em ocasiões anteriores, tem havido dupla jornada: no sábado, dos Colégios Clínicos e, no domingo, da AePCL. São jornadas separadas, distintas, porém consecutivas. A primeira é organizada pelo Seminário de Psicanálise de Tarragona-FCCL, porém trata-se de uma jornada anual de “fim de curso” das distintas FCCL em Espanha: Jakinmina (País Basco); ACCEP (Associação Catalã para a Clínica e Ensino da Psicanálise), de Barcelona; Fórum Psicanalítico de Astúrias; Colégio de Clínica Psicanalítica de Valência; Colégio Clínico de Madri; Associação Psicanalítica de Galícia e Seminário de Psicanálise de Tarragona. Também os Colégios Clínicos têm tido o mesmo desenvolvimento fragmentário dos fóruns. FOE-Galícia conta com suas atividades no estilo FCCL, que se realizam entre eles, em Galícia e Barcelona, porém sem nenhuma relação com nossa rede de FCCL. Cansado de tanto problema com as siglas e os significantes que apresentamos, a esta VIII jornada decidi chamar “das Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha” e assim a anunciei na rede da IF. E ninguém disse nada. Conto isso porque, na Espanha, existem também outras FCCL, mas deve-se poder usar os significantes, senão não há como entender quem somos e onde estamos. Enfim, seguimos com o que temos.

Há três anos as Formações Clínicas decidiram fazer suas jornadas na mesma data que a da AePCL e cada uma deveria fazer a sua. Optamos, então, por organizar as duas conjuntamente. Primeiro essa coordenação foi bem recebida, porém mais adiante, a partir da criação da federação, a AePCL foi novamente vista como inimiga, no caso, pela Escola, pela Federação dos Fóruns e, por extensão, pela IF. Assim, temos nos mantidos “juntos porém revoltos” até este ano. Agora terminou: daqui em diante a AePCL organizará sua jornada em datas e lugares diferentes das FCCL, conforme decidido na última assembléia da AePCL, aqui em Tarragona, dia 24 de maio passado.

As Jornadas das FCCL têm um caráter marcadamente de ensino e o fato é que, apesar dos esforços feitos, não conseguimos apenas que haja “alunos” entre os que apresentam trabalhos: quase sempre são docentes. Mesmo assim têm servido para pessoas de outras áreas se aproximarem da psicanálise e, posteriormente, poderão se inscrever nos seminários do lugar. Nesse sentido posso dizer que, nesta jornada de Tarragona, intitulada “Amor, desejo e gozo no sintoma”, e que teve o luxo da participação de nossa colega brasileira Alba Abreu Lima - a quem nunca agradecerei suficientemente ter aceito nosso convite - aproximaram-se outros colegas psicanalistas, psicólogos, que não tinham vindo até agora aos seminários de Tarragona, apesar de informados sobre eles. Acredito que irão fazê-lo depois dessa jornada, pois foi considerada por eles como de bom nível científico e de debate. Portanto, serviu para a aproximação entre a psicanálise e os psicanalistas. Ou seja, a maioria deles eram psicanalistas de outras tendências, curiosos por Lacan, que até agora não tinham encontrado um motivo atraente para somar-se ao nosso trabalho, apesar de já terem se aproximado do Campo Freudiano e de outros grupos mais ou menos lacanianos.

A Jornada da AePCL, também a VIII, foi intitulada “Avidez, proeza e simulacro na vida amorosa”. Nela, aposta-se em outro estilo, não tanto em relação ao ensino, quanto na aproximação com a cultura, a atualidade, a cidadania, tentando abordar outras temáticas na visão psicanalítica, agora de um modo mais “interativo”. E costuma dar certo. Desta vez você mesma o comprovou: tivemos, inclusive, projeção de filme. E também tivemos sua preciosa colaboração.

Tenho orgulho de dizer que se trata da primeira ocasião em que as jornadas das FCCL-Espanha e da AePCL internacionalizaram-se. E graças ao Brasil. Na Espanha, isso só ocorreu na Tarraco de 2008, já pós-romana. Conste também que esta foi a capital da Hispania que os romanos construíram.

No próximo ano será Madri quem organizará as IX jornadas das FCCL-Espanha e da AePCL, decidirá a Junta Diretiva no momento certo. Separamos águas para nos encontrarmos em outros mundos, ou para nos desencontrarmos neste mesmo. Quem o sabe?

Há três anos houve outra jornada da AePCL em Tarragona, que durou todo o fim de semana, pois não coincidia com

a das FCCL. Com efeito, foi precisamente o que possibilitou constituir aqui um seminário de textos e de casos, e com nosso Colégio Clínico - Seminário de Psicanálise de Tarragona – que tive a honra de dirigir até esse momento em que Isidre Bosch o assumirá. Devo dizer da boa vontade que sempre teve conosco Montserrat Pallejà. Nós três produzimos bons resultados e por isso contamos agora com um Colégio Clínico e com um fórum da IF. As atividades vão tendo paulatinamente um aumento, o que não se dá sempre em nosso meio. É uma sorte que espero que dure bastante tempo.

ANDRÉA BRUNETTO: Agradeço por ter podido participar com vocês dessa jornada, para mim foi uma grande alegria. Mas continuemos. Lendo os dossiês preparatórios para a assembléia de São Paulo, percebi a preocupação com a inserção da psicanálise na Espanha.

MANEL REBOLLO: Como já disse anteriormente, as posições políticas na Espanha, que se dão desde o poder administrativo, não são nada favoráveis à psicanálise. Por um lado, não há nenhum tipo de legislação nem de debate político acerca da figura do psicanalista, de sua diferença com outras categorias, como psicoterapeuta, psicólogo ou psiquiatra. Digamos que qualquer um neste país pode chamar-se psicanalista sem que ninguém possa pedir-lhe explicações a respeito. Inclusive li essa designação entre leitores de Tarot e outras espécies de “parapsicologia”. Em outra ordem de coisas, a recente legislação administrativa acerca da Formação de Psicólogos, em particular especialistas em Psicologia Clínica, está nas mãos de psiquiatras, em primeiro lugar; e em segundo lugar, nas dos psicólogos de orientação comportamental-cognitiva, com uma clara vontade de excluir a psicanálise da formação para o PIR (Psicólogo Interno Residente), que será mais adiante a única maneira de conseguir o título de Especialista em Psicologia Clínica. Tudo isso está acontecendo sem debate nenhum, são rumores nos corredores dos ministérios e nada mais. Não há modo algum de conseguir que políticos e psicanalistas, na Espanha, sentem-se para tratar do tema: para começar, não existe nenhum reconhecimento da “classe” psicanalítica na Espanha, como acontece na França, Argentina e Brasil. Tampouco entre os psicanalistas de

distintas opções, há esse reconhecimento mínimo para constituir uma plataforma que oriente o debate. Houve um momento em que a AePCI quis tomar uma iniciativa a respeito, porém não teve *quorum*, nem sequer entre seus membros, nem tampouco uma verdadeira iniciativa debatida e orientada para isso. Por outro lado, os Colégios Clínicos e sua atual federação tentaram, às vezes, tratar do tema, porém é assombroso o silêncio que se dá a respeito. Não há nenhuma política em jogo, e só debatemos entre nós acerca de temas menores com que nos enfrentamos.

Em seu lugar, tem aparecido o tema da formação em psicoterapia psicanalítica. Curiosamente, as associações têm tomado iniciativas ante o inquietante do tema: uma de psicoterapeutas, a FEAP (Federação Espanhola de Associações de Psicoterapeutas), a qual reúne em suas fileiras a *tutti quanta* que se nomeiem como tal, das mais distintas procedências; e o Colégio Oficial de Psicólogos, que apostou em um título de psicoterapeuta homologado pela EFPA (Federação Européia de Associações de Psicólogos). Nessa tessitura, deu-se o caso do Colégio Clínico de Madri, que optou por oferecer o título de Psicoterapeuta da FEAP, porém logo decidiu sair porque resultava muito cara a inscrição e não obtinha maior número de alunos. Por outro lado, a ACCEP decidiu entrar na FEAP e reunir todas as condições que lhe permitiriam dar o título "Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica", o que implicaria programas docentes de muitas horas letivas e em aumentar o número de associados. Isso levou ACCEP a pedir a outros colegas espanhóis para se tornarem membros da associação a fim de ter o número mínimo de associados "psicoterapeutas" necessários para a associação ser membro da FEAP. E atualmente o são. Esta política baseia-se no temor de que a psicanálise acabe desaparecendo dos dispositivos assistenciais públicos, e pensam que pela via da "psicoterapia psicanalítica" poderiam transmitir algo da psicanálise aos licenciados que desejem uma titulação para trabalhar como psicoterapeutas aqui ou lá. Eu, pessoalmente, estive na ACCEP desde sua fundação e saí no momento em que quis me dedicar por inteiro à constituição do Seminário de Psicanálise de Tarragona e ao Fórum Psicanalítico de Tarragona, que por sorte estão existindo sem demasiadas dificuldades no momento. De todo modo, dadas as diferentes sensibilidades em jogo nessa hora de pensar a psicanálise, as psicoterapias, a inserção social da

clínica do sujeito, é muito difícil para os psicanalistas do Campo Lacaniano na Espanha, estabelecer uma política coletiva coerente e voltada à preservação da “existência” da psicanálise no social, e em particular, na Saúde Pública. Primeiro temos de aprender a suportar um pouco melhor nossas próprias instituições, e a saber priorizar temas, debatê-los seriamente e atender aos diferentes critérios, em vez de formar filas antes da hora e sancionar o uso democrático do voto sem ter havido, suficiente debate e suficiente consenso em temas que podem supor novas crises em nossas alianças institucionais.

Por outra parte, resulta que, na Espanha, os Colégios Oficiais de Psicólogos têm desestimulado o título de psicoterapeuta da FEAP - cujo destino não sabemos qual será - e apostam na EFPA, de caráter europeu. Essa grande problemática tem relação, no fundo, com as novas políticas de caráter europeu, que perseguem legislações homologadas em todos os países da União Européia, o que precipita atuações de coletivos profissionais em uma ou outra região, quando as coisas não estão decididas no Estado. Por isso podemos considerar certas decisões de algumas associações psicanalíticas, nesse caso a de ACCEP, como um verdadeiro *acting-out*, pois promovem mal-estar entre seus membros e participantes no intento de resolver um problema que ainda não se produziu. Gera-se assim um novo problema sem resolver o anterior.

Ainda assim, estou convencido de que a psicanálise continuará, e ainda mais com essa condição de “excluída” dos dispositivos de saúde mental estatais, pois como dizia Lacan, duvido muito que os seres humanos sejam capazes de construir *gadgets* que funcionem sem falo, sem sintoma. Portanto isso vai permitindo que, a seguir, uma escuta seja possível. Ainda tão mal a saúde pública atual, com os procedimentos instalados nos serviços psiquiátricos e psicológicos de hospitais e ambulatórios que, por força, a psicanálise deverá acudir às demandas. Assim, direi ao revés de Lacan, ainda que no mesmo sentido: o fracasso previsível dos atuais programas de “Saúde Mental” poderá assegurar o êxito futuro da psicanálise lacaniana na Espanha.

ANDRÉA BRUNETTO: Segundo escutei, a psicanálise não tem muito espaço nas universidades. Essa é uma realidade bem

diferente do Brasil, onde muitos psicanalistas, inclusive do Campo Lacaniano, estão nas graduações de cursos de psicologia, em programas de mestrado e doutorado. Como ocorreu tal conjuntura? Acreditas que essa inserção faz falta para a psicanálise na Espanha?

Manel Rebollo: Já disse que na Espanha a psicanálise tem apenas um reconhecimento epistemológico próprio, nem sequer clínico, e haver psicanálise nas universidades espanholas depende de que os professores de psicologia, psiquiatria, antropologia, filosofia etc, sejam psicanalistas ou desejem fazer existir a teoria ou a prática psicanalítica como saber universitário. Em algumas universidades existem professores de Teoria Psicanalítica, como Joan Salinas, que é professor de Teoria Psicanalítica na Universidade do País Basco, em San Sebastián. Logo, há possibilidade de ser aceita uma pós-graduação ou um mestrado em psicanálise em alguma faculdade, ou cursos menores, que costumam ser efêmeros, como a pós-graduação de psicanálise que houve, por duas edições, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona, e onde a ACCEP conseguiu que alguns alunos se inscrevessem, porém sempre com *déficit*. Por isso foi suspensa. Também Mikel Plazaola, em algumas ocasiões, conseguiu que houvesse alguma pós-graduação em psicanálise e filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade do País Vasco, em San Sebastián. Insisto, porém, que a coisa anda mal. Faz-se notar a debilidade mental que impera no alunado universitário, e em grande parte dos professores, As fundações universitárias oferecem grande quantidade de cursos de pós-graduação em seus programas, entretanto todos estão em função de interesses empresariais. A universidade é agora, mais que nunca, joguete do capitalismo globalizado.

Ainda assim, alguns Colégios Clínicos, como nosso Seminário de Psicanálise de Tarragona, firmou convênios com universidades – em nosso caso a Universitat Rovira i Virgili – pelos quais nossos ensinamentos outorgam créditos de livre escolha que servem para os estudos universitários dos inscritos. Atraem aqueles que têm alguma curiosidade sobre a psicanálise e querem o reconhecimento da faculdade. De qualquer modo, minha opinião é que a formação psicanalítica passa por um momento crítico na universidade espanhola e está por chegar o momento

em que se consiga uma melhor posição, talvez com convênios e com uma política mais comprometida entre os Colégios Clínicos. Acredito termos de nos colocar na antropologia, filosofia etc, nas quais o pensamento ainda tem algum valor. O espaço para a psicanálise na universidade está para ser feito. Aliás, já se começa a fazer algo, mas não vai ser nada fácil. Veja-se ainda, mais claramente, o fracasso de “o outro” que agora impera: a comportamental-cognitiva e suas conseqüências, cujo êxito atual nos meios universitários e hospitalares reflete simplesmente o que foi imposto. E não seu êxito clínico, do qual ainda não há pesquisas conhecidas.

ANDRÉA BRUNETTO: Explique como funciona a Comissão Epistêmica da EPFCL na Espanha.

MANEL REBOLLO: Na Espanha existe a figura do representante no Colégio Internacional da Opção Epistêmica. Melhor dizendo, dos representantes: dois, um para cada uma das “zonas” de fórum. É outra das realidades, digamos, surrealidades, de nosso Campo Lacaniano na Espanha. Apesar das diferenças quanto ao que desenvolver, número de membros e de fóruns, em uma e outra zona – e estas diferenças vão se acentuando cada vez mais – coexiste a decisão de duas Espanhas, dois representantes, coisa que, espero, se acabe, pois assim como está só conseguimos assegurar a continuidade de uma fratura com, cada vez mais, menos sentido. Devemos acabar com ela em pouco tempo, senão nos arriscamos a fazer de um problema “temporal” um lastro perpétuo e sem solução possível, nem sequer a longo prazo. Minha opinião é: agora ou nunca.

O mais divertido é que surge a possibilidade, tal como funciona a votação, de que ambos os representantes possam ser do mesmo âmbito, porém na federação não sabemos usar o voto com a disciplina com que o fazem no FOE-Galícia. E isso nos tem impedido, até agora, de encontrar soluções definitivas. Porém tudo caminha.....

De qualquer maneira, nunca estive nesse dispositivo, e minha informação é totalmente exterior, como qualquer membro mais ou menos informado. Não me chegaram notícias da produção de problemas insolúveis na Comissão Epistêmica.

ANDRÉA BRUNETTO: Pode explicar para os leitores brasileiros o que é F6? Para não soar como mais uma sigla, que aliás, já temos tantas. Parece-me uma reunião de fóruns, mas pode explicar?

MANEL REBOLLO: Depois do fracasso da AePCL, surgiu a sugestão de Colette Soler de anunciar na Espanha os primeiros quatros fóruns que se reuniam em DEL F4 (Fóruns de Barcelona, País Basco, Astúrias e Andaluzia). Logo virou F5 (sem Andaluzia, pois incorporou-se a Barcelona, mais o de Santiago de Compostela e Valência que haviam cindido de FER, Atual FOE-Galícia). Contudo, não havia uma entidade jurídica para dar cobertura legal aos DEL (Dispositivos Locais de Escola). Decidimos – não sem algum mal-estar – constituir a Federação Espanhola de Fóruns – F5, que logo se chamou F6, com a constituição do Fórum Psicanalítico de Tarragona. E como há algumas semanas se constituiu o Fórum Psicanalítico de Madri com 28 membros – alguns dos quais já eram membros do fórum de Barcelona (FPB), logo seremos F7.

A dificuldade em nomearmos esbarra no fato de aqui, na Espanha, termos outro coletivo, inclusive com dispositivos de Escola próprios. A complicação foi não termos conseguido ser uma única associação espanhola de fóruns, sob a lei do Estado espanhol. Tal traço unário original dificulta nossa nomeação. O melhor seria “Federação Espanhola dos Fóruns do Campo Lacaniano”, porém para não molestar os vizinhos, o chamamos com esse nome pobre: F6, F7. Enfim.....

ANDRÉA BRUNETTO: Como ocorre o trabalho com os Colégios Clínicos?

MANEL REBOLLO: Os Colégios Clínicos, ou Formações Clínicas do Campo Lacaniano, apareceram na Espanha antes dos fóruns, pela necessidade, naquele momento pós Cisão de 1998, de dar respostas às pessoas que se aproximavam dos seminários e das sessões clínicas. Primeiro apareceu a ACCEP, em Barcelona, mas podemos dizer que era da Catalunha, pois tinha membros de Tarragona, Girona, inclusive Mallorca. A necessidade de não “perder” o ensino, verdadeiro motor e porta de entrada para os fóruns, pôs em relevo a urgência de criar as Formações Clínicas,

constituídas com membros dos fóruns que, por sua vez, também iam se constituindo ao mesmo tempo.

O trabalho nos Colégios Clínicos obedece à idéia da Seção de Psicanálise Aplicada, da Escola de Lacan de 1964, e procura oferecer ensinamentos regidos pela lógica da universidade. Ainda, há dois pólos funcionando na Espanha; no nosso F6, procuramos decidir um tema comum aos diferentes seminários dos distintos Colégios locais. Às vezes estudar um mesmo texto, dependendo do interesse de cada lugar. E a jornada de final de curso acontece em uma cidade. Neste ano, na oitava edição, aconteceu em Tarragona. Os presidentes dos distintos Colégios formam a Comissão Científica da jornada, decidem seu título e sua organização, deixando sempre nas mãos da cidade organizadora as últimas decisões. Durante as jornadas procuramos ter sempre nossas reuniões na Junta Diretiva dos Colégios. Pensamos publicar anualmente as atas das jornadas, como já se fez no ano anterior, em Valência, por sua própria conta. E buscamos mais pontos de encontro, embora não todos os Colégios funcionem do mesmo jeito. Em algumas cidades, como Barcelona, Colégio e Fórum são entidades distintas, compartilhando um local, porém com certas diferenças entre eles. Em Astúrias há o Fórum que tem, entre suas atividades, algumas de caráter de Colégio Clínico. Em Galícia há somente Colégio, sem fórum; e em Santiago, um fórum sem Colégio. Ambos compostos por membros distintos. Alguns membros do Colégio de Galícia são, atualmente, membros do fórum de Barcelona e da AePCL. Jakinmina, Colégio Clínico do País Basco, está intimamente ligado ao Fórum do País Basco. O Colégio de Psicanálise de Madri é composto de membros do fórum de Barcelona e outros que não estão em nenhum fórum. O SPsT, Seminário Psicanalítico de Tarragona, foi formado por três membros: Isidre Bosch, Montserrat Pallejà e eu mesmo. A partir disso formou-se nosso fórum, que já conta com onze membros. Assim, cada Colégio Clínico tomou sua decisão a respeito da relação com o fórum e vice-versa. São as distintas modalidades da Espanha lacaniana do século XXI. Em Tarragona coordenamos Colégio-Fórum-Escola sem maiores complicações. Outros lugares têm tentado fazer o mesmo, e acredito que, no geral, tendemos para isso. Os caminhos da psicanálise são bastante inextrincáveis.

Veremos o que acontece em São Paulo diante de todo esse

movimento. Creio que algum efeito se produzirá, ainda que paulatinamente. E creio, sem dúvida, serão para um melhor ordenamento e entendimento. Aposto nisso.

Tradução: Andréa Brunetto

resumo

Esta entrevista, feita após as Jornadas do Campo Lacaniano em Tarragona, expõe a situação da psicanálise na Espanha, a relação entre os fóruns e os colégios clínicos, a atuação nos ambulatórios de Saúde Mental; a inserção na universidade, a relação entre psicanálise e psicoterapias e as perspectivas futuras da psicanálise.

palavras-chaves

psicoterapia, saúde mental, história da psicanálise, Lacan.

abstract

This interview done after the Lacanian Field Meetings in Tarragona, features the psychoanalysis situation in Spain, the relationship between the forums and the clinical schools, the performance in the clinics of Mental Health; the insert in the university, the relationship between psychoanalysis and psychotherapies and the future perspectives of the psychoanalysis.

key words

psychotherapie, mental health, history of the psychoanalysis, Lacan

recebido

26/05/2008

aprovado

29/05/2008

Resenhas



O seminário, livro 23: o sinthoma

DIDIER CASTANET

O Seminário, livro 23: o sinthoma, de Jacques Lacan

Abertura em direção ao seminário 23: o sinthoma

Sob o risco de cair em má caricatura, resumir um seminário de Lacan não me parece possível. Com efeito, todo resumo opera uma redução que me parece completamente deslocada, quando tentamos transmitir algo de uma elaboração, de um pensamento em movimento.

Assim, proponho uma abertura em direção a este seminário. Se considerarmos que o seminário 23 é o seminário clínico que concretiza as elaborações de Lacan do seminário 22 (R.S.I.) parece-me essencial examinar sobre o que repousa o seminário 23. Vou tentar nesta abertura fazer a ligação entre o seminário 22, R.S.I e o 23, O Sinthoma.

A meu ver, não se pode abordar o seminário 23 sem ter trabalhado antes o seminário R.S.I., ou sem saber a que corresponde a contribuição do nó borromeano. Ou ignorando as modificações que Lacan traz à sua concepção do Nome-do-Pai; e o que significa a introdução de "alíngua". Ou, ainda, ignorando a introdução da Nomeação. Dizendo de outro modo, tudo isso me parece constituir preliminares indispensáveis à abordagem do seminário 23.

Na ocasião deste seminário, estamos na última parte do ensino de Lacan, aquela a que chamamos normalmente o período borromeano. Nele Lacan retoma questões sobre as quais tinha terminado seu seminário precedente, R.S.I. Lembramos também que o Seminário RSI foi precedido em três meses pela conferência "A Terceira".

Qual é então o contexto teórico dos anos 73-74-75?

♦ Muito precisamente, o contexto científico repousa, para Lacan, sobre sua pesquisa para "definir" a estrutura a partir das três categorias que são: Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.).

♦ Em seguida, trata-se de estabelecer as diferentes relações

entre as três categorias. Mas, diria também que se trata, e isto precisamente no seminário R.S.I., de saber como se sustentam juntas as três categorias, e ainda como distingui-las.

♦ Depois, questionando a natureza e o enodamento borromeano das três consistências, Lacan se coloca a questão de saber se podemos fundar a psicanálise sobre outra coisa que não seja o Édipo (este sendo entendido em sua vertente mítica); dizendo de outro modo, se se pode se passar do pai. Esta questão maior o conduz a uma outra problemática: a do aprofundamento do Nome-do-Pai e da Nominação.

♦ Enfim, a questão do sintoma está ligada àquela da escrita, do real e de “alíngua”.

Lacan concebia o discurso psicanalítico como produzindo uma escrita. Se o nó borromeano é para ele uma mostraçã do fazer do discurso psicanalítico, como ele próprio o diz, “uma mostraçã” do enodamento das três categorias, do estabelecimento de suas relações, é bem porque ele é uma escrita. Esta escrita nodal, feita de rodela fechadas ou abertas, escreve o real no sentido real da estrutura, ou seja, o real da estrutura do ser falante. Este real da estrutura é constituído de três categorias: a do Simbólico, a do Imaginário e a do Real. O Real é considerado desta vez como categoria.

Mas, tornar o real sensível pelo traço da escrita, pela planificação, e pelo nó borromeano - Lacan insiste nisso - não é modelo. O modelo se situa inteiramente no imaginário e o imaginário supõe uma substância. Ora, o nó não supõe o real, mas ele o suporta, ele o é. O nó suporta o real, pois as três rodela só consistem em se sustentar realmente entre si.

Mas, a grande novidade do seminário R.S.I. será o novo sentido do Nome-do-Pai e um remanejamento da função do pai: não será somente o nome dado ao pai, mas o nome dado pelo pai. Eis o que ele nos diz na lição de 15 de abril de 1975, “é preciso o simbólico para que apareça individualizada nos nós esta coisa que eu chamo não totalmente de complexo de Édipo - não é tão complexo assim - eu chamo isso o Nome-do-Pai, o que só quer dizer o pai como nome - o que não quer dizer nada de início - não só o pai como nome, mas o pai como nomeando”.

Essa inversão de sentido é suportada pelo furo do nó borromeano, um furo “inimaginável” como Lacan o qualifica e ao

qual reenvia o famoso “eu sou o que sou”. E ainda na lição de 15 de abril de 1975, Lacan nos diz: “A nomeação é a única coisa da qual temos a certeza de que isto faz furo”.

A função da nomeação é uma função de enodamento. Lacan atribui uma função capital à nomeação a ponto de dizer: “seria preciso escrever a coisa assim, seria preciso escrever *nhommer*”. É um modo de dizer que a nomeação faz o homem, no sentido genérico.

Compartilhando com o seu auditório a dificuldade de sustentar o Nome-do-Pai ao mesmo tempo como nomeado e como nomeante, Lacan extrai no seminário O Sinthoma, as consequências clínicas de suas elaborações do seminário RSI. Ele havia concluído esse último perguntando: “o que convém dar como substância ao Nome-do-Pai?”

Havia evocado, na última lição de 13 de maio de 1975, uma nomeação provinda das três categorias, do Real, do Simbólico e do Imaginário, sem deixar este privilégio apenas ao simbólico.

A renomeação do sintoma em sinthoma resulta da tentativa de renovar a aproximação do sintoma, não somente em função significativa, mas também de letra. Há no sinthoma um real que resiste à interpretação significativa, jogando no equívoco. Esse real seria ligado ao gozo específico do sintoma, lá onde existe uma insatisfação estrutural no sexual, a qual afirma que não há relação sexual. O chamado traumatismo, em psicanálise, não está apenas ligado à percepção do caráter evanescente do falo, como na interpretação do sonho do Homem dos lobos, mas à natureza da sexualidade como *trou-matique*, pois há um furo (trou) no nível daquilo que faria relação sexual.

O sintoma é sinal de que alguma coisa rateia em relação ao sexual, e o sinthoma diz mais precisamente: o que rateia é a possibilidade de estabelecer a relação sexual entre o homem e a mulher.

O sinthoma tem a função de suplência a uma falta na função fálica em um sujeito como Joyce. Em sua conferência “Joyce o sintoma”, Lacan declara: “O pai como nome e como aquele que nomeia, não é a mesma coisa. O pai é este elemento quarto sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real”.

Falando do Nome-do-Pai propriamente freudiano, Lacan fazia a seguinte constatação: “Não é porque esta suplência não é indispensável que ela não acontece. Nosso Imaginário, nosso

Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda em um estado de suficiente dissociação para que só o Nome-do-Pai faça nó borromeano e sustente tudo isso junto". (Seminário RSI, lição de 11 de fevereiro de 1975). Ora, ele só pode sustentar isso junto porque "é enquanto o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome que tudo se sustenta". (Seminário O Sinthoma, lição de 18 de novembro de 1975). Tal é a função do sinthoma.

A resposta psicótica ao acontecimento é *sin-thomatique*. Tal resposta não vem sem colocar a questão de onde a psicanálise se posiciona. Por isso, a última constatação de Lacan se formulará assim: "Por que alguém viria demandar a um analista a temperança de seus sintomas?" Ele responde indicando o deslizamento da nomeação da estrutura ao sintoma: "Todo mundo tem um, considerando que todo mundo é neurótico, é por isso que se chama o sintoma, neste caso, neurótico. E, quando ele não é neurótico, as pessoas têm a sabedoria de não vir demandar a um analista de se ocupar dele". E ele conclui assim: "O que prova assim que não franqueá-lo, a saber, não demandar ao analista de arranjar isso, é o que é preciso muito bem chamar o psicótico". Temos assim o psicótico com sintoma neurótico.

A psicose, com efeito, é definida pelo nó borromeano enodado por este sinthoma quarto elemento que é o Nome-do-Pai como Pai do Nome. Assim, o sinthoma tem a função de suplência quando há a forclusão do Nome-do-Pai. Um quarto elemento vem então fazer amarra e impedir a loucura da desamarração.

O sintoma que é para Joyce sua obra, especifica-se para Lacan por ser "sinthoma e neurótico". É um enunciado que pode parecer um pouco estranho, chegar a qualificar o sinthoma de neurótico. Ele é neurótico, pois ele cria e suporta artificialmente um Nome-do-Pai que faz falta. Ele faz ex-sistir o Pai. Lacan afirma: "Se se escolhe um sinthoma, podemos usá-lo em demasia, até atingir o real". E continua: "O sinthoma enquanto ele serve de suplência ao valor fálico, vai permitir ao simbólico funcionar em seu papel de fazer furo no real".

Lacan descreverá o sinthoma a partir das diferentes manifestações da relação de Joyce à escrita e à voz: o tratamento (muito) particular a que ele submete a língua, seu gosto pelo enigma e pelo equívoco, enfim, pela atenção prestada à fonação, através, por exemplo, do que ele chama as epifanias.

Em Joyce, há uma relação entre o que o faz gozar e a maneira pela qual ele procede com as palavras. Ele as quebra, ele as dissolve por um “faunesco” uso de sua literalidade. Dessa escrita, ele goza incontestavelmente. Por exemplo, em *Finnegan’s Wake*, “sente-se”, diz Lacan, “o gozo daquele que escreveu aquilo”. Mas é um gozo próprio. A aposta para Joyce é um gozo privado da letra em seu uso fonético (que Lacan escreve f.a.u.n.e.). Nada no sintoma de Joyce “engancha algo do inconsciente de vocês” (conferência “Joyce, o Sintoma” de 16 de junho de 1975), diz Lacan. Por quê? Porque quando Joyce joga com a letra, ele joga com aquilo que há nela de essencial à linguagem, mas não à língua. Ele se interdita “jogar com quaisquer equívocos que abalariam o inconsciente de qualquer um”. Nada de afeto, então, no leitor, no sentido em que o afeto é o efeito daquilo que é *dito* em alguma parte. O afeto vem de um dito da língua. Assim, a formação de um sintoma dessa maneira é o trabalho da língua pelo inconsciente, pois, dessa maneira, pode tocar o interesse de um outro.

Ao contrário, Joyce, “desabonado do inconsciente” como ele é, faz do artifício de sua escrita a via para levar o *sinthoma* (e não um sintoma) ao poder da pura linguagem, da linguagem separada da língua, de sua língua gaélica.

Joyce é esse quarto elemento por seu nome próprio. Ele o teve sob duas condições. De início, ele respondeu às palavras impostas. As palavras que o atacavam como balas de metralhadora, ele as desmanchava a cada dia, cortando-as em pedaços graças ao jogo de sua escrita: uma salada de palavras cuja leitura em voz alta lhe fazia rir solitariamente. Mas, mais ainda, ele pôde editar sua escrita e se fazer ler pelo público. Assim, ele alcançou realizar o que esperava: que os universitários falassem dele. E por isso Joyce não delirou. Existem certos fracassos de sua vida com Nora. Mas o fracasso de sua via privada era o avesso do êxito público.

Lacan nos diz: Joyce “desabonado do inconsciente”. Quer dizer: seu sintoma não é conectado ao inconsciente; Joyce goza da letra sem passar pelo inconsciente – é um gozo fora inconsciente, fora do sentido. Lacan qualifica esse gozo de “opaco”, pois ele exclui o sentido.

Então, agora, como compreender Lacan ao nos dizer que Joyce chegou ao ponto esperado de uma análise? Essa questão concerne ao fim da análise e à relação do sujeito ao sintoma. O

sujeito identifica-se a seu sintoma ao reconhecer que o tem, que mantém certa relação com ele, que ele o nomeia e não que ele imagina que ele o é, sobre um modo que poderia se enunciar como um: “eu sou assim e isso é tudo”. Sabemos, essa formulação “sou”, essa expressão, tende a fazer existir a relação sexual, e o sintoma que vem significar a não-relação pode ser completamente depreciado ou desconhecido através dessa ontologização.

Espero ter contribuído para uma abertura em direção ao Seminário 23: O Sinthoma, em parte (e só em parte) consagrado a Joyce.

Tradutoras da Resenha: Daniela Chatelard e Zilda Machado

O inconsciente a céu aberto da psicose

ANDRÉA BRUNETTO

O inconsciente a céu aberto da psicose, de Colette Soler

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

Tradução: Vera Ribeiro

Começarei falando do próprio livro e não da autora, pois para os psicanalistas do Campo Lacaniano, a importância de Colette Soler dispensa apresentações. Mas, também para os leitores brasileiros no geral, a autora é bastante conhecida. Seu último livro, lançado no Brasil há alguns anos, *O que Lacan dizia das mulheres*, é referência quase unânime para os que teorizam o feminino e o Outro gozo. Então me deterei na abordagem que Soler faz da psicose nesta obra.

Lançado na França há alguns anos, a autora abre a problemática da psicose sustentando, de início, que a psicose não é um caos. Embora diferente do neurótico, há uma ordem. Nela está um sujeito não inscrito na função fálica. A tese lacaniana sobre a sua causalidade é a forclusão do Nome-do-Pai, que modifica a relação do "louco" com a realidade.

Já na introdução do problema – A psicose: uma problemática – ela contrapõe o sintoma fóbico de Hans, complemento da metáfora paterna – não substituição, mas complemento – à obra de Joyce, que conseguiu com ela tapar o buraco da forclusão paterna e não desencadear a psicose. Diferente do delírio de Schreber, um trabalho depois do desencadeamento.

Com isso, Soler coloca a dificuldade muito particular do atendimento psicanalítico do psicótico: a transferência é um elemento desencadeador. Então, como agir por meio da transferência se a própria transferência é patogênica? Acreditamos que, já de início, ela coloca o norte de seu livro: quais os objetivos do tratamento do psicótico? Quando a psicose já se desencadeou, sustenta Soler, o analista pode incluir-se no trabalho de restauração, "mas persiste a questão de saber como é possível colocá-lo nessa ligação com o sujeito" (p. 21).

Com Lacan, a autora responde que há dois lugares possíveis para o analista: de perseguidor e leitor. Além destes Lacan parece apresentar ao analista um lugar de testemunha. E este lugar de testemunha – lugar de secretariar o alienado, como Lacan alega no Seminário 3, seria testemunhar? Esta é já minha primeira pergunta de leitora.

Nos vários capítulos do livro Soler vai respondendo sua questão. No capítulo sobre o autismo, após apresentar conhecidos casos clínicos de Donald Meltzer e Margareth Mahler, a autora volta a se perguntar sobre o lugar do analista. E encerra o capítulo concordando com Mahler em que o impasse do tratamento seria que os autistas necessitariam de “uma máquina terapêutica pela vida afora”. Sustenta que Mahler não é muito otimista. E, creio, nem Soler o é ao final do capítulo.

Inicia o capítulo sobre a erotomania teorizando a psicose como a falência do amor, tese sustentada por Lacan nos Estados Unidos, em 1975. Sabemos, com a psicanálise, que o amor é sempre falido, então, em que a falência da erotomania se diferencia da neurose? Nesse “amor morto”, mortificante, em que há predominância da posição de ser amado Soler nos lembra que isso justifica que Lacan nomeie sua paciente de Aimée. Alega, a partir do exemplo feminino, que os registros do amor e do gozo, sempre mais ou menos enlaçados na neurose, “são desatados e revelados em sua pureza na psicose. Com isso, ela [a mulher] às vezes parece libertar o amor de sua impotência, quando, por exemplo, o postulado se mantém intacto por décadas. Entretanto, isso é só uma aparência, porque o amor não tem a mesma função na neurose e na psicose. Na primeira, ele é chamado para corrigir a ausência da relação sexual, ao passo que, na segunda, é invocado para resistir à iminência de uma relação mortífera”. (p. 51)

A autora também vai mostrar a importância do diagnóstico a partir do que demonstra ser um erro: o Caso Suzanne, de Marion Milner. Tratada como esquizofrênica, evidencia-se uma neurose. Ressalta a importância da clínica estrutural.

É uma escrita límpida, clara, sem perder com isso nada do rigor dos textos freudianos e lacanianos. A autora não é otimista no tratamento do psicótico, pois acredita, quando fala dos autistas, que não é um tratamento muito vantajoso para o psicanalista. Mas será que não poderíamos dizer que não há tratamento

de psicótico que seja vantajoso para o psicanalista? - Mais uma pergunta de leitora. Mas, vantajoso ou não, o psicanalista não pode recuar. Nisso ela é clara na conclusão do livro e ainda afirma: as posições de exceção de Schreber, Rousseau e Joyce foram socializadoras, "prenhes de novas formas de laços sociais". Aliás, parece-me agora, copiando este extrato da conclusão, que não é tão desvantajoso e que a clínica está aí, aberta a novos casos clínicos, para que possamos aprender com ela. Enfim, prenhede de novas experiências. Leiam o livro do qual espero ter passado algo de sua importância.

A subjectividade por vir - ensaios críticos sobre a voz obscena

VERA POLLO

A Subjectividade Por Vir - Ensaios críticos sobre a voz obscena, de Zizec, Slavoj

Lisboa: Relógio D'Água Editores, Setembro de 2006

Título original: *La subjectivité à venir - Essais critiques sur la voix obscène* (2004)

Tradução: Carlos Correia Monteiro de Oliveira

"Na medida em que, precisamente, a ciência "não pensa",
ela sabe¹, ignorando a dimensão da verdade, e representa,
enquanto tal, a pulsão em toda a sua pureza."
Slavoj Zizec

¹ Grifo do autor

A Subjectividade por Vir - Ensaios Críticos sobre a Voz obscena é uma coletânea de textos de Slavoj Zizec, publicada em Lisboa, Portugal, em 2006, pela editora Relógio D'Água. Psicanalista, filósofo, pesquisador do Instituto de Sociologia na Universidade de Liubliana, Eslovênia, e professor visitante na *New School for Social Research*, em Nova York, Zizec tem vários livros editados no Brasil e escreve regularmente para A Folha de São Paulo. Vem sendo considerado um dos mais argutos analistas da sociedade contemporânea, um dos mais heterodoxos e estimulantes intelectuais da atualidade. Os textos, reunidos no presente volume, foram escritos entre os anos de 1998 e 2004, alguns em forma de ensaios, outros a título de conferências. Hegel, Marx e Lacan são suas principais referências, mas os assuntos abordados se estendem da ópera ao espaço cibernético, passando pela religião, pela política e por aquele que não poderia faltar de modo algum, por ser talvez a expressão artística mais cara a Zizec, o cinema.

Logo no título do primeiro texto, deparamo-nos com um significativo pouco usual, senão inédito, dentro da teoria psicanalítica: *o sujeito interpassivo*. Zizec o forja para explicitar a relação de substituição pela qual o significante se define como "um objeto-coisa que me substitui, que age no meu lugar", ao mesmo tempo em que o sujeito passa a ser aquele que crê através do outro e lhe cede a dimensão passiva do seu ser (o gozo), para

continuar ativamente implicado em outra coisa. Passo a passo, o texto expõe primeiramente a idéia de que o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, com um real exterior imposto brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar.” (2006: 11) Em seguida, parafraseando a expressão “sujeito-suposto-saber”, cunhada por Lacan em 1967, Zizec propõe as expressões de “sujeito-suposto-crer” e “sujeito-suposto-gozar”, como correlatas ao sujeito interpassivo.

No entanto, diferentemente do saber, por não ser reflexivo, a crença sempre o é, e opera até mesmo à distância. A questão é que “o sujeito que crê diretamente não precisa de existir para a crença ser operativa [...] [pois ela] só pode florescer no domínio obscuro situado entre a falsidade absoluta e a verdade positiva” (*Idem*: 21-2) Contudo, quando cedo ao outro a dimensão passiva do meu ser, cedo-lhe meu gozo e “quando o Outro é sacrificado no meu lugar, tenho a liberdade de prosseguir a minha vida com a consciência de ter pago pela minha culpa etc.” (*Idem*: 23).

Um pouco adiante Zizec observa que, ao contrário do que se poderia pensar, as máquinas não roubam nossa atividade, privam-nos, isso sim, da dimensão passiva da nossa vivência. Exemplifica-o a constatação: “quase todos os fãs de DVD que gravam compulsivamente centenas de filmes² estão bem conscientes de que o resultado imediato de possuir um gravador de DVD é, afinal, o de ver menos filmes do que nos bons velhos tempos da simples televisão, em que não havia gravador [...] como se o aparelho de vídeo os estivesse vendo por mim, no meu lugar.” (*Idem*: 26-7)

Em sua leitura, o fato de o sujeito ser dispensado de seu gozo comporta uma dimensão verdadeiramente libertadora, um alívio do “dever monstruoso de ter de gozar”, razão pela qual precisamos distinguir os dois tipos desse Outro que nos substitui. No caso do fetichismo da mercadoria (ou do Papai Noel), a crença é deslocada para o Outro: sei muito bem que não creio, mas creio através do Outro. No caso dos risos pré-gravados ou das carpideiras que se lamentam no meu lugar, “deparamos com a situação inversa: penso que fui eu quem gozou o espetáculo, mas foi o Outro que o fez por mim.” (*Idem*: 32)

O tema da crença, presente nas primeiras páginas, retorna quase ao fim do livro em um de seus ensaios mais instigantes: *A Paixão na era da crença descafeinada*. Trata-se de um ensaio crítico

² Publicado em 2004 no *Journal of Philosophy and Scripture*.

sobre o filme de Mel Gibson, *A Paixão de Cristo*. Zizec declara que o modo dominante da crença inconfessa/deslocada da nossa época parece ser efetivamente o “não creio verdadeiramente nisso, isso faz simplesmente parte da minha cultura” (*Idem*:129). E daí deduz, o termo “cultura” talvez seja o nome que convém a todas as coisas que praticamos sem acreditar verdadeiramente nelas, sem as “levar a sério”. Pois uma das características mais marcantes da nossa cultura é a de que o objeto deve ser um produto que contenha o agente de sua própria negação: a “cerveja sem álcool”; o “café descafeinado”; o “chocolate laxativo” e assim por diante. Até mesmo o sexo se inscreve como produto nessa série, devendo ser o “sexo seguro”, com camisinha, sem contato direto, possivelmente sem prazer. A “tolerância politicamente correta”, salienta Zizec, conduz a uma “crença descafeinada”, isto é, não fere mas tampouco engaja quem quer que seja. Em suas palavras, “o Lacan dos últimos anos tinha inteira razão ao reservar o termo ‘ato’ para alguma coisa mais suicidária e real do que o ato falado.” (*Idem*: 25)

Não menos instigantes são as páginas que abordam a “pulsão” da ciência moderna. Ela lhe parece um caso paradigmático do que a psicanálise reconhece como o saber “acefálico”, a “insistência cega” da pulsão de morte. Na microbiologia, na manipulação genética e na física das partículas, a ciência prossegue o seu caminho sem nenhum objetivo moral ou comunitário, apenas como fonte de uma satisfação que só provém do próprio saber. Nesse caso, a proliferação dos “comitês de ética” só pode ser vista como a tentativa desesperada de dar um “rosto humano” à ciência, de reinscrever sua marcha inexorável e desprovida de limites dentro dos limites dos propósitos humanos (*Idem*: 50).

Não há dúvida de que em muitas passagens do livro, o conceito de fantasma fundamental se desvela como uma ferramenta, que Zizec utiliza com mestria, tanto na análise de fenômenos do coletivo, quanto do individual. O fantasma fundamental ou primordial, diz-nos ele, é o núcleo passivo do meu ser, sua forma é dada pelo saber da pulsão que nunca pode ser subjetivado. (*Idem*: 52) Por isso, a idéia de reinscrever a “pulsão” da ciência nos limites do mundo da vida é “um puro fantasma”, assim como “o automatismo do amor é posto a funcionar quando um objeto (libidinal) contingente, em última instância indiferente, ocupa um lugar fantasmático já dado.” (*Idem, ibid.*)

É tão grande a lista dos filmes citados no decorrer do livro que reproduzi-la ocuparia muitas linhas. Todavia não poderíamos deixar passar sua referência à trilogia dos irmãos Wachowski: I - *Matrix*, II - *Matrix, Reloaded* e III - *Revolutions*. Ao intitular seu texto de “*Matrix*, ou as duas faces da perversão”, Zizec retoma sua intervenção no simpósio internacional no Centro de Arte e Mídia de Karlsruhe, para discutir as relações entre o Real e a(s) realidade(s). Em sua opinião, “o filme não está errado ao insistir no fato que *existe* um Real sob a simulação da realidade virtual” (*Idem*:82), mas aparece como problemático, ao supor o Real como a “verdadeira realidade” dissimulada por trás da simulação virtual. Pois o Real é o vazio que torna a realidade incompleta e inconsistente, “muito mais subversiva do que esta multiplicação de universos virtuais, teria sido uma multiplicação das próprias realidades – algo que reproduzisse o perigo paradoxal que alguns físicos vêem nas recentes experimentações com os grandes aceleradores de partículas.” (*Idem*: 83)

Com Lacan, Zizec assevera que a ciência “toca no Real”, constrói um saber que é “saber no Real”, e a partir da física quântica, existe um fosso entre a ciência moderna e a ontologia aristotélica. O saber científico deixou de nos servir de Outro simbólico, lidamos agora com regras e leis funcionando no Real, mas não temos como traduzi-las na nossa experiência da realidade representável. (*Idem*: 86). Se o Real é, então, a própria tela, o obstáculo que “sempre-e-já deformou a nossa percepção do referente”, a realidade, cuja percepção está condicionada pela experiência de um obstáculo intransponível, “é aquilo que resiste”. Em contrapartida, o Outro desempenha a função de intermediário, garante de uma “coordenação entre a realidade e a experiência mental que dela fazemos.” (*Idem*:100)

Mas longe de ser uma máquina anônima, o Outro precisa do influxo constante de gozo. Ao ocupar-se com as questões de aborto, casamento de homossexuais, divórcio etc., a política, ressalta Zizec, mostra-se cada vez mais preocupada com os métodos de controle e regulação do gozo. E como “o malogro da narrativa, a impossibilidade de construir uma ‘história bonita’ é o sinal de um fracasso social bem mais fundamental.” (*Idem*: 117), é possível que o fracasso da série *Matrix* comporte a mensagem de que “hoje, deixou de haver amanhã que cantam, o Capital está

para ficar e tudo que podemos esperar é uma trégua temporária." (*Idem*:119) Conclui-se que "reprimir pura e simplesmente a violência é deixá-la incubando sob as cinzas" (*Idem*: 128), e Lacan sabia bem disso ao comentar o laço estreito "entre o reino da fraternidade pós-revolucionária e a lógica da segregação." (*Idem*: 129)

Na sociedade do capitalismo avançado, é o "*direito de não ser incomodado*, direito a uma distância sadia em relação aos outros, que emerge como o mais fundamental dos direitos do homem. Tal conclusão foi, certamente, um dos motivos que levaram Zizec a refletir e escrever sobre a mensagem da música, no belo escrito intitulado "A política da redenção (ou porque vale a pena salvar Richard Wagner)"³. Sob sua pena, lemos primeiramente que o conflito central da ópera não se aloja, como muitas vezes se pensa, entre o espiritual e o corporal, entre o sublime e os prazeres comuns da carne. Há um conflito inerente ao próprio sublime, que o cinde em duas partes e permite a inversão do proverbial motivo poético do amor cortês: não é tanto a beleza deslumbrante da Dama que se revela carne apodrecida – e isso corresponderia antes à dessublimação –, é a virgem sagrada revelada no coração da sedutora dissoluta, ou seja, é a sublimação inesperada. Nessa linha, Zizec esclarece o poder subversivo da ópera de Wagner: "*uma perturbação na ordem da sublimação*." (*Idem*: 143)

Uma lição parece então extrair-se de seu texto nos seguintes termos: assim como é possível que a sublimação oscile entre dois pólos, pode-se também verificar que "a comédia volta à cena quando a situação é tão horrível que já não pode ser expressa pela tragédia" (*Idem*: 147). Além disso a compaixão romântica bascula em direção a "uma compaixão fria que ensina a resistir à necessidade urgente de ajudar os outros." (*Idem*: 149). Aqui, é a lição de Brecht contra Wagner.

Pouco se fala da influência de Freud sobre a obra de Zizec, mas, como ele próprio admite, é preciso voltar à intuição freudiana sobre a função do objeto perdido ou rejeitado. Nela conclui-se seu ensaio sobre a ópera de Wagner. Por isso o citamos: "Nós tornamo-nos (identificamo-nos com) o objeto de que sabemos ter sido privados, de tal modo que a nossa identidade subjetiva é um depósito dos vestígios dos nossos objetos perdidos." (*Idem*: 164)

³ Publicado em 2004 no *Journal of Philosophy and Scripture*.

sobre os autores

ANDRÉA BRUNETTO

Psicanalista. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil. Diretora do Ágora Instituto Lacaniano. Mestre em Educação pela UFMS. E-mail: brunetto@terra.com.br

BÁRBARA MARIA BRANDÃO GUATIMOSIM

Psicanalista. Membro da Associação Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil. Organizadora do livro "Em torno dos cartéis" – Edição da AFCL, 2004. Artigos publicados em várias revistas e coletâneas de psicanálise. E-mail: bguatimosim@bol.com.br

BERNARD NOMINÉ

Psicanalista. Psiquiatra. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-França. Docente do Colégio Clínico Psicanalítico do Sudoeste-França. E-mail: ber.nomine@free.fr

COLETTE SOLER

Doutora em Psicologia (Paris VII). AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-França. Professora de FCCL-Paris. Autora de vários livros, entre os quais *Psicanálise na civilização* (RJ: Contracapa), *O que Lacan dizia das mulheres* e este recentemente lançado *O inconsciente à céu aberto na psicose*. E-mail: solc@wanadoo.fr

DIDIER CASTANET

Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Fórum Toulouse e da AFCL-França. Doutor em psicologia, professor da Universidade de Toulouse. E-mail: castad@club-internet.fr

GABRIEL LOMBARDI

Médico (Universidad de Buenos Aires), AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano- Argentina. Ensina Clínica Psicanalítica no Colégio Clínico de Río de la Plata e na Universidade de Buenos Aires. Autor de vários livros, o último dos quais é *Clínica y lógica de la autorreferencia*. E-mail: gabriellombardi@arnet.com.ar

JOAN SALINAS-ROSES

AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Espanha. Licenciado em Filosofia; psicólogo no Centro Neuropsiquiátrico de Martorell. Professor de Teoria Psicanalítica na Universidade do País

Basco. Docente de FCCL (ACCEP em Barcelona e Jakinmina no País Basco- San Sebastian). E-mail: j.salinas-roses@telefonica.net

LENITA PACHECO LEMOS DUARTE:

Psicóloga / Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise Fóruns do Campo Lacaniano – Fórum Rio e participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Pós-graduada em Psicanálise pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM). E-mail: lenitaduarte@urbi.com.br

MANEL REBOLLO

Psicólogo especialista em Psicologia Clínica. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Espanha, membro do Fórum Psicanalítico de Barcelona (FPB) e do Fórum Psicanalítico de Tarragona. Membro da AePCL (Associação Espanhola de Psicanálise do Campo Lacaniano). Mestre em Antropologia da Medicina e Saúde Internacional. Professor-coordenador dos cursos de psicanálise da Fundació Universitat Rovira i Virgili de Tarragona. Professor do Curso de Especialista Universitário em Ação Sócio-educativa com infância e famílias do Departamento de Pedagogia da Universitat Rovira i Virgili de Tarragona. Diretor de Estudos do Seminário de Psicanálise de Tarragona. E-mail: mrebollo@spt.cat

VERA POLLO

Psicanalista. Membro (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano- RJ. Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC-RJ e do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida. Psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (HUPE/Uerj). Autora de Mulheres Históricas (Contra Capa, 2003). E-mail: v.pollo@terra.com.br

ZILDA MACHADO

Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, do Fórum de Belo Horizonte e docente de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-BH. E-mail: zildamachado@terra.com.br

orientações editoriais

STYLUS é uma revista semestral da ASSOCIAÇÃO FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO e se propõe a publicar os artigos inéditos das comunidades brasileira e internacional do CAMPO LACANIANO, e os artigos de outros colegas que orientam sua leitura da psicanálise principalmente pelos textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Serão aceitos artigos provenientes de outros campos de saber (a arte, a ciência, a matemática, a filosofia, a topologia, a lingüística, a música, a literatura, etc.) que tomam a psicanálise como eixo de suas conexões reflexivas. Aos manuscritos encaminhados para publicação, recomendam-se as seguintes Orientações Editoriais.

Serão aceitos trabalhos em inglês, francês e/ou espanhol. Se aceitos serão traduzidos para o português. Todos os trabalhos enviados para publicação serão submetidos a no mínimo dois pareceristas, membros do CONSELHO EDITORIAL DE STYLUS (CES). A EQUIPE DE PUBLICAÇÃO DE STYLUS (EPS) poderá fazer uso de consultores "ad hoc", a seu critério e do CES, omitida a identidade dos autores. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos artigos. Os originais não serão devolvidos. O texto aceito para publicação o será na íntegra. Os artigos assinados expressam a opinião de seus autores.

A EPS avaliará a pertinência da quantidade de textos que irão compor cada número de STYLUS, de modo a zelar pelo propósito dessa revista : promover o debate a respeito da psicanálise e suas conexões com os outros discursos.

O fluxo de avaliação dos artigos será o seguinte:

1. Recebimento do texto por e-mail pelos membros da EPS de acordo com a data divulgada na "home page" da AFCL (<http://www.campolacaniano.com.br> :: Publicações : Stylus).
2. Distribuição para parecer.
3. Encaminhamento do parecer para a reunião da EPS para decisão final.
4. Informação para o autor: se recusado, se aprovado ou se necessita de reformulação (neste caso, é definido um prazo de 20 dias, findo o qual o artigo é desconsiderado, caso o autor não o reformule).
5. Após a aprovação o autor deverá enviar à EPS no prazo de sete dias úteis uma cópia de seu texto em disquete e outra em papel. A revista não se responsabiliza pela conversão do arquivo.

O endereço para o envio do original será fornecido nessa ocasião pela EPS. 6. Direitos autorais: a aprovação dos textos implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos autorais de publicação nesta revista, a qual terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. O autor continuará a deter os direitos autorais para publicações posteriores. 7. Publicação.

Nota: não haverá banco de arquivos para os números seguintes. O autor que desejar publicar deverá encaminhar seu texto a cada número de Stylus.

Serão aceitos trabalhos para as seguintes seções:

Artigos – análise de um tema proposto, levando ao questionamento e/ou a novas elaborações (aproximadamente 12 laudas ou 25.200 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). *Ensaio*: apresentação e discussão a partir da experiência psicanalítica de problemas cruciais da psicanálise no que estes concernem à transmissão da psicanálise (aproximadamente 15 laudas ou 31.500 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). *Resenhas*: resenha crítica de livros ou teses de mestrado ou doutorado, cujo conteúdo se articule ou seja de interesse da psicanálise (aproximadamente 60 linhas (3600 caracteres)). *Entrevistas*: entrevista que aborde temas de psicanálise ou afins à psicanálise (aproximadamente 10 laudas ou 21.000 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). Stylus possui as seguintes seções: ensaios, trabalho crítico com os conceitos, direção do tratamento, entrevista e resenhas; cabe a EPS decidir sobre a inserção dos textos selecionados no corpo da revista.

apresentação dos manuscritos

FORMATAÇÃO: os artigos devem ser enviados por *e-mail*, no mínimo, em arquivo no formato "Word for Windows 6.0/95, 98 ou 2000 (doc.)" à EPS conforme indicada na "home page" da AFCL e endereçados à EPS em tamanho A4, letra Times New Roman, corpo 12, espaço 1,5, margens 2cm, lauda do texto em torno de 2100 caracteres. A primeira lauda do texto original deve conter apenas o título do trabalho, nome completo do autor (se for único) ou dos autores (no caso de co-autoria), biografia(s) e seu(s) respectivo(s) endereço(s) completo(s). As demais páginas (contendo título e texto) devem ser numeradas, consecutivamente, a partir de 2.

ILUSTRAÇÕES: o número de figuras (quadros, gráficos, imagens, esquemas) deverá ser mínimo (máximo de 5 por artigo, salvo exceções, que deverão ser justificadas por escrito pelo autor e avaliadas pela EPS) e devem vir em separado em arquivo JPEG nomeados Fig. 1, Fig. 2 e indicadas no corpo do texto o local dessas Fig.1, Fig. 2., sucessivamente. As ilustrações devem trazer abaixo um título ou legenda com a indicação da fonte, quando houver.

RESUMO / ABSTRACT: todos os trabalhos (artigos, entrevistas) deverão conter um *resumo* na língua vernácula e um *abstract* em língua inglesa contendo de 100 a 200 palavras. Deverão trazer também um mínimo de 3 e um máximo de 5 palavras-chave (português) e *key-words* (inglês) e a tradução do título do trabalho. As resenhas necessitam apenas das palavras-chave e *key-words*.

CITAÇÕES NO TEXTO: as citações de outros autores que excederem 4 linhas devem vir em parágrafo separado, margem 2cm à esquerda (além do parágrafo de 1,25cm) e 1cm à direita, tamanho e letra igual ao texto. Os títulos de textos citados devem vir em itálico (sem aspas), os nomes e sobrenomes em formato normal (Lacan, Freud).

citações do texto nas notas

1. As notas não bibliográficas devem ser reduzidas a um mínimo, ordenadas por algarismos arábicos e arrumadas como nota de pé rodapé ou notas de fim de texto antes das referências bibliográficas (citadas no corpo do texto);
2. As citações de autores devem ser feitas por meio do último sobrenome seguido do ano de publicação do trabalho. No caso de transcrição na íntegra de um texto, a citação deve ser acrescida da página citada;
3. As citações de obras antigas e reeditadas devem ser feitas da seguinte maneira: Kraepelin (1899/1999);
4. No caso de citação de artigo de autoria múltipla, as normas são as seguintes: A) até três autores – o sobrenome de todos os autores é mencionado em todas as citações, usando e ou &, conforme exemplo (Pollo & Rossi & Martiello, 1997). B) de quatro a seis autores – o sobrenome de todos os autores é citado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só o sobrenome do

primeiro autor é mencionado, como abaixo (Pollo, 1997, p.). C) mais de seis autores – no texto, desde a primeira citação, somente o sobrenome do primeiro autor é mencionado, mas nas referências bibliográficas os nomes de todos os autores são relacionados.

5. Quando houver repetição da obra citada na sequência da nota deve vir indicado *Ibid.*, p. (página citada.)
6. Quando houver citação da obra já citada porém fora da sequência da nota, deve vir indicado o nome da obra em *itálico*, op. cit., p. (*Fetischismus*, op. cit., p.317).

referências bibliográficas

Outras informações: consultar a nbr 6023 da ABNT.

Os títulos de livros, periódicos, relatórios, teses e trabalhos apresentados em congressos devem ser colocados em *itálico*. O sobrenome do(s) autor(es) deve vir em caixa alta.

1. Livros, livro de coleção:

- 1.1. LACAN, Jacques. *Autres Ecrits*. Paris: Editions Seuil, 2001.
- 1.2. FREUD, Sigmund. (1905) *Die Traumdeutung*. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. Band II.
- 1.3. FREUD, Sigmund. (1905) A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. II.
- 1.3. LACAN, Jacques. *O seminário - livro 8: A Transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.
- 1.4. LACAN, Jacques. *O seminário: A Identificação (1961-1962): aula de 21 de março de 1962*. Inédito.
- 1.5. LACAN, Jacques. *O seminário: Ato psicanalítico (1967-1968): aula de 27 de março de 1968*. (Versão brasileira fora do comércio).
- 1.6. LACAN, Jacques. *Le séminaire: Le sinthome (1975-1976)*. Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

2. Capítulo de Livro: FOUCAULT, Michel. Du bon usage de la liberté. In: FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique* (p.440-482). Paris: Gallimard, 1972.
3. Artigo em periódico científico ou revista: Quinet, Antonio. A histeria e o olhar. Falo. Salvador, n.1, p.29-33, 1987.
4. Obras antigas com reedição em data posterior: Alighieri, Dante. *Tutte le opere*. Roma: Newton, 1993. (Originalmente publicado em 1321).
5. Teses e dissertações não publicadas: Teixeira, Angélica. A teoria dos quatro discursos: uma elaboração formalizada da clínica psicanalítica. Rio de Janeiro, 2001, 250f. Dissertação. (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
6. Relatório técnico: Barros de Oliveira, Maria Helena. Política Nacional de Saúde do Trabalhador. (Relatório N°). Rio de Janeiro. CNPq., 1992.
7. Trabalho apresentado em congresso mas não publicado: Pamplona, Graça. Psicanálise: uma profissão? Regulamentável? Questões Lacanianas. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Lacan no Século. 2001 Odisseia Lacaniana, I, 2001, abril; Rio de Janeiro, Brasil.
8. Obra no prelo : No lugar da data deverá constar (No prelo).
9. Autoria institucional : American Psychiatric Association. DSM-III-R, Diagnostic and statistical manual of mental disorder (3rd edition revised.) Washington, DC: Author, 1998.
10. CD Room – Gatto, Clarice. Perspectiva interdisciplinar e atenção em Saúde Coletiva. Anais do VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva. Salvador: ABRASCO, 2000. CD-ROM.
11. Home page – Gerbase, Jairo. Sintoma e tempo: aula de 14 de maio de 1999. Disponível em: www.campopsicanalitico.com.br. Acesso em: 10 de julho de 2002.
12. Outras dúvidas poderão ser encaminhadas através do e-mail do(a) diretor(a) da AFCL :: afcl@campolacaniano.com.br que se encarregará de transmitir à Equipe de Publicação de Stylus.

pareceristas do número 15



Ana Laura Prates Pacheco (AFCL)
Andréa Fernandes (AFCL/UFBA)
Ângela Mucida (AFCL/Newton Paiva)
Angélia Teixeira (AFCL/UFBA)
Clarice Gatto (AFCL/FIOCRUZ)
Edson Saggese (IPUB/UFRJ)
Elisabete Thamer (doutoranda Sorbonne-Paris)
Eliane Schermann (AFCL)
Eugenia Krutzen (UF de Natal)
Gabriel Lombardi (U. Buenos Aires)
Kátia Botelho (AFCL)
Nina Virgínia Araújo Leite (UNICAMP)
Raul Pacheco Filho (PUC-SP)

stylus, *m.* 1. (*Em geral*) Instrumento formado de haste pontiaguda. 2. (*Em especial*) Estilo, ponteiro de ferro, de osso ou marfim, com uma extremidade afiada em ponta, que servia para escrever em tabuinhas enceradas, e com a outra extremidade chata, para raspar (apagar) o que se tinha escrito / / *stilum vertere in tabulis*, Cic., apagar (servindo-se da parte chata do estilo). 3. Composição escrita, escrito. 4. Maneira de escrever, estilo. 5. Obra literária. 6. Nome de outros utensílios: a) Sonda usada na agricultura; b) Barra de ferro ou estaca pontiaguda cravada no chão para nela se estetarem os inimigos, quando atacam as linhas contrárias.

Que o dizer da nomeação seja, como qualifiquei, epifania, acontecimento, faz fracassar a prevenção, tão cara às políticas de saúde. Todo o problema para os analistas seria, finalmente, soltar a norma edípica e familiar para buscar e reconhecer as circunstâncias clínicas desse dizer ali onde se apresentam.

Colette Soler

ISSN 1676-157X



9 771676 157138